

Nora Roberts

*Começar
de Novo*

Tradução de Ana Mendes Lopes



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para o Jason e a Kat, agora que vão começar a vossa vida juntos.
Que o jardim que vão plantar possa ganhar raízes fortes, florescer
com as cores e formas que compõem cada um de vós e que ambos
cuidem dele, para os botões ganharem flor.*

PARTE UM

DEMOLIÇÃO

*O passado não pode ser presente;
Não podemos saber o que não somos.
Mas o passado, o presente e o futuro
Estão debaixo do mesmo véu.*

— HENRY DAVID THOREAU

1 .

DE ACORDO COM A LENDA, em certa ocasião o Steve McQueen nadou como veio ao mundo por entre os canaviais e nenúfares do lago da Quinta Pequena. A ser verdade, e Cilla gostava de pensar que sim, o Rei do Cool tinha tirado a roupa e mergulhado depois de fazer *Os Sete Magníficos* e antes de *A Grande Evasão*.

Em algumas versões da lenda, Steve tinha feito mais do que refrescar-se naquela noite quente e húmida de verão — e tinha-o feito com a avó de Cilla. Não obstante naquela altura estarem ambos casados com outras pessoas, a lenda transmitia mais diversão do que desdém. E uma vez que ambas as partes já haviam morrido há muito, nenhum dos dois podia confirmar ou desmentir.

Mas por outro lado, pensou Cilla enquanto observava a água escura coberta de nenúfares, tanto quanto fosse do seu conhecimento, nenhum dos dois se tinha dado ao trabalho de confirmar ou negar quando ainda tinham possibilidade de o fazer.

Fosse verdade ou mentira, imaginava que Janet Hardy, a encantadora, a trágica, a brilhante e a perturbada, tivesse gostado bastante da agitação. Até mesmo os ícones precisavam de um abanão de vez em quando.

Sob o brilho dourado do Sol, com o frio intenso de março a refrescar-lhe o rosto, Cilla parecia vê-lo na perfeição. A noite abafada de verão, o reflexo azul da Lua resplandecente. Os jardins estariam no seu melhor momento e o ar impregnado de um aroma deslumbrante. A água devia estar tão fresca e sedosa sobre a pele, e a cor do chá de camomila com flores brancas e rosadas a flutuar como pérolas lustrosas.

Janet também estaria no seu melhor momento, pensou Cilla. O cabelo em cachos dourados livres, caídos sobre os ombros brancos... não, os ombros também estariam dourados, do bronzeado de verão. Ombros dourados na água cor de chá e os olhos azuis glaciares brilhantes com o riso — e muito provavelmente com o consumo heroico de álcool.

Cilla imaginava a música a espalhar-se brilhante pela noite, como os pirilampos que tremeluziam sobre os campos férteis, os relvados ave-ludados. As vozes dos convidados de fim de semana, que cirandavam pelos relvados, alpendres e pátios, tão brilhantes como a música. As estrelas tão luminosas como aquelas que brilhavam sobre a sua cabeça, como se fossem pequenas joias espalhadas, longe da tal Lua resplandecente.

Pedaços de sombras escuras, pontilhados pelas luzes coloridas dos candeeiros.

Sim, devia ter sido assim. O mundo de Janet tinha sido um misto de luz brilhante e da mais completa escuridão. Sempre.

Cilla esperava que ela tivesse mergulhado naquele lago sem o menor constrangimento por estar nua, embriagada, alegre e feliz. E completamente desconhecedora do facto de que a sua vida ocupada, desesperada e gloriosa ia acabar menos de uma década depois.

Antes de se afastar do lago, Cilla colocou-o na lista do grosso bloco de notas. Precisava de ser limpo, a água analisada e de ser ecologicamente equilibrado. Tomou mais uma nota para pesquisar sobre gestão e manutenção de lagos antes de tentar fazer qualquer uma das tarefas, ou então contratar um especialista.

A seguir vinham os jardins. Ou o que restava deles, pensou, enquanto atravessava a erva alta e irregular. Tinha ervas daninhas, verdadeiros cobertores de trepadeiras, arbustos descontrolados com ramos que se espetavam nas vides como ossos partidos, arruinando o que outrora fora simplesmente estupendo. Mais uma metáfora, pensou Cilla, para a beleza que muitas vezes se deixava sufocar e enterrar pela fealdade.

Decidiu que ia precisar de ajuda. De uma ajuda considerável. Por muito que quisesse dedicar-se àquele projeto, meter as mãos ao trabalho, não podia fazer tudo, limpar, cortar, partir, queimar e reconstruir sozinha.

O orçamento ia ter de incluir uma equipa de paisagistas. Tomou nota da necessidade de examinar fotografias antigas dos jardins, de comprar alguns livros sobre design paisagista para aprender um pouco sobre a matéria e de contactar alguns paisagistas locais para lhes pedir orçamentos.

Observou os relvados arruinados, as vedações caídas, o velho e triste celeiro que estava cinzento de tanta sujidade e que mostrava bem o efeito do tempo. Em certa altura houvera ali galinhas — ou pelo menos assim lhe contaram —, um par de cavalos bonitos, campos de cereais bem arrançados e um próspero pomar de árvores de fruto. Queria acreditar — talvez precisasse de acreditar — que podia trazer tudo isso de volta. Que na primavera seguinte, em todas as primaveras que se seguissem, ia poder estar no mesmo sítio onde estava agora a admirar as flores a rebentar e a florescer e ver a vida a chegar ao jardim da avó.

Um jardim que agora era seu.

Viu-o como era e como tinha sido, através dos olhos azuis glaciares sob a sombra da pala do boné *Rock the House*. O cabelo, mais cor de mel do que pó dourado, saía pela parte de trás do boné num rabo de cavalo comprido e desalinhado. Usava uma camisola de capuz por cima dos ombros fortes e do tronco comprido, calças de ganga desbotadas e botas

que comprara há anos para uma caminhada pelas Montanhas Blue Ridge. As mesmas que agora subiam em direção ao céu.

Tinham passado tantos anos, pensou. Desde a última vez que ali estivera, na Costa Leste. Fora nessa altura que as sementes do que ia fazer agora tinham sido lançadas.

Isso não fazia com que os últimos quatro — ou cinco — anos de negligência e abandono fossem também responsabilidade sua? Podia ter insistido mais cedo, podia ter *exigido*. Podia ter feito alguma coisa.

— Bem, estou a fazê-lo agora — lembrou-se. Não ia culpar-se mais pelo atraso do que se culpava pela manipulação e argumentos azedos a que recorrera para obrigar a mãe a entregar-lhe a propriedade.

— Agora é tua, Cilla — disse para com os seus botões. — Não dês cabo de tudo.

Virou-se, preparou-se e começou a caminhar por entre as ervas altas e arbustos da velha quinta onde Janet Hardy tinha dado festas brilhantes, ou onde descansara por entre os papéis que desempenhava. E onde, numa noite abafada do verão de 1973, acabou com a própria vida.

Pelo menos era o que dizia a lenda.

HAVIA FANTASMAS. Pressenti-los era quase tão cansativo como avaliar os três andares a ameaçar a ruína, encarar a sujidade, o pó e um estado de degradação desencorajador. Os fantasmas, pressupôs Cilla, tinham mantido o vandalismo e a ocupação ilegal no mínimo. As lendas tinham a sua utilidade, pensou.

Já tinha mandado ligar a eletricidade e comprara bastantes lâmpadas, assim como uma quantidade de detergentes que esperava que fossem suficientes para começar a limpar. Já tinha metido os papéis para as autorizações de renovação e procurado empreiteiros locais.

Estava na altura de começar a fazer qualquer coisa.

Depois de organizar as suas prioridades, começou pela primeira das quatro casas de banho que há seis anos não viam uma escova.

E suspeitava que os anteriores inquilinos não se tinham preocupado muito com estas questões durante a sua estadia.

— Isto podia estar mais nojento — resmungou enquanto raspava e esfregava. — Podia haver aqui cobras e ratazanas. Oh, Cristo, cala-te. Só estás a chamá-los.

Depois de duas horas de trabalho árduo e de inúmeros baldes de água suja, pensou que já podia arriscar usar a casa de banho sem ter de ser vacinada primeiro. Carregada com água engarrafada, desceu as escadas de serviço para se dedicar a seguir à limpeza da grande cozinha.

Ao olhar para o azul-bebé e branco laminado da robusta bancada, Cilla questionou-se de quem teria sido a ideia de fazer aquela renovação e por que motivo essa pessoa presumira que aquela bancada ia ficar bem com o maravilhoso fogão *O'Keefe & Merrit* e com o frigorífico *Coldspot*.

Esteticamente falando, a cozinha estava a roçar o hediondo, mas a limpeza vinha primeiro.

Abriu a porta das traseiras para arejar a cozinha, voltou a colocar as luvas e abriu o forno com toda a descontração.

— Oh, chiça!

Enquanto a maior parte de uma lata de detergente para fornos fazia efeito, começou por limpar as grelhas do forno, os bicos do fogão, a tampa e a chaminé. Uma fotografia saltou-lhe para a memória. Janet, com um avental aos folhos por cima de um vestido com uma cinturinha de vespa, cabelo cor do sol apanhado num atrevido rabo de cavalo, a mexer qualquer coisa numa panela grande. A sorrir para a máquina enquanto os dois filhos olhavam para ela com adoração.

Era uma sessão fotográfica para publicidade, lembrou-se Cilla. Para uma revista feminina, *Redbook* ou *McCalls's*. O velho fogão, com a grelha central, brilhava como esperança renovada. Ia voltar a brilhar, prometeu Cilla. Um dia ia mexer uma panela naquele mesmo fogão, provavelmente com a mesma dose de competência fingida da avó.

Estava a começar a agachar-se para ver como estava a correr a limpeza do forno quando saltou surpreendida ao ouvir o seu nome.

Ele estava à entrada, com o sol a formar um halo em redor do cabelo louro-prateado. O sorriso aprofundava-lhe as rugas do rosto, ainda tão bonito, e tornava os calmos olhos cor de avelã mais calorosos.

O coração de Cilla deu um pulo passando da surpresa ao agrado e depois deu outro de constrangimento.

— Pai.

Quando ele avançou com os braços abertos para lhe dar um abraço, ela levantou as mãos e recuou.

— Não, não faças isso. Estou completamente suja. Estou coberta de... nem sequer quero saber o quê. — Passou com a parte de trás do pulso pela testa, depois debateu-se com as luvas. — Pai — repetiu.

— Estou a ver aí um bocadinho limpo. — Levantou-lhe o queixo com a mão e deu-lhe um beijo no rosto. — Olha bem para ti.

— Preferia que não olhasses. — Mas depois de lhe passar o constrangimento inicial, Cilla riu-se. — O que estás a fazer aqui?

— Alguém te reconheceu na cidade quando foste comprar materiais e disse à Patty. E a Patty ligou-me — disse, referindo-se à sua mulher. — Porque não me disseste que vinhas?

— Ia dizer. Quero dizer, ia ligar-te. — Um dia destes. Ia acabar por ligar. Quando descobrisse o que tinha para lhe dizer. — Só queria tratar um pouco disto primeiro, mas depois... — Olhou de relance para o forno. — Fiquei para aqui entretida.

— Pois, estou a ver. Então, quando chegaste?

A culpa atormentou-lhe a consciência.

— Olha, vamos para o alpendre da frente. Aquele lado não está muito mau e tenho uma arca refrigeradora lá fora com umas sandes de carne fria à nossa espera. Deixa-me só limpar-me um pouco e já pomos a conversa em dia.

A parte da frente não estava muito má, pensou Cilla quando se sentou nos degraus desnivelados ao lado do pai, mas estava suficientemente má. Podia tratar da relva demasiado grande e cheia de ervas daninhas, do trio de pereiras Bradford sem grande forma e de um grande emaranhado de trepadeiras que achava que seriam glicínias. Ia tratar de tudo. Mas a maravilhosa magnólia cor-de-rosa, densa com as suas folhas lustrosas e profundas, e os teimosos dos narcisos, entrelaçavam-se na armadura espinhosa das rosas trepadeiras ao longo dos muros de pedra.

— Desculpa não ter ligado — começou por dizer Cilla enquanto entregava ao pai uma garrafa de chá gelado para acompanhar a metade da sandes que lhe cabia. — Desculpa não ligar muito.

Ele deu-lhe uma palmadinha no joelho, abriu-lhe a garrafa e depois abriu a sua.

Era mesmo típico do pai, pensou ela. Gavin McGowan aceitava as coisas como elas lhe chegavam — o bom, o mau e o medíocre. Como se tinha apaixonado pelo precipício que era a mãe de Cilla era algo que a intrigava. Mas isso já tinha sido há muito tempo, muito longe no passado, pensou Cilla.

Deu uma dentada na sua parte da sandes.

— Sou uma má filha.

— A pior — disse o pai, fazendo-a rir.

— E a Lizzie Bordon?

— É a segunda pior. Como está a tua mãe?

Cilla deu nova dentada na sandes e revirou os olhos.

— Neste momento a Lizzie está definitivamente atrás de mim no que diz respeito à tabela da mãe. Mas de resto, está bem. O Número Cinco está a fazer-lhe verdadeiras cenas de cabaré. — Ao ver a expressão silenciosa do pai, Cilla encolheu os ombros. — Julgo que quando a média de duração dos casamentos é de cerca de três anos, atribuir números aos maridos é prático e eficiente. Ele não é mau. É melhor do que os Números Quatro e Dois e bastante mais inteligente que o Número Três.

É por causa dele que estou aqui sentada a partilhar uma sandes com o eternamente inigualável Número Um.

— Como assim?

— Bem, é preciso dinheiro para aquele cabaré todo. E eu tinha algum dinheiro.

— Cilla.

— Espera, espera. Eu tinha algum dinheiro e ela tinha uma coisa que eu queria. Queria ficar com esta casa, pai, já a queria há algum tempo.

— Tu...

— Sim, comprei a quinta. — Cilla atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. — E ela está *tão* danada comigo. Sabe Deus que não queria a quinta para nada. Quero dizer, olha para isto. Ela não vem aqui há anos, há *décadas*; despediu todos os administradores, feitores e conservadores. Não ma queria dar e foi um erro ter-lha pedido há um par de anos. Mas também não ma queria vender.

Deu uma nova dentada na sandes, apreciando-a.

— Fui recebida com a expressão de tragédia no rosto, com o discurso sobre a Janet. Só que agora ela precisava de dinheiro e queria que eu investisse. Disse-lhe um não redondo e seguiu-se uma enorme briga, com muito drama à mistura. Eu disse-lhe, a ela e ao Número Cinco, que comprava a quinta; propus-lhes um valor e deixei bem claro que seria firme.

— Então ela vendeu-ta. Vendeu-te a Quinta Pequena.

— Depois de se fartar de ranger os dentes, de chorar e de emitir lamentosas opiniões sobre o meu terrível comportamento enquanto filha desde o dia em que nasci. E por aí fora. Não importa. — Ou quase não importava, pensou Cilla. — Ela não queria a quinta; eu queria. Se a propriedade não estivesse protegida por testamento, há muito que ela a teria vendido. Mas só podia ser vendida e transferida dentro da família até, quê, 2012? De qualquer maneira, o Número Cinco acalmou-a e toda a gente ficou com aquilo que queria.

— O que vais fazer com ela, Cilla?

Vou viver, pensou. *Respirar*.

— Lembras-te como isto era, pai? Eu só a vi em fotografias e em filmes antigos da família, mas tu estiveste aqui nos seus tempos áureos. Quando os relvados eram lindos e os alpendres brilhavam. Quando tinha personalidade e graciosidade. É isso que vou fazer com ela. Vou trazer o brilho de volta.

— Porquê?

Cilla ouviu o “*Como?*” mudo do pai e disse para si própria que não

fazia mal que o pai não soubesse o que ela podia fazer. Ou quase não fazia mal.

— Porque merece mais do que isto. Porque acho que Janet Hardy merece melhor do que isto. E porque posso fazê-lo. Há quase cinco anos que me dedico à renovação de casas. Há dois que o faço praticamente sozinha. Sei que nenhum dos meus anteriores projetos foi a esta escala, mas tenho jeito para estas coisas. Tive um lucro bastante bom nas anteriores casas.

— Estás a fazer isto a pensar no lucro?

— Posso mudar de ideias durante os próximos quatro anos, mas para já? Não. Nunca conheci a Janet, mas ela influenciou todos os aspetos da minha vida. Há alguma coisa neste lugar que a atraía, mesmo no fim. E atrai-me a mim também.

— É muito diferente daquilo que conheces — disse Gavin. — E não estou a falar apenas das distâncias, mas da atmosfera. Da cultura. Esta parte do Vale de Shenandoah é ainda bastante rural. A Skyline Village tem poucos milhares de habitantes e mesmo as cidades maiores, como Front Royal e Culpepper, não são nada semelhantes a Los Angeles.

— Acho que quero explorar essa diferença e quero passar mais tempo em contacto com as minhas raízes da Costa Leste. — Desejou que o pai ficasse satisfeito, em vez de preocupado que ela voltasse a falhar ou a desistir. Mais uma vez. — Estou cansada da Califórnia. Estou cansada daquilo tudo, pai. Nunca quis a vida que a mãe queria, para mim e para ela.

— Eu sei, querida.

— Por isso vou viver aqui durante algum tempo.

— *Aqui?* — O choque toldou-lhe o rosto. — Vais viver aqui? Na Quinta Pequena?

— Eu sei, é uma loucura. Mas já fui acampar muitas vezes, que é o que vou fazer aqui nos próximos dias. E posso viver sem grandes comodidades durante mais algum tempo. Vou demorar nove, dez meses, talvez um ano a fazer a renovação como deve ser feita. Quando esse tempo chegar ao fim, já vou saber se quero ficar ou seguir em frente. Se for para seguir em frente, logo vejo o que vou fazer em relação à casa. Mas por agora, pai, estou cansada de seguir em frente.

Gavin ficou em silêncio durante um instante e colocou o braço por cima dos ombros de Cilla. Faria ele alguma ideia de como aquela demonstração casual de apoio era importante para ela?, questionou-se Cilla. Seria capaz de a entender?

— Isto aqui era lindo, lindo, cheio de vida e felicidade — disse ele. — Os cavalos a pastar, o cão a dormir ao sol. As flores eram maravilho-

sas. Acho que, quando estava cá, a Janet fazia alguma jardinagem. Dizia que vinha para cá para descansar. E descansava, embora fosse por breves períodos. Mas depois começava a necessitar de gente, é a minha opinião. Precisava do barulho e das gargalhadas, das luzes. Ainda assim, de vez em quando vinha sozinha. Sem amigos, família ou imprensa atrás. Sempre me questioneei o que faria ela durante essas visitas solitárias.

— Conheceste a mãe aqui.

— Conheci. Éramos miúdos e a Janet organizou uma festa para a Dilly e para o Johnnie. Convidou muitas das crianças locais. A Janet achou-me piada, por isso convidavam-me a vir cá a casa sempre que estavam na cidade. O Johnnie e eu brincávamos juntos e ficámos bons amigos até ao início da adolescência, quando ele se começou a dar com um tipo diferente de pessoas. Depois morreu. O Johnnie morreu e tudo ficou envolto numa nuvem escura. Depois disso, a Janet voltava sozinha com mais frequência. Quando eu vinha para casa, da faculdade, costumava subir ao muro para ver se ela cá estava, se a Dilly tinha vindo com ela. Costumava vê-la a andar sozinha, ou as luzes acesas. Depois de o Johnnie morrer, falei com ela três ou quatro vezes. Depois desapareceu. Desde essa altura que as coisas aqui nunca mais foram como eram antes. A casa merece algo melhor, sim — disse ele com um suspiro. — E a Janet também. Tu és a única que alguma vez podia tentar dar-lhes isso. E és bem capaz de ser a única que o consegue fazer.

— Obrigada.

— A Patty e eu ajudamos-te. Podias ficar na nossa casa até esta estar minimamente habitável.

— Aceito a tua ajuda, mas quero ficar aqui. Quero sentir a pulsação deste sítio. Já pesquisei um pouco, mas preciso de algumas recomendações de trabalhadores locais, especializados e sem serem especializados. Canalizadores, eletricitas, carpinteiros, jardineiros. E de pessoas com bons braços para trabalhar, que sejam capazes de seguir ordens.

— Pega lá no teu bloco de notas.

Cilla levantou-se, começou a dirigir-se para a porta, mas depois virou-se.

— Pai, se as coisas tivessem resultado entre ti e a mãe, terias ficado ligado à indústria? Terias ficado em Los Angeles?

— Talvez. Mas nunca fui feliz enquanto lá estive. Ou pelo menos não fui feliz durante muito tempo. Além de que não era um grande ator.

— Eras bom.

— Era suficientemente bom — disse ele com um sorriso. — Mas não queria o que a Dilly queria, nem para ela nem para mim. Por isso,

entendo perfeitamente o que sentes quando disseste a mesma coisa. Ela não tem culpa que queiramos outra coisa para nós, Cilla.

— Encontre aqui o que querias.

— Sim, mas...

— Isso não quer dizer que eu também vá encontrar — disse ela. — Eu sei. Mas pode ser que encontre.

CILLA PRESSUPUNHA QUE PRIMEIRO tinha de descobrir o que queria realmente. Durante mais de metade da vida tinha feito o que a mandavam fazer e aceitava-o como aquilo que *devia* fazer. Era forçada a admitir que passara a maior parte do tempo a fugir ou a ignorar tudo o resto, ou então a compartimentar as coisas como se elas acontecessem a outra pessoa qualquer.

Começara a ser atriz antes mesmo de aprender a falar, porque era isso que a mãe queria. Passara a infância a fazer de conta que era outra criança — que era muito mais gira, inteligente e querida do que era. Quando este tempo chegou ao fim, debateu-se durante os anos que os agentes e produtores consideram os “anos difíceis”, e o trabalho era escasso. Gravou um desastroso álbum mãe e filha com Dilly e entrou num punhado de filmes de adolescentes, arrasados pela crítica, embora se considerasse uma sortuda por ter sido cruelmente assassinada.

Tinha esgotado a sua imagem antes de fazer dezoito anos, pensou, enquanto descia da cama do quarto de motel. Era uma ex-futura estrela, uma o-que-é-feito-dela, que colecionava papéis enquanto atriz convidada em programas de televisão e locuções de anúncios.

Mas as repetições contínuas das séries de televisão e alguns filmes de categoria B entretanto esquecidos proporcionaram-lhe um pé-de-meia confortável. Tinha sido inteligente em poupar o dinheiro, porque assim pôde permitir-se experimentar outras coisas, para ver se lhe agradavam.

A mãe dizia que ela estava a desperdiçar o talento que Deus lhe dera e a psicóloga dizia que era uma forma de evitar a realidade.

Cilla achava que era uma curva de aprendizagem.

Não obstante o que se lhe chamasse, tinha-a trazido àquele motel um pouco foleiro na Virgínia, com a perspectiva de trabalho duro, escaldante e dispendioso durante os próximos meses. Mal podia esperar por começar.

Ligou a televisão, pretendendo usá-la como ruído de fundo enquanto se sentava na cama de colchão irregular e passava nova revista às suas anotações. Ouviu algumas latas de bebida a cair na máquina de vendas automáticas que ficava a poucos metros da porta do quarto. Por

trás da sua cabeça, o som fantasmagórico da televisão do quarto ao lado chegava-lhe através da parede.

Enquanto a televisão exibia o noticiário local, Cilla fez uma lista de prioridades para o dia seguinte. Número um, pôr uma casa de banho a funcionar. Acampar não era um problema para si, mas se ia sair do motel, precisava de ter as comodidades básicas. O trabalho árduo precisava de um chuveiro em funcionamento. As canalizações eram portanto a sua primeira prioridade.

A meio da lista, começou a ficar com os olhos pesados. Recordando-se de que queria sair do motel e estar em casa por volta das oito, desligou a televisão e a seguir a luz.

Enquanto caía no sono, os fantasmas do quarto ao lado deslizaram através da parede. Ouviu a voz gloriosa de Janet Hardy a entoar uma canção composta para partir corações.

— Perfeito — murmurou Cilla, enquanto a canção a seguia até ao sono.

ESTAVA SENTADA no adorável pátio com vista para o bonito lago e as colinas verdejantes que se estendiam até às montanhas azuladas. As rosas e os lírios enchiam o ar com o seu perfume, fazendo com que as abelhas zumbissem inebriadas e que um colibri, de um verde vivo cor de esmeralda, colhesse o seu néctar. O Sol brilhava forte e luminoso no céu límpido, banhando o espaço com uma luz dourada própria de um conto de fadas. Os pássaros chilreavam numa harmonia apenas encontrada nos filmes da Disney.

— Não tarda nada aparece-me aqui o Bambi com o Tambor atrás — comentou Cilla.

— Eu também a via assim. Nos bons tempos. — Janet apareceu a brilhar em tons de limonada, jovem, com um vestido branco lindo. — Tão perfeita como um cenário, pronta para a minha entrada em cena.

— E nos tempos maus?

— Era um escape, uma prisão, um erro, uma mentira. — Janet encolheu os ombros maravilhosos. — Mas sempre um mundo à parte.

— Trouxeste esse mundo contigo. Porquê?

— Porque precisava dele. Não conseguia estar sozinha. Quando se está sozinha, há demasiado espaço. Como se enche esse espaço? Com amigos, com homens, com sexo, com drogas, com festas e música. Mesmo assim, durante algum tempo conseguia ficar aqui em sossego. Aqui conseguia fazer de conta, fingir que era novamente a Gertrude Hamil-

ton. Embora ela tenha morrido quando eu tinha seis anos, no mesmo dia em que a Janet Hardy nasceu.

— Querias voltar a ser a Gertrude?

— Claro que não. — Uma gargalhada, luminosa, brilhante e atrevida como o dia, dançou no ar. — Mas gostava de fazer de conta que sim. A Gertrude teria sido uma mãe melhor, uma esposa melhor, provavelmente uma mulher melhor. Mas não teria sido nem de longe nem de perto tão interessante como a Janet. Quem havia de se lembrar dela? E da Janet? Nunca se vão esquecer dela. — Janet fez o seu sorriso característico, com a cabeça inclinada para o lado; humor e conhecimento com uma pitada de sexo. — Tu és prova disso, não és?

— Talvez seja. Mas encaro o que aconteceu contigo e com este lugar como um terrível desperdício. Não posso trazer-te de volta, nem sequer te conheci. Mas posso fazer isto.

— Estás a fazer isto por ti ou por mim?

— Acho que pelas duas. — Viu o pomar, cheio de flores cor-de-rosa e brancas, com todo o seu perfume e potencial. E os cavalos a pastar nos campos verdes, dourados e brancos que se espalhavam até às colinas. — Não a vejo como um cenário perfeito. Não preciso da perfeição. Vejo esta propriedade como o legado que me deixaste e se puder recuperá-la, como o meu tributo a ti. Venho de ti e deste lugar, através do meu pai. Quero ter consciência disso e senti-lo.

— A Dilly detestava estar aqui.

— Não sei se sempre detestou. Mas agora detesta.

— Ela queria Hollywood, em letras grandes e brilhantes. Já nasceu com este desejo, mas não tem o talento ou a determinação necessários para conseguir obter o sucesso e segurá-lo. Tu não és como ela, ou como eu. Talvez... — Janet sorriu enquanto bebia um gole. — Talvez sejas mais como a Gertrude. Como a Trudy.

— Quem mataste naquela noite? A Janet ou a Gertrude?

— Aí está uma boa pergunta. — Com um sorriso, Janet inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

MAS QUAL ERA A RESPOSTA?, Cilla questionou-se enquanto conduzia de regresso à quinta, naquela manhã. E por que motivo era a resposta importante? De que valia fazer perguntas a um sonho?

Afinal, um morto era um morto. Aquele projeto não era sobre a morte, mas sim sobre a vida. Sobre construir qualquer coisa boa para si a partir de ruínas.

Quando parou para abrir o portão de ferro que bloqueava o cami-

nho de acesso a casa, debateu-se sobre se devia mandar retirá-lo. Seria um símbolo de que o que outrora estava fechado se voltara a abrir, ou seria uma ideia absolutamente estúpida que deixava a propriedade, e ela, mais vulneráveis? Quando o abriu, o portão rangeu e deixou-lhe as mãos sujas de ferrugem.

Que se lixassem os símbolos e a estupidez, decidiu. O portão ia sair porque era uma chatice para abrir. Depois de concluído o projeto, podia voltar a instalá-lo.

Depois de estacionar em frente à casa, subiu os degraus para abrir a porta da frente e deixou-a aberta para trás, para que o ar da manhã entrasse. Vestiu as luvas de trabalho. Ia acabar de tratar da cozinha, pensou. E esperar que o canalizador que o pai recomendara aparecesse.

De qualquer maneira, ia ficar ali. Mesmo que tivesse de montar uma maldita tenda de campismo no jardim da frente.

Já tinha feito uma boa porção do trabalho destinado à manhã quando o canalizador, um homem de rosto magro chamado Buddy, apareceu. Deu uma volta à casa com Cilla, ouviu os planos que ela tinha feito e coçou o queixo amiúde. Quando lhe deu um orçamento que ela achou absolutamente improvisado, respondeu-lhe com um olhar inexpressivo.

Ele sorriu amplamente e voltou a coçar o queixo.

— Posso fazer-lhe um orçamento um pouco mais formal. Mas seria consideravelmente mais baixo se decidisse comprar os materiais e loiças.

— E vou comprar.

— Então está bem. Vou fazer uma estimativa e depois voltamos a conversar.

— Acho ótimo. Entretanto, quanto leva por desentupir a banheira da primeira casa de banho lá de cima? A água não escoa.

— Porque não vou lá dar uma vista de olhos? É de graça. E de qualquer maneira, vim cá para ver como estão as coisas.

Cilla ficou junto a ele, não porque não confiasse em Buddy, mas porque nunca se sabia quando podia aprender qualquer coisa. Aprendeu que ele não era mandrião e que o valor que levava por aquela pequena tarefa — assim como pela vista de olhos que deu ao lavatório e à sanita — significava que queria aquele trabalho o suficiente para que o orçamento não fosse também muito exagerado.

Quando Buddy regressou à sua carrinha, Cilla esperou que o carpinteiro e o electricista que tinha contactado fossem igualmente bons.

Pegou no bloco de notas e riscou o encontro com Buddy da lista de coisas a fazer. Depois pegou no martelo de demolir. Estava com vontade de deitar qualquer coisa abaixo e as tábuas apodrecidas do alpendre da frente eram o local ideal para começar.

2 .

COM O MARTELO APOIADO NO OMBRO e os óculos de proteção no rosto, Cilla observou atentamente o homem que vinha a subir o caminho de acesso. Um cão branco e preto, feioso como os cães dos desenhos animados, com uma cabeça enorme num corpo pequeno e gorducho, trotava ao lado dele.

Ela gostava de cães e esperava poder um dia ter um. Mas aquele tinha um aspeto estranho, com os olhos esbugalhados e umas diabólicas orelhas pontiagudas espetadas no cimo da enorme cabeça. Uma cauda curta e estreita agitava-se na parte de trás do corpo.

Quanto ao homem, era bastante mais bonito do que o cão. As calças de ganga desbotadas e de bainhas desfiadas, com uma camisola cinzenta larga, escondiam o que Cilla julgou ser cerca de um metro e noventa de homem magro e de pernas altas. Usava uns óculos de aros de arame e as calças tinham um rasgão horizontal num dos joelhos. Uma barba com talvez dois dias cobria-lhe o rosto e queixo, compondo um aspeto que ela sempre achara demasiado estudado para ser inovador. Ainda assim, condizia com o abundante cabelo castanho matizado que se enrolava desalinhado sobre as orelhas.

Ela não confiava num homem de cabelo matizado e achou que o bronzeado também devia vir de algum salão da cidade. Não era aquele o tipo de homem que deixara em L.A.? Embora aqueles elementos aparentassem ser basicamente inofensivos e os lábios dele tivessem um sorriso descontraído, que só valorizava a boca bem definida, Cilla deu por si a segurar o martelo com mais força.

Se fosse preciso, usava-o para mais do que destruir as tábuas apodrecidas.

Não precisou de olhar para os olhos dele para perceber que ele também a estava a avaliar com afincos.

Ele parou na base dos degraus do alpendre, enquanto o cão os subia para cheirar as botas de Cilla — embora o som que fazia fosse mais parecido com as fungadelas de um porco.

— Olá — disse ele com um sorriso um pouco maior. — Posso ajudar-te?

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Com quê?

— Com o que quer que estejas a pensar fazer. Estava aqui a questionar-me o que será, uma vez que tens um martelo bem grande na mão

e isto é uma propriedade privada. — Prendeu os polegares nos bolsos e continuou a falar com o sotaque arrastado e descontraído da Virgínia. — Não te pareces muito com um vândalo.

— És polícia?

O sorriso era agora completamente rasgado.

— Pareço-me tanto com um polícia como tu com um vândalo. Ouve, não quero estar a meter-me na tua vida, mas se estás a pensar em levar algumas coisas aqui de casa e pô-las à venda no eBay, acho que é melhor reconsiderares.

Como o martelo era pesado, Cilla levantou-o do ombro. Enquanto o descia, ele nem se mexeu; depois apoiou a cabeça no alpendre. Mas sentiu-o a preparar-se.

— EBay?

— Vai dar mais trabalho do que aquilo que vale. Quem é que vai acreditar que estás a vender um pedaço original da casa de Janet Hardy? Por isso, porque não te vais embora? Eu fecho tudo e não se pensa mais nisso.

— És o conservador da propriedade?

— Não. Há alguém que os continua a despedir a todos. Sei que parece que ninguém liga nenhuma a esta casa, mas também não podes entrar por aqui adentro e começar a demolir coisas.

Fascinada, Cilla levantou os óculos de proteção para cima da cabeça.

— Se ninguém liga nenhuma à casa, porque estás tão preocupado?

— Não me consigo controlar, ao que parece. E talvez admire a coragem para abrir cadeados e andar com martelos de demolição em plena luz do dia, mas, agora a sério, tens de te ir embora. A família da Janet Hardy pode não querer saber se a casa vem abaixo com a próxima ventania, mas... — A voz dele desvaneceu-se e puxou os óculos de sol um pouco para baixo no nariz; espreitou por cima da armação antes de os tirar e os balançar descontraidamente numa das hastes. — Estou mesmo lento esta manhã — disse. — Vamos atribuí-lo ao facto de só ter bebido um gole de café antes de ver a tua carrinha aqui, o portão aberto e por aí fora. Cilla... McGowan. Demorei um minuto a reconhecer-te. Tens os olhos da tua avó.

Os dele eram verdes, Cilla reparou, com o sol a fazer sobressair a cor, salpicada de flocos dourados.

— Acertaste em ambas. Quem és tu?

— Sou o Ford. Ford Sawyer. E o cão que está a lamber-te as botas é o *Spock*. Vivemos do outro lado da estrada. — Espetou um polegar por cima do ombro, conduzindo o olhar dela para uma velha e irregular casa

vitoriana, empoleirada numa bonita elevação de terreno, mesmo do outro lado da rua. — Não vais tentar esmagar-me a cabeça se tentar subir os degraus do alpendre, pois não?

— Provavelmente não. Se me disseres por que motivo apareceste aqui hoje e não me viste ontem durante todo o dia, nem reparaste que Buddy, o canalizador e uma série de trabalhadores saíram daqui há meia hora.

— Ontem ainda estava nas Caimão. Tirei alguns dias de férias. Acho que não vi os trabalhadores porque há meia hora estava a tentar sair da cama. Bebi a primeira chávena de café na varanda da frente. Foi quando vi a tua carrinha e o portão. Que tal?

Parecia uma explicação razoável, decidiu Cilla. E talvez o bronzeado e o matizado fossem apenas um resultado natural do sol. Apoiou o martelo ao parapeito do alpendre.

— Enquanto uma das pessoas que quer saber desta propriedade, agradeço que estejas a tentar protegê-la.

— Não há problema. — Subiu os degraus até ficar um degrau abaixo dela. Uma vez que os olhos de ambos estavam ao mesmo nível e Cilla tinha um metro e setenta, calculou que a sua estimativa de um metro e noventa para a altura de Ford era certa. — O que planeias fazer com esse martelo?

— As tábuas estão podres. O alpendre precisa de ser reconstruído e não se pode reconstruir sem demolir primeiro.

— Um alpendre novo, Buddy, o canalizador, que já agora, parece saber muito do seu ofício, vários trabalhadores. Parece que planeias reconstruir a casa.

— É isso mesmo que pretendo fazer. Tu pareces ter os braços fortes. Queres trabalho?

— Já tenho um, e as ferramentas não são lá muito minhas amigas. Mas obrigado. *Spock*, diz olá.

O cão sentou-se, inclinou a cabeça e levantou uma pata.

— Que querido. — Cilla fez-lhe a vontade, curvou-se e aceitou a pata para o cumprimentar, enquanto os olhos esbugalhados de *Spock* brilhavam. — Que tipo de cão é ele?

— Um cão de quatro patas. Vai ser agradável olhar para aqui e ver a casa como imagino que tenha sido. Vais arranjar-lá para vender?

— Não. Vou arranjar-lá para viver aqui. Por enquanto.

— Bem, é um local muito bonito. Ou pode vir a ser. O teu pai é o Gavin McGowan, não é?

— É. Conhece-lo?

— Foi meu professor de Inglês, no último ano do secundário. Tive

muito boas notas no fim, depois de muito suor e lágrimas. O senhor McGowan obrigava-nos a trabalhar até cair. Bem, deixo-te a destruir as tuas tábuas. Trabalho em casa, por isso estou aqui a maior parte do tempo. Se precisares de alguma coisa, apita.

— Obrigada — disse ela, sem a menor intenção de o chamar. Voltou a colocar os óculos de proteção e pegou no martelo enquanto ele voltava a descer o caminho de acesso, com o cão a saltitar ao seu lado. Depois, cedeu ao impulso: — Ei! Quem é que dá o nome de um carro ao filho?

Ele virou-se e voltou para trás.

— A minha mãe tem um sentido de humor considerável e um pouco invulgar. Diz que o meu pai me plantou dentro dela enquanto estavam entretidos a embaciatar as janelas do *Ford Cutlass* dele, numa fresca noite de primavera. É capaz de ser verdade.

— Bem, se não é, devia ser. Vemo-nos por aí.

— Muito provavelmente.

QUE DESENVOLVIMENTOS FASCINANTES, matutou Ford na varanda enquanto bebia uma chávena de café acabado de fazer; era um ritual matutino, um pouco adiado naquela manhã. Ali estava ela, um longo corpo de água e olhos azuis cor de gelo, a dar cabo do velho alpendre.

O martelo devia ser bastante pesado. A miúda tinha força.

— Cilla McGowan — disse para *Spock*, enquanto o cão corria pelo jardim em perseguição de gatos imaginários — mudou-se mesmo para o outro lado da rua. — Não era um espetáculo? Ford recordou-se de que a irmã tinha praticamente idolatrado a Katie Lawrence, a miúda a que Cilla dera vida durante cinco, seis, sete anos. Quem diria? Lembrava-se de Alice andar por todo o lado com uma lancheira da série, *Our Family*, de brincar com uma boneca com o rosto da Katie e de andar orgulhosamente com uma mochila da Katie às costas.

Uma vez que Alice tinha tendência para acumular tudo e mais alguma coisa, Ford desconfiava que ela ainda devia ter as recordações de *Our Family* e de Katie algures no Ohio, onde vivia agora. Queria ver se não se esquecia de lhe enviar um e-mail para lhe fazer negaças com a nova vizinha.

Na altura, a longa série em que Cilla entrava era demasiado insípida para Ford. Preferia a ação de *Transformers* e a fantasia de *O Cavaleiro das Trevas*. Lembrava-se de que depois de uma amarga batalha com Alice, sabe Deus porquê, a vingança que escolheu foi despir a boneca de Katie, amordaçá-la com fita-cola e atá-la a uma árvore, guardada pelo exército de Storm Troopers.

Tinha recebido um ralhete e tanto, por causa disso, mas valera a pena.

Parecia um pouco sinistro estar ali agora, a observar a versão adulta e viva de Katie, trocar o martelo de demolição por uma espécie de pé-de-cabra. E a imaginá-la nua.

Ele tinha uma imaginação extremamente fértil.

Tinham-se passado quatro anos desde que se mudara para o outro lado da estrada, pensou Ford. Tinha visto dois encarregados chegarem e partirem, o segundo ficara menos de seis meses. E antes daquele dia nunca tinha ali visto nenhum dos familiares de Janet Hardy. Sem contar com os dois anos em que vivera em Nova Iorque, tinha vivido naquela região a vida inteira e nunca vira nenhum deles por ali. Ouviu dizer que a filha do senhor McGowan, Cilla, estivera ali de passagem uma ou duas vezes, mas nunca a tinha visto.

Agora ela andava a falar com canalizadores, a demolir alpendres e... Ford deteve-se quando reconheceu a carrinha de caixa aberta preta que estava a entrar no caminho de acesso para a casa. Era do seu amigo Matt Brewster, o carpinteiro da cidade. Quando menos de trinta segundos depois, uma segunda carrinha apareceu em frente à casa, Ford decidiu ir buscar mais uma chávena de café, talvez uma taça de cereais e tomar o pequeno-almoço no alpendre, para poder observar o que se passava do outro lado da estrada.

Devia estar a trabalhar, disse para consigo uma hora depois. As férias já tinham acabado e tinha um prazo a cumprir. Mas a rua era tão interessante. Uma nova carrinha de caixa aberta juntou-se às primeiras duas e Ford também a reconheceu. Era Brian Morrow, antigo jogador de elite da equipa de futebol, e a terceira parte do triunvirato Matt, Ford e Brian, que durava há uma vida. Brian tinha a sua própria empresa de jardinagem. Do alpendre, Ford viu Cilla fazer a ronda dos jardins com Brian, observou-a a gesticular e depois a consultar um bloco de notas grosso que levava na mão.

Tinha de admirar a maneira como ela se mexia. Devia ser daquelas pernas compridas, que a faziam percorrer o jardim tão rapidamente enquanto parecia caminhar com todo o vagar. Tanta energia tão bem condensada num corpo tão fino e esguio, os olhos azuis gélidos e a pele de boneca de porcelana que escondia os músculos que...

— Uau, espera lá. — Endireitou-se na cadeira, semicerrou os olhos e viu-a novamente com o martelo pousado nos ombros. — Com um cabo mais pequeno — murmurou ele. — Cabeça dupla. Sim, é isso. Afinal, parece que estou a trabalhar.

Foi para dentro de casa, pegou num bloco de desenho, nos lápis e,

sentindo-se inspirado, pegou nos binóculos. Novamente no alpendre, concentrou-se em observar Cilla através da lente, estudando o formato do seu rosto, a linha do maxilar, a constituição do corpo. Ela tinha uma boca sensual, fascinante, pensou ele, com uma covinha profunda no meio do lábio superior.

Quando iniciou o desenho do primeiro esboço, começou a imaginar cenários, colocando-os de parte quase à mesma velocidade com que os pensava.

Havia de lhe ocorrer qualquer coisa, pensou. O conceito chegava-lhe muitas vezes através dos desenhos. Já estava a vê-la... Diane, Maggie, Nadine. Não, não, não. Cass. Simples, um tanto andrógino. Cass Murphy. Cass Murphy. Inteligente, intensa, sozinha, até mesmo solitária. Atraente. Voltou a olhar através da lente.

— Oh, sim, atraente.

As roupas de trabalho não disfarçavam, propriamente dito, mas ajudavam a diminuir um pouco a sensualidade. Ford continuou a desenhar, o corpo todo, o rosto de perto, o perfil. Depois parou, com o lápis a bater enquanto pensava. Os óculos eram provavelmente um lugar-comum, mas eram também meio caminho andado para a inteligência. E sempre bons para disfarçar o alter-ego.

Desenhou os óculos, experimentando com formatos simples, armações escuras, lentes retangulares.

— Ora aí estás, Cass. Ou devia dizer, Doutora Murphy?

Virou a página e recomeçou. Uma camisola de safari, calças de sarja, botas e um chapéu de abas largas. Saía diretamente da sala de aulas ou do laboratório para o trabalho de campo. Os lábios de Ford curvaram-se enquanto virava novamente a página e a cabeça corria-lhe veloz enquanto desenhava quem e em que se tornaria aquela nova Cass. A pele, a coraça — e o bonito par de seios que se elevava por baixo dela. Pulseiras prateadas, pernas compridas e descobertas, a melena de cabelo selvagem com uma pequena tiara de metal na cabeça. Teria um cinto de joias?, questionou-se Ford. Talvez. A arma antiga que usava — um martelo de cabeça dupla. Que brilhava em tons de prata quando na mão de um descendente de sangue da deusa guerreira...

Ah, sim, precisava de um nome para ela.

Romana? Grega? Viking? Celta?

Celta. Ficava-lhe bem.

Ford segurou no bloco de desenho e deu por si a sorrir para a imagem.

— Olá, linda. Vamos arrasar juntos.

Voltou a olhar para o outro lado da estrada. As carrinhas já se ti-

nham ido embora e Cilla não se avistava em parte alguma. A porta da frente ainda estava aberta.

— Obrigado, vizinha — disse Ford, levantando-se para entrar em casa e ligar ao seu agente.

SURREAL ERA TALVEZ a melhor maneira que Cilla encontrava para descrever o que sentia ali sentada, no pátio bonito da casa colonial de tijolo do pai, a bebericar chá gelado, servido com grande espalhafato pela madrastra. Aquela situação não se adequava simplesmente em nenhuma outra fase da sua vida. Enquanto criança, as visitas ao Leste eram poucas e muito espaçadas. O trabalho sobrepunha-se às visitas, pelo menos segundo os padrões da mãe.

Cilla lembrava-se de que, de vez em quando, o pai ia visitá-la. Levava-a ao jardim zoológico ou à Disneyland. Mas pelo menos durante os tempos áureos da série, havia sempre fotógrafos por todo o lado, ou magotes de miúdos à volta dela, com os pais a tirarem fotografias. O trabalho sobrepunha-se à terra da fantasia, pensou Cilla, mesmo que ela não quisesse.

Depois, claro, o pai e a Patty tiveram uma filha, Angie, a sua própria casa e as suas próprias vidas do outro lado do país. O que, pensou Cilla, era o mesmo que estar do outro lado do mundo.

Nunca se enquadraria nesse mundo.

Não tinha sido exatamente isso que o pai tentara dizer-lhe? Estava muito longe daquilo que conhecia, e não apenas em relação à distância física.

— Está-se bem aqui — disse Cilla, hesitante.

— É o nosso lugar favorito para nos sentarmos — respondeu Patty, com um sorriso de quem se esforçava demasiado. — Bem sei que ainda está um pouco fresco.

— Sabe bem. — Cilla puxou pela cabeça. O que tinha para dizer àquela doce e maternal senhora, com uma expressão tão agradável no rosto, cabelo escuro curto e olhos nervosos? — Eu, hmm, aposto que os jardins estarão lindos daqui a uma semana ou duas, quando tudo começar a rebentar.

Olhou para os canteiros, para os arbustos e trepadeiras, para o relvado aparado que ficaria manchado por pedaços de sombras quando o ácer vermelho e a cerejeira rosada comesçassem a ganhar folha.

— Vocês tiveram muito trabalho com o jardim.

— Oh, eu não fiz nada. — Patty passou os dedos pelo cabelo curto e escuro e mexeu no pequeno brinco prateado. — O Gavin é o jardineiro cá de casa.

— Oh. — Cilla olhou para o pai. — A sério?
— Gosto de mexer na terra. Acho que nunca me passou.
— O avô dele era fazendeiro — disse Patty sorrindo a Gavin. — Por isso está-lhe no sangue.

Cilla sabia daquilo? Porque nunca ouvira falar de nada?

— Aqui na Virgínia?

Os olhos de Patty arregalaram-se com surpresa e olharam para Gavin.

— Humm-humm.

— Pensei que sabias, a tua avó comprou a quinta ao meu avô.

— Eu... o quê? A Quinta Pequena? Era tua?

— Nunca foi minha, querida. O meu avô vendeu-a quando eu ainda era um rapazito. Lembro-me de andar por lá atrás das galinhas e de me ralharem por causa disso. O meu pai não queria a quinta e os irmãos e irmãs dele, os que ainda eram vivos, estavam um pouco espalhados por toda a parte. Por isso, bem, o avô vendeu-a. A Janet estava aqui a filmar. *O Barn Dance*.

— Pois, conheço essa parte da história. Ela apaixonou-se pela quinta onde estavam a filmar e comprou-a no mesmo instante.

— Mais ou menos no mesmo instante — disse Gavin com um sorriso. — Depois os meus avós compraram uma autocaravana, juro por Deus, e fizeram-se à estrada. Viajaram por todo o lado, foram até onde Judas perdeu as botas e regressaram, durante seis ou sete anos, mas depois a avó teve um enfarte.

— Era uma terra dos McGowan.

— Continua a ser. — Ainda a sorrir, Gavin bebeu um gole de chá.
— Não continua?

— Eu acho que é um fechar de círculo maravilhoso — disse Patty, estendendo o braço para lhe dar uma palmadinha na mão. — Lembro-me de como as luzes brilhavam naquela casa quando Janet Hardy lá estava. E como no verão, se passássemos por lá com os vidros do carro abertos, se ouvia a música, talvez até se vissem mulheres com roupas lindas e os homens mais bonitos do mundo. De vez em quando, ela ia à cidade, ou andava por aí no descapotável. Era uma bela imagem.

Patty voltou a pegar no jarro de chá, como se tivesse de ter as mãos ocupadas.

— Em certa ocasião, foi à nossa casa, quando tínhamos uma ninhada de cães para vender. Cinco dólares. A nossa collie tinha tido um romance com um cão de raça indeterminada que por aqui passou. A tua avó comprou-nos um cachorro. Sentou-se no chão e deixou que os cachorrinhos saltassem e lhe passassem por cima. E riu-se tanto. Ela tinha

uma gargalhada fantástica. Desculpa, estou a falar pelos cotovelos, não estou?

— Não. Eu não sabia de nada disto. Não sei de quase nada. Foi esse o cão que...

— Sim. Chamava-se *Hero*. O velho Fred Bates encontrou-o a cيرانdar pela estrada, pô-lo na carrinha e levou-o de volta para casa. Foi ele quem a encontrou naquela manhã. Foi um dia muito triste. Mas agora tu estás aqui. — Patty colocou novamente a mão por cima da de Cilla. — As luzes e a música vão voltar.

— Ela comprou-vos o cão — murmurou Cilla — e a quinta ao teu avô. — Olhou para Gavin. — Acho que é mais um círculo que se completa. Talvez me possas ajudar com os jardins.

— Gostava muito.

— Hoje contratei um paisagista, mas tenho de decidir o que quero incluir no jardim. Tenho um livro sobre a jardinagem nesta região, mas dava-me jeito uma ajudinha.

— Combinado. E tenho um ou dois livros de jardinagem que te podem dar mais algumas ideias.

— Um ou dois?

Gavin riu-se para a mulher, que revirava os olhos.

— Tens bem mais do que um ou dois. Quem contrataste, Cilla?

— Morrow? Brian Morrow?

— Boa escolha. Ele faz um bom trabalho e é de confiança. Era estrela do futebol quando estava no liceu e nunca se esforçou para ser mais do que um aluno mediano. Mas construiu um bom negócio e uma boa reputação.

— Foi o que ouvi dizer. Hoje conheci outro dos teus antigos alunos. O Ford Sawyer.

— Claro — disse Patty. — Ele vive mesmo do outro lado da estrada.

— É um rapaz inteligente, sempre foi. — Gavin acenou com a cabeça enquanto bebia chá. — Um pouco dado a sonhar acordado, mas se conseguíssemos chamar-lhe a atenção, ele correspondia. E também se saiu muito bem profissionalmente.

— Ai sim? Como?

— Escreve romances gráficos. E também os ilustra, o que é invulgar, pelo que me dizem. *The Seeker*? É dele. É um trabalho muito interessante.

— *The Seeker*. É sobre super-heróis que combatem o crime ou qualquer coisa do género?

— É por aí, sim. Um detetive privado com pouca sorte depara-se com um plano maquiavélico de um louco qualquer que pretende des-

truir as maiores peças de arte do mundo usando um misturador molecular que as torna invisíveis. O detetive quer travá-lo, assegurando fama e fortuna, mas a namorada que tanto ama acaba por ser assassinada. O próprio fica à beira da morte, mas consegue expor o misturador molecular.

— E fica ele próprio com o poder da invisibilidade — concluiu Cilla. — Já ouvi falar disto. Alguns dos rapazes que trabalharam nos meus projetos de renovação gostavam de romances gráficos. Sabe Deus que o Steve os adora — disse, referindo-se ao ex-marido. — Eram capazes de andar meio dia a discutir sobre quem era melhor, o Seeker, o Cavaleiro das Trevas ou os X-Men e a compará-los com os 4 Fantásticos. Quando eu fazia algum comentário sobre homens crescidos e livros de banda desenhada, ainda olhavam para mim com má cara.

— O Gavin também gosta. Bem, pelo menos dos trabalhos do Ford.

— A sério que gostas? — A imagem do professor de liceu, calmo e sossegado, a ler as aventuras dos heróis de banda desenhada, divertia-a. — Porque ele é um antigo aluno teu?

— É certamente um dos fatores. E porque ele conta uma história boa, bem construída sobre uma personagem complicada que procura a redenção através da destruição do mal. Ele tentou fazer o mais acertado, mas por todas as razões erradas. Procurou deter um louco, mas apenas para proveito próprio. E o mero ato custou a vida da mulher que o amava e que ele tratava com tão pouco cuidado. O poder da invisibilidade que ele ganha acaba por ser uma metáfora; transforma-se num herói, mas nunca ninguém o vê. É um trabalho interessante.

— Ele é solteiro — acrescentou Patty, o que fez Gavin rir-se. — Bem, só estou a falar disto porque ele vive mesmo do outro lado da estrada e a Cilla vai ficar sozinha na quinta. Pode querer alguma companhia de vez em quando.

la deixar passar aquela, pensou Cilla.

— Na verdade, vou passar os dias a trabalhar na reconstrução e as noites a planear as várias fases do trabalho. Vou andar demasiado ocupada para precisar de grande companhia. Na verdade, tenho de ir andando. Amanhã tenho um dia cheio.

— Oh, mas não podes ficar para jantar? — protestou Patty. — Vamos comer uma refeição caseira antes de ires embora. Tenho uma lasanha prontinha, é só meter no forno. Não demora muito.

— Parece-me ótimo. — Cilla apercebeu-se de que parecia mesmo. — Adorava ficar para jantar.

— Então deixa-te ficar aí e bebe mais um chá com o teu pai.

Cilla observou enquanto Patty se levantava e atravessava o pátio em direção à casa.

— Achas que devo ir ajudá-la?

— Ela gosta de tratar da comida. Ajuda-a a descontrair, como a jardinagem faz comigo. Ela vai gostar mais que fiques aqui e a deixes tratar de tudo.

— Eu deixo-a nervosa.

— Um bocadinho. Mas vai passar. Posso dizer-te que se tivesses recusado o jantar, ela ia ficar desiludida. A lasanha é a especialidade de Patty. Faz o molho com a colheita de tomate aqui da horta e depois guarda-o em latas.

— Estás a brincar.

Os lábios do pai ergueram-se com a súbita e absoluta surpresa de Cilla.

— Isto aqui é um mundo diferente, querida.

— Pois, estou a ver.

Cilla descobriu que naquele mundo as pessoas comiam lasanha caseira, tarte de maçã e que as refeições eram centradas na comida e não um espetáculo que se montava para impressionar. Depois, um convidado ou um familiar — achava que se encaixava mais ou menos no meio destas duas categorias — recebia um prato de cada coberto com papel de alumínio para levar para casa. Se o convidado/familiar fosse conduzir, ofereciam-lhe um único copo de vinho à refeição e um café no fim.

Cilla olhou para o relógio e sorriu. Conseguia estar a entrar em casa por volta das oito da noite.

Depois de colocar ambos os pratos na mala térmica, Cilla pousou as mãos nas ancas e olhou em redor. As lâmpadas despidas faziam sombras cruas, iluminando o estuque estalado das paredes e as tábuas de madeira marcadas do chão. Pobre casa, pensou. Estava a precisar desesperadamente de uma intervenção estética.

Pegou na lanterna, ligou-a antes de desligar as luzes de cima e foi iluminando o caminho enquanto se dirigia para o piso de baixo.

Um olhar de relance pela janela mostrou-lhe as luzes brilhantes das casas que se espalhavam pelas colinas e campos. As outras pessoas já tinham acabado as suas refeições caseiras e estavam agora a instalar-se em frente à televisão, ou a tratar de alguma papelada. Talvez as crianças estivessem a ser levadas para a cama, ou instruídas para se sentarem à mesa e acabarem os trabalhos de casa.

Duvidava que alguma delas estivesse a ler as alterações do guião para o dia seguinte, ou que bocejasse depois de ler novamente as suas falas. Era tolice invejá-las, pensou Cilla, por terem o que ela nunca tivera.

De pé junto à janela, viu as luzes na casa de Ford.

Estaria ele a compor a nova aventura do Seeker? Talvez estivesse a comer uma pizza congelada, pelo menos era o que imaginava que fosse a versão de comida caseira de um homem solteiro. E o que fazia um autor de livros de banda desenhada — perdão, um romancista gráfico — a viver numa velha casa vitoriana restaurada, no meio da Virgínia rural?

Um romancista gráfico solteiro, recordou-se com um sorriso, com uma pronúncia sulista inquestionavelmente sensual e um passo descontraído que quase lhe dava um ar de bazófia. E um velho cãozito como companheiro.

Fossem quais fossem as suas razões, era agradável ver luz do outro lado da estrada. Perto, mas não demasiado. Estranhamente reconfortada com as luzes dele, virou-se para subir as escadas até ao piso de cima, onde planeava enfiar-se no saco-cama e trabalhar um pouco.

O TELEMÓVEL ACORDOU-A do sono profundo; abriu os olhos de repente e teve de os fechar logo a seguir, por causa da luz que se esquecera de desligar antes de adormecer. A praguejar, Cilla abriu parcialmente um olho enquanto estendia a mão para o telemóvel.

Que diabo de horas eram?

Com o coração a bater descompassado, viu as horas no telemóvel — 3:28 da madrugada — e o número da mãe no visor.

— Chiça. — Abriu a tampa do telemóvel. — O que se passa?

— Isso lá são modos de atender o telefone? Nem te dás ao trabalho de dizer olá?

— Olá, mãe. O que se passa?

— Não estou nada contente contigo, Cilla.

O que tem isso de novo?, pensou Cilla. *E estás bêbada ou pedrada.*

— Bem, lamento muito saber disso, principalmente às três e meia da madrugada, hora da Costa Leste. Que é onde eu estou, lembras-te?

— Sei bem onde estás. — A voz de Bedelia era aguda, mesmo quando se arrastava. — Sei muito bem onde estás. Estás na casa da *minha* mãe, depois de me teres enganado para que ta desse. Quero-a de volta.

— Estou na casa da minha avó, que tu me *vendeste*. E não a podes ter de volta. Onde está o Mario? — perguntou, referindo-se ao atual marido da mãe.

— Isto não tem nada a ver com o Mario. É entre mim e ti. Nós somos tudo o que resta dela! Sabes muito bem que me apanhaste numa semana frágil. Aproveitaste-te da minha vulnerabilidade e da minha dor.

Quero que regreses imediatamente e que rasgues os papéis da transferência ou lá o que eles são.

— E tu rasgas o cheque que te passei com o valor da venda?

Seguiu-se um longo e frágil silêncio, durante o qual Cilla se recostou e bocejou.

— Tu és fria e ingrata.

A insinuação débil de lágrimas que acompanhavam aquelas palavras era demasiado calculada e habitual para comover Cilla.

— Pois sou.

— Depois de tudo o que eu fiz por ti, de todos os sacrifícios que fiz, que tu desperdiçaste sem contemplações. Agora, em vez de te dispores a pagar-me tudo o que investi em ti, atiras-me assim com o dinheiro à cara.

— Podes encarar o assunto dessa forma. Vou ficar com a quinta. E por favor, por favor, não desperdices o meu tempo a tentar convencer nenhuma de nós que este lugar tem alguma espécie de significado para ti. Conheço-te bem, sei o apreço que tens por isto.

— Ela era *minha* mãe!

— Pois, e tu és a minha. Cada um tem a sua cruz.

Cilla ouviu o barulho e imaginou o copo com a bebida favorita da mãe, *Ketel One* com gelo, a esmagar-se contra a parede mais próxima. Depois começou a choradeira.

— Como podes dizer-me uma coisa tão horrível?

Deitada de costas, Cilla tapou os olhos com o braço e deixou que os queixumes e lamúrias se desenrolassem.

— Devias ir para a cama, mãe. Não devias fazer este tipo de telefonemas depois de teres bebido.

— E tu ralas-te muito com isso. Talvez faça o mesmo que ela fez. Talvez acabe com tudo.

— Não digas isso. Amanhã vais sentir-te melhor. — Talvez. — Precisas de uma boa noite de sono. Tens o teu espetáculo para planejar.

— Toda a gente quer que eu seja como ela.

— Não querem nada. — *Quem o deseja mais és tu.* — Vai para a cama, mãe.

— Mario. Quero o Mario.

— Vai para a cama. Eu trato disso. Ele vai estar aí. Agora promete-me que vais para a cama.

— Está bem, está bem. De qualquer maneira também não quero falar contigo.

Quando o telefone se desligou, Cilla ficou um instante com ele colado ao ouvido. Aquela última tirada queria dizer que Dilly tinha acaba-

do, que ia para a cama ou simplesmente encontrar a superfície mais plana possível e cair redonda. Mas já tinham ultrapassado a zona de perigo.

Cilla premiu a tecla de marcação rápida que tinha atribuído ao Número Cinco.

— Mario — disse quando ele atendeu. — Onde está?

Demorou menos de um minuto a recapitular a situação, depois interrompeu a agitação de Mario e desligou. Cilla não tinha dúvidas que ele ia imediatamente para casa, para dar a Dilly a solidariedade, atenção e conforto que ela tanto queria.

Completamente desperta e irritada, saiu do saco-cama. Com a lanterna na mão foi à casa de banho e depois desceu até ao piso de baixo para ir buscar uma garrafa de água fresca. Antes de ir para a cozinha, abriu a porta da frente e foi até à parte do alpendre que restava de pé.

Reparou que as luzes que antes brilhavam agora estavam apagadas e as colinas completamente mergulhadas na escuridão. Mesmo com as poucas estrelas que conseguiam furar as nuvens que pairavam no céu, Cilla pensou que era como se tivesse entrado num túmulo. Negro, silencioso e frio. As montanhas pareciam ter-se dobrado sobre si para passarem a noite e o ar estava tão parado, tão absolutamente parado, que Cilla julgou ouvir a casa a respirar atrás de si.

— Amigo ou inimigo? — perguntou em voz alta.

Mario ia chegar apressadamente à casa de Bel Air, murmurar e acariciar, elogiar e lisonjear, depois os braços italianos tonificados (e jovens) iam acabar por pegar no destroço que era a sua mulher para a levarem para cima, para a cama.

Dilly diria — como dizia com frequência — que estava sozinha, estava sempre tão sozinha. Mas não sabia o significado daquelas palavras, pensou Cilla. Não sabia qual era a profundidade da solidão.

— Tu sabias? — perguntou a Janet. — Acho que sabias o que era estar só. Estar rodeada de gente e no entanto estar completa e miseravelmente sozinha. Pois, enfim, eu também sei. E assim estou muito melhor.

Era melhor estar sozinha numa noite calma, pensou Cilla, do que no meio de uma multidão. Muito melhor.

Entrou em casa e trancou a porta.

Depois deixou a casa cantar à sua volta.

3 .

FORD PASSOU DUAS HORAS a observar Cilla através dos binóculos e a desenhá-la de vários ângulos. Afinal, a maneira como se mexia

tinha dado origem ao conceito tanto quanto o seu aspeto. As linhas, as curvas, a forma e a cor — tudo fazia parte. Mas o movimento era o mais importante. Graciosidade e porte atlético. Não como no ballet, não era bem isso. Havia mais qualquer coisa... uma espécie de graciosidade de *sprinter*. Força e determinação em vez de arte e fluidez.

Era a graciosidade de uma guerreira, pensou. Concisa e mortífera.

Ford desejou poder observá-la com o cabelo caído em vez de preso no rabo de cavalo. Um olhar atento aos braços e pernas também ajudaria muito. E, que diabo, quaisquer partes dela que pudessem saltar-lhe à vista não eram nada mal vistas.

Tinha ido pesquisá-la no Google, observara várias fotografias e descarregara os filmes para os ver depois. Mas o último que ela protagonizara — *Também te Vejo!* — já tinha cerca de oito anos.

Ele queria a mulher, não a miúda.

Já tinha a história toda na cabeça, bem arrumada e desejosa de sair cá para fora. Na noite anterior fizera um pouco de batota: afastara-se durante um par de horas do último romance do Seeker para redigir o rascunho. E hoje também estava a fazer um pouco mais de batota, mas queria desenhar um par de desenhos e não os podia fazer sem ter mais alguns esboços em que se apoiar.

O problema era que a modelo tinha demasiada roupa vestida.

— Gostava mesmo de a ver nua — disse e *Spock* deu uma fungadela um pouco trocista. — Não é dessa forma. Bem, quero dizer, dessa forma também. Quem não queria? Mas estou a falar sob um ponto de vista profissional.

Spock começou a rosnar e a ganir, enquanto rebojava no chão.

— Eu *sou* um profissional. Pagam-me e tudo, e é com esse dinheiro que te compro comida.

Spock apanhou o pequeno urso de peluche deturpado com que brincava, voltou a rebojar no chão e depositou o urso aos pés de Ford. Depois começou a dançar esperançosamente no sítio.

— Já falámos disto antes. O responsável por lhe dar comida és tu.

Ignorando o cão, Ford voltou a pensar em Cilla. Ia fazer-lhe outra visita de vizinho. Para ver se a convencia a posar para ele.

Uma vez dentro de casa, pegou no bloco de desenho, nos lápis, num exemplar de *O Seeker: Desaparecido*, depois pensou no que teria ali por casa que servisse de suborno.

Contentou-se com uma bela garrafa de *cabernet*, colocou-a no saco e começou a atravessar a estrada. *Spock* abandonou o urso e levantou-se com esforço para o seguir.

ELA VIU-O APROXIMAR-SE enquanto pegava em mais um carregamento de lixo e destroços para os colocar no contentor que alugara. Dentro de casa tinha pilhas de madeira e de aparas que esperava poder salvar. O resto? Tinha de ir para o lixo. Os sentimentos não restauravam com passos de magia a madeira apodrecida.

Cilla atirou o monte de lixo para o contentor e apoiou as mãos com luvas nas ancas. O que queriam agora o borracho do vizinho e o cão terrivelmente feio?

Reparou que ele tinha feito a barba. Então o ar desalinhado podia ser mais preguiça do que estilo. Gostava mais de preguiça. Sobre o ombro, trazia um grande saco de lona e à medida que percorria o caminho de acesso, Ford levantou a mão em sinal de cumprimento amistoso.

Spock farejou em volta do contentor e pareceu muito contente em alçar a pata.

— Olá. Tens andado muito ocupada nos últimos dias.

— Não vale a pena desperdiçar tempo.

O sorriso dele tornou-se ainda mais amplo e descontraído.

— A ideia pode ser mesmo desperdiçar tempo. — Olhou de relance para o contentor. — Estás a esventrar a casa toda?

— Toda não. Mas mais do que esperava. A negligência vai fazendo os seus estragos mais lentamente que um ato deliberado, mas o facto é que as coisas ficam igualmente estragadas. Olá, *Spock*. — Ao ouvir o cumprimento, o cão dirigiu-se a ela e estendeu-lhe a pata. Está bem, pensou Cilla enquanto lhe aceitava a pata. Era feio, mas encantador. — O que posso fazer por ti, Ford?

— Já lá chego. Mas primeiro tenho uma coisa para te oferecer. — Levou a mão dentro do saco e tirou a garrafa de vinho tinto.

— Olha que simpático. Obrigada.

— E isto. — Tirou o livro. — Material de leitura para o fim do dia, enquanto bebes um copo de vinho. É o que eu faço.

— Bebes vinho e lês livros de banda desenhada?

— Sim, na verdade, sim, mas queria dizer que sou eu que escrevo os livros.

— Pois, o meu pai disse-me, e estava a ser sarcástica.

— Eu percebi. Também falo sarcasmo, assim como muitas outras línguas. Costumas ler?

Era um rapaz engraçado, pensou Cilla, com um cão engraçado.

— Li bastantes livros do Batman, quando estavam a fazer o *casting* para Batgirl, no filme do Clooney. Mas perdi para a Alicia Silverstone.

— Se calhar foi melhor assim, a avaliar pelo resultado do filme.

Cilla levantou uma sobrancelha.

— Deixa-me repetir: George Clooney.

Ford limitou-se a abanar a cabeça.

— O Michael Keaton *era* o Batman. Está tudo naqueles olhos de eu-sou-um-pouco-louco. Além de que perderam todo o sentido dramático nos filmes que vieram depois do Keaton. E nem vale a pena falarmos do Val Kilmer.

— Está bem. De qualquer maneira, preparei-me para a audição estudando os filmes anteriores, e sim, o Keaton era fabuloso, lendo alguns dos livros e submergindo na mitologia. O mais certo é ter estudado de mais.

Desvalorizou o que tinha sido um golpe bastante duro quando tinha dezasseis anos.

— Fazes a tua própria arte?

— Faço. — Observou-a enquanto ela observava a capa. *Olhem-me para aquela boca*, pensou Ford, *e o ângulo daquele queixo*. Estava deseioso de pegar nos lápis e no bloco de desenho. — Sou territorial e egoísta. Ninguém é capaz de o fazer como eu faço, por isso ninguém tem hipóteses de tentar sequer.

Ela foi virando as folhas enquanto falava:

— É grande. Penso sempre nos livros de banda desenhada como sendo vinte páginas de cores berrantes e personagens a fazer BAM! ZÁS! Os teus desenhos são fortes e cheios de vida, com muitos matizes negros.

— O Seeker tem muitas facetas negras. Estou a acabar o livro novo. Deve ficar pronto dentro de alguns dias. Até devia ficar pronto hoje, se tu não me distraíesses.

A garrafa de vinho entalada por baixo do braço assumiu um novo peso.

— E como é que eu faço isso?

— Com o teu aspeto, com a maneira com que te movimentas. Não estou a atirar-me a ti a nível pessoal. — Deixou que o olhar descesse. — Ainda — qualificou. — É um hábito profissional. Tenho andado a tentar encontrar uma personagem nova, a figura central de uma nova série, diferente do Seeker. Uma mulher, para personificar o poder feminino, as vulnerabilidades, os pontos de vista, os problemas. E a dualidade... o que não tem importância para o propósito do dia de hoje — disse ele. — Tu és a minha mulher.

— Desculpa?

— A Doutora Cass Murphy, arqueóloga, professora da mesma área. É uma mulher calma, discreta e solitária cujo coração está na verdade no trabalho de campo. Na descoberta. Nos prodígios. Ninguém se consegue

aproximar demasiado de Cass. Ela só pensa em trabalho. Foi assim que foi educada. É emocionalmente oprimida.

— Eu sou emocionalmente oprimida?

— Tu ainda não sei, mas ela é. Vê. — Tirou o bloco de desenho e abriu uma das páginas. Inclinando a cabeça, Cilla observou o desenho, observou-se a si própria, se usasse fatos mais conservadores, sapatos modestos e óculos.

— Tem um ar aborrecido.

— Ela quer ter um ar aborrecido. Não quer que reparem nela. Se as pessoas repararem nela, são capazes de se meter no seu caminho, e podem fazê-la sentir-se como ela não se quer sentir. Mesmo numa escavação, ela... vês?

— Hmm. Não é aborrecida, mas eficiente e prática. Talvez subtilmente sensual, considerando o corte masculino da camisa e das calças. Sente-se mais confortável assim.

— Exatamente. Tens jeito para isto.

— Já li a minha quota-parte de *stroryboards*. Não sei qual é o teu assunto, mas não estou a ver grande história com esta personagem.

— Oh, a Cass tem muitas camadas — assegurou-lhe. — Só precisamos de as desenterrar, da mesma forma que ela desenterra artefactos nas escavações. Assim, ela vai desenterrar uma arma antiga e um símbolo do poder quando fica encurralada numa gruta de uma ilha mitológica, que ainda tenho de criar, depois de descobrir os planos ignóbeis do mecenas milionário que apoia o projeto arqueológico e que é também um feiticeiro maligno.

— Naturalmente.

— Tenho ainda algum trabalho para fazer, mas aqui está ela. Brid, a Deusa Guerreira.

— Uau. — Era realmente a única palavra que lhe ocorria. Brid era toda couros e pernas, couraças e seios. Aquela que era aborrecida e prática tinha-se transformado em corajosa, perigosa e sensual. Estava de pé, com umas botas até aos joelhos, cabelos fartos e ondulantes e um martelo duplo erguido em direção ao céu.

— És capaz de ter exagerado um bocadinho no tamanho do peito — comentou Cilla.

— No... Oh, bem, é que é difícil perceber. Além de que a arquitetura da couraça também lhes acrescenta um pouco ao tamanho. Mas perguntaste o que podias fazer por mim. Posa para mim. Consigo obter aquilo que preciso a partir de alguns esboços objetivos, mas seria melhor se...

— Ei, ei. — Cilla deu-lhe uma palmada na mão quando ele virou

uma página cheia de pequenos desenhos seus. — Isso não são esboços de uma personagem. Essa sou eu.

— Bem, no fundo é a mesma coisa.

— Tens estado para ali a observar-me enquanto me desenhas sem o meu consentimento? E não achas que isso é falta de educação e um tanto intrusivo?

— Não, acho que é trabalho. Se viesse até aqui e espreitasse à tua janela, isso sim, seria falta de educação e intrusivo. Tu movimentas-te como uma atleta, com uma pequena centelha de bailarina. Mesmo quando estás parada, tens uma certa determinação. É disso que preciso. Não preciso da tua autorização para criar uma personagem baseada na tua fisicalidade, mas faria um trabalho melhor se tivesse a tua cooperação.

Cilla afastou a mão dele e voltou atrás para a página da deusa guerreira.

— Isso é o *meu* rosto.

— E é um grande rosto.

— Se te disser que vou ligar ao meu advogado?

Aos pés de Ford, *Spock* resmungou um pouco.

— Seria uma mesquinhice e uma parvoíce. A escolha é tua. Não me parece que conseguisses ir longe, mas para me escusar a problemas, posso fazer algumas alterações. Posso fazer a boca mais larga, o nariz mais comprido. Faça-a ruiva... uma ruiva não é nada má ideia. Maças do rosto mais afiladas. Vamos ver.

Pegou num lápis e virou uma página em branco. Enquanto Cilla observava, Ford desenhava um esboço rápido.

— Vou manter os olhos — murmurou enquanto trabalhava. — Tens uns olhos arrasadores. Vou alargar a boca, exagerar o lábio inferior um bocadinho mais, esculpir as maçãs do rosto, alongar o nariz. Ainda está cru, mas também é um rosto fantástico.

— Se achas que me consegues incitar a...

— Mas gosto mais do teu. Vá lá, Cilla. Quem é que não quer ser um super-herói? Prometo que a Brid vai arrasar mais canastros do que a Batgirl.

Ela detestava sentir-se estúpida e sentir que o mau feitio estava a vir ao de cima.

— Vai-te embora. Tenho trabalho para fazer.

— Presumo que isso queira dizer que não vais posar para mim.

— Podes presumir que se não te fores embora, vou arranjar o meu próprio martelo mágico e abrir-te a cabeça ao meio.

As mãos de Cilla formaram dois punhos quando ele lhe sorriu.

— É esse o espírito. Se mudares de ideias, avisa-me — disse, enquanto guardava o bloco de desenho no saco. — Até logo — acrescentou e, entalando o lápis atrás da orelha, começou a descer o caminho de acesso a casa com o cãozito feio atrás de si.

FICOU ENERVADA COM AQUILO. O trabalho físico ajudou a libertar a fúria, mas os nervos precisavam de mais tempo para acalmarem. Mas que sorte a dela, que sorte dos *diabos*, ter-se mudado para o que era quase o meio de nada para ter um vizinho intrometido, atrevido e abusador que não tinha o menor respeito pelas fronteiras pessoais ou pela privacidade de cada um.

As suas fronteiras. A sua privacidade.

A única coisa que Cilla queria fazer era colocar as suas ideias em prática, ao seu ritmo, à sua maneira — e geralmente sozinha. Queria construir qualquer coisa ali, criar uma vida, uma forma de viver. Segundo as suas próprias condições.

Não se importava com as dificuldades e dores do trabalho físico intenso. Na verdade, considerava-as uma prova de honra, assim como qualquer bolha ou calo.

Raios, se alguma vez queria que os seus movimentos fossem documentados por um artista qualquer.

— Deusa guerreira — resmungou entre dentes, enquanto limpava as caleiras entupidas e descaídas. — Fazê-la ruiva e dar-lhe lábios de colagénio e uma copa D. Típico.

Desceu a escada extensível e uma vez que as caleiras eram a última tarefa para aquele dia, espreguiçou-se ali mesmo no chão.

Doía-lhe o corpo todo.

Queria deixar-se submergir num jacuzzi até se esquecer das dores e depois fazer uma hora de massagens. Acrescentava-se ao programa um ou dois copos de vinho e possivelmente sexo com o Orlando Bloom. Depois disto, era capaz de se sentir humana.

Uma vez que a única coisa daquela lista que já tinha era o vinho, ia contentar-se com ele. Quando se conseguisse mexer novamente.

Com um suspiro, apercebeu-se que os nervos também já se tinham ido e com a cabeça limpa e o corpo exausto, sabia a verdadeira razão para a sua reação aos desenhos de Ford.

Afinal, a década de terapia que tinha feito servia para alguma coisa. Por isso gemeu, levantou-se e foi para casa, beber vinho.

* * *

COM *SPOCK* A RESSONAR majestosamente ao lado do urso de peluche, Ford acabou de pintar a preto os últimos painéis. Embora o trabalho final fosse a cores, a técnica era aproximar aquela primeira pintura o mais possível do resultado final.

Já tinha pintado os limites dos painéis e o contorno dos objetos de fundo com a *108 Hunt*. Depois de completar a parte lateral, recuou, semicerrou os olhos, observou o trabalho e aprovou-o. Mais uma vez, o *Seeker*, de ombros caídos, olhos baixos e rosto meio virado, deslizava por entre as sombras que atormentavam a sua existência.

Pobre desgraçado.

Ford limpou o aparo que usara e colocou-o no respetivo lugar na mesa de trabalho. Escolheu o pincel, mergulhou-o em tinta da China, depois começou a reforçar as linhas das sombras feitas a lápis. Limpava o pincel a cada par de mergulhos. O processo requeria tempo, paciência e uma mão firme. Enquanto visualizava grandes secções de preto no painel final sombrio, enchia-as agora apenas parcialmente, porque sabia que demasiada tinta iria enrugam o papel.

Quando a batida na porta da entrada — e os latidos de terror de *Spock* — o interromperam, fez o que sempre fazia aquando de interrupções. Praguejou. Depois de acabar, resmungou uma pequena série de palavras — digamos que eram o seu pequeno ritual de encantamento. Voltou a limpar o pincel em água e levou-o com ele ao descer as escadas para abrir a porta.

Quando viu Cilla de pé no alpendre com a garrafa de vinho na mão, a irritação deu lugar à curiosidade.

— Tudo bem, *Spock* — disse, para calar o cão que ladrava e tremia violentamente no cimo das escadas.

— Não gostas de vinho tinto? — perguntou Ford a Cilla quando abriu a porta.

— Não tenho saca-rolhas.

Desta vez o cão cumprimentou-a com uma série de saltos de satisfação e esfregou entusiasticamente o corpo nas pernas dela.

— Também gosto muito de te ver.

— Ele está aliviado por não seres as forças invasoras do planeta dele.

— Também eu.

A resposta fez Ford sorrir.

— Pronto, entra. Vou buscar um saca-rolhas. — Deu alguns passos no hall de entrada, depois parou e virou-se para trás. — Queres pedir-me o saca-rolhas emprestado ou queres que abra a garrafa para que a possas partilhar?

— Porque não a abres?
— Então é melhor vires também. Tenho de limpar o pincel primeiro.
— Estás a trabalhar. Então levo o saca-rolhas.
— Já te ofereceste para partilhar, está oferecido. O trabalho pode esperar. Que horas são?

Cilla reparou que ele não tinha relógio e olhou para o seu.

— Sete e meia, mais coisa, menos coisa.
— O trabalho pode definitivamente esperar, mas este pincel não. O sabão, a água, o saca-rolhas e os copos estão todos convenientemente guardados na cozinha. — Pegou-lhe casualmente no braço com força suficiente para a levar para onde ele queria.

— Gosto da tua casa.

— Eu também. — Indicou o caminho através de um corredor largo com tetos altos com sancas cremes. — Comprei-a praticamente como está. Os antigos proprietários fizeram um bom trabalho de restauro, por isso a única coisa que precisei de fazer foi despejar mobília cá dentro.

— O que te incentivou a comprá-la? Normalmente há sempre uma ou duas coisas que convencem o comprador. Isto, para mim, seria uma delas — disse, entrando na cozinha de dimensões generosas com um bar de tampo de granito que abria para uma sala de estar descontraída.

— Na verdade foi a vista e a luz no piso de cima. Trabalho lá em cima, por isso era fundamental haver luz.

Ford abriu uma gaveta e localizou um saca-rolhas de um modo que transmitia que as suas gavetas estavam organizadas. Pousou-o e dirigiu-se ao lava-loiça para lavar o pincel.

Spock executou o que parecia uma dança aos pulos e sapateados, depois saiu disparado pela porta.

— Onde é que ele vai?

— Estou na cozinha, o que envia ao seu cérebro um sinal de que há comida. Aquilo era ele a dançar de contente.

— Ai era isso que ele estava a fazer?

— Sim, é um rapaz bastante básico. A comida deixa-o feliz. Tem um dispensador automático de comida na lavandaria e uma porta para cão. De qualquer maneira, esta cozinha é quase um desperdício em mim, assim como a sala de jantar que eles montaram ali daquele lado, uma vez que não faço jantares formais. Também sou um rapaz bastante básico. Mas gosto de ter espaço.

Colocou as cerdas limpas do pincel num copo.

— Senta-te — convidou, enquanto pegava no saca-rolhas.

Cilla sentou-se ao balcão do bar, admirou os fornos de aço inoxidável, os armários de cerejeira, o fogão de seis bicos e grelhador sob a

chaminé de aço brilhante. E uma vez que a fadiga do fim do dia não a tinha deixado cega, admirou também o rabo dele.

Ford pegou em dois copos de vinho tinto de um dos armários de portas de vidro martelado e serviu o *cabernet*. Aproximou-se, ofereceu-lhe um copo, depois, levantando o seu, debruçou-se no bar em direção a ela e disse:

— Então...

— Então. É bem provável que vivamos em frente um ao outro durante um bom pedaço de tempo. É melhor suavizar um pouco as coisas.

— Suavizar é bom.

— É lisonjeador ser vista como uma deusa guerreira mítica qualquer — começou por dizer. — Estranho, mas lisonjeador. Até posso divertir-me um pouco com isso, com aquele estilo de Xena/Super-Mulher, mas ao estilo do século XXI.

— Isso é bom e não estás muito longe.

— Mas não gosto do facto de andares a observar-me, ou a desenharm-me sem que eu saiba. Isso para mim é um problema.

— Porque o encaras como uma invasão de privacidade. E eu encaro-o como um ato natural de observação.

Cilla bebeu um gole.

— As pessoas olharam para mim durante toda a vida, tiraram-me fotografias. Observaram-me. A dar um passeio, a comprar sapatos, a comprar um gelado, tudo é uma oportunidade para tirar uma fotografia. Talvez as coisas estivessem feitas para esse propósito, mas na altura não tinha controlo sobre isso. Embora não esteja já a trabalhar na indústria, continuo a ser neta da Janet Hardy, por isso de vez em quando ainda acontece.

— E não gostas.

— Não, não gosto, já passei essa fase. E não quero trazer esse tipo de subprodutos de Hollywood para aqui.

— Posso mudar para aquele segundo rosto, mas tenho de ficar com os teus olhos.

Cilla bebeu mais um gole.

— É aqui que entra a parte esquisita para mim. Não quero que uses o outro rosto. Sinto-me estúpida com isto, mas gosto da ideia de servir como inspiração para um herói da BD. E isto é algo que nunca julguei ouvir-me dizer.

Ford fez uma pequena dança de felicidade no seu interior.

— Então não se trata do resultado, mas do processo. Queres comer alguma coisa? Eu quero. — Virou-se, abriu um armário e tirou um pacote de *Doritos*.

— Isso não é comida de verdade.

— É por isso que é tão bom. Eu observei pessoas a *minha* vida toda — disse Ford, enquanto enfiava a mão no pacote de *Doritos*. — Fiz desenhos; bem, comecei a desenhar assim que consegui segurar nos lápis de cera. Observava-as, a maneira como se mexiam, os gestos que faziam, a maneira como se constituem os rostos e os corpos. O seu porte. É como respirar. Algo que tenho de fazer. Podia prometer-te que não ia voltar a observar-te, mas ia estar a mentir. Posso é prometer que te mostro todos os esboços que fiz e tentar cumprir essa promessa.

Já que ali estavam, Cilla comeu um *Dorito*.

— E se eu os detestar?

— Se tiveres um pingo de bom gosto, não vais detestar nada, mas se for esse o caso, temos pena.

Enquanto pensava, comeu mais um biscoito. Reparou que a voz dele continuara descontraída por cima do tom rígido e austero das suas palavras.

— Isso é uma coisa dura de se dizer.

— No que diz respeito ao meu trabalho, não sou aquilo que se pode chamar de flexível. Sou bastante maleável quanto a tudo o resto.

— Conheço o tipo. O que se segue aos esboços?

— É preciso ter uma história. Os desenhos são apenas metade de um romance gráfico. Mas tens de... Traz o teu vinho. Vamos lá acima.

Ford pegou no pincel.

— Estava a pintar o último painel do *Vingança* quando bateste à porta — disse-lhe quando a conduziu para fora da cozinha até às escadas.

— Estas escadas são originais da casa?

— Não sei. — Enrugou a testa enquanto olhava para elas. — Talvez sejam. Porquê?

— Porque está aqui um trabalho maravilhoso. As estacas, o corrimão, o acabamento. Alguém teve muito cuidado com esta casa. É um contraste gigantesco com a minha.

— Bem, mas agora estás tu a cuidar dela. E contrataste o Matt, que é meu amigo, para tratar da carpintaria. Sei que ele trabalhou aqui antes de eu comprar a casa. E também fez algumas coisas para mim depois. — Virou para o estúdio.

Cilla viu o deslumbrante chão de tábuas largas de castanheiro, as lindas janelas altas e o rebordo largo e brilhante.

— Que sala maravilhosa.

— E grande. Foi concebida para ser o quarto principal, mas não preciso de tanto espaço para dormir.

Cilla voltou a concentrar-se nele e nos vários locais de trabalho dispostos pela sala. Cinco armários de arquivo, grandes e feios, alinha-

vam-se contra uma das paredes. Outra estava forrada de prateleiras que continham o que parecia uma organização implacável de ferramentas e materiais artísticos. Ford dedicava outra secção a bonecos em miniatura e acessórios. Cilla reconheceu uma mão-cheia de figuras e questionou-se por que motivo o Darth Vader e o Super-Homem pareciam tão amigos.

No centro da sala estava uma enorme prancheta de desenho, atualmente ocupada pelos painéis que, presumivelmente, Ford mencionara. De ambos os lados da prancheta havia balcões e cubículos com vários utensílios, lápis, pincéis, resmas de papel. Fotografias, esboços, imagens de pessoas, lugares e edifícios rasgados de revistas. Uma outra parte do balcão tinha um computador, uma impressora, um scanner — e um boneco de *Buffy, a Caçadora de Vampiros*.

Em frente, formando um largo U, estava um espelho de corpo inteiro.

— Tens aqui muita coisa.

— É preciso muita coisa. Mas a respeito da arte, que é o que queres saber, faço uns milhões de esboços, seleciono as minhas pessoas, visto-as, brinco com os panos de fundo, com os primeiros planos, com as colocações — e algures lá pelo meio escrevo o guião, separando-o por painéis. Depois faço miniaturas — pequenos desenhos rápidos que me ajudam a decidir como vou dividir o espaço, como os quero compor. A seguir faço os painéis a lápis e por fim pinto a tinta, que é exatamente isso, pintar os desenhos com tinta da China.

Cilla dirigiu-se à prancheta.— Branco e preto, luz e sombra. Mas o livro que me deste estava impresso a cores.

— E este também vai ser. Costumava colorir e introduzir as legendas todas à mão. É divertido — disse-lhe ele, encostando a anca a uma das pernas do U. — Só que demora muito tempo. E depois quando se publica no estrangeiro, e eu publico, torna-se problemático mudar os balões de falas todos à mão para se adequarem à tradução. Por isso, essa parte passou a ser tratada digitalmente. Faço digitalizações com o scanner e depois de ter os painéis no computador, trato de os colorir com o Photoshop.

— O trabalho artístico é terrivelmente bom — declarou Cilla. — Quase conta a história sem legendas. As imagens são muito fortes.

Ford esperou um instante, a seguir outro.

— Estou à espera.

Ela olhou para ele por cima dos ombros.

— Estás à espera de quê?

— Que me perguntes por que motivo estou a desperdiçar o meu talento em livros de banda desenhada em vez de me dedicar a uma carreira artística legítima.

— Então vais esperar muito tempo. Não acho que seja desperdício

uma pessoa fazer aquilo que quer fazer, principalmente quando é uma coisa na qual é excelente.

— Eu sabia que ia gostar de ti.

— Além de que, estás a falar com alguém que durante oito anos foi protagonista numa série humorística com episódios de meia hora. Não era Ibsen, mas podes crer que era legítimo. As pessoas vão reconhecer-me pelo teu trabalho. Já não estou muito nos radares, mas sou bastante parecida com a minha avó e ela continua a despertar atenção. Continuará sempre. As pessoas vão estabelecer a ligação.

— Isso é um problema para ti?

— Quem me dera saber.

— Tens uns dias para pensar sobre o assunto. Ou... — Ford virou-se, abriu uma gaveta e tirou alguns papéis.

— Redigiste uma autorização — disse Cilla depois de olhar de relance para os papéis.

— Achei que ias acabar por concordar, ou não. Se concordasses, resolvíamos já esta questão de uma vez por todas.

Cilla afastou-se, foi até às janelas. As luzes estavam a brilhar novamente, pensou. Pequenos diamantes a cintilar no escuro. Observou-os e ao cão que naquele momento corria a perseguir sombras no jardim de Ford. Bebeu um gole de vinho. Depois virou a cabeça para olhar para ele por cima do ombro.

— Não vou posar com couraça nenhuma.

O bom humor chegou-lhe aos olhos antes mesmo de Ford sorrir.

— Por mim tudo bem.

— Nada de nudez.

— Só para a minha coleção pessoal.

Ela deu uma pequena gargalhada.

— Tens uma caneta?

— Tenho algumas centenas. — Enquanto ela atravessava a sala, Ford escolheu uma esferográfica normal.

— Tenho outra condição. Um pedido pessoal e mesquinho. Quero que ele desanque *muitos* mais canastros do que a Batgirl.

— Está garantido.

Depois de assinar três cópias, Ford entregou-lhe uma.

— Para os teus arquivos pessoais. Que tal se bebêssemos mais um copo de vinho, encomendássemos uma pizza e festejássemos o nosso acordo?

Cilla recuou. Não que ele tivesse invadido o seu espaço; ela é que invadira o dele. Mas o frémito que sentiu na pulsação disse-lhe que devia marcar a distância.

— Não, obrigada. Tu tens de trabalhar e eu também.

— A noite ainda é uma criança. — Ford saiu da sala com ela. — E o dia de amanhã é longo.

— A noite já não é assim tão criança e o dia de amanhã nunca será suficientemente longo. Além de que preciso de um tempo extra para fantasiar em instalar um jacuzzi.

— Eu tenho um.

Ela deslizou os olhos até aos dele enquanto desciam as escadas.

— Presumo que não tens um massagista assim à mão de semear, não?

— Não, mas tenho umas mãos muito boas.

— Aposto que sim. Bem, se fosses o Orlando Bloom, consideraria isto como um sinal de Deus e estava na cama contigo em menos de 90 minutos. Mas como não és — abriu a porta da frente sozinha, — digo-te apenas boa-noite.

Ele ficou de pé na porta, a franzir o sobrolho; depois foi até ao alpendre enquanto ela se dirigia para a estrada.

— Orlando Bloom?

Cilla limitou-se a levantar a mão num gesto de desvalorização e continuou a andar.

4.

TEVE ALGUNS DIAS BONS, bastante produtivos. Organizou o canalizador, o electricista e o carpinteiro principal e recebeu o primeiro de três orçamentos para substituir as janelas. Mas, segundo a sua nova forma de pensar, o maior golpe de sorte que teve foi encontrar um senhor já idoso chamado Dobby e o seu enérgico neto, Jack, que iam salvar e restaurar o estuque original das paredes.

— O velho McGowan contratou o meu pai para fazer estas paredes todas por volta de 1922 — disse Dobby a Cilla na sala da pequena quinta, com as suas pernas curtas e curvadas. — Eu tinha uns seis anos, vim cá ajudá-lo a misturar o estuque. Nunca tinha visto uma casa tão grande.

— O trabalho está bem feito.

— O meu pai tinha muito orgulho no que fazia e ensinou-me a ter também. A menina Hardy contratou-me para fazer alguns retoques e colocar estuque novo nos sítios onde ela fez alterações. Isso deve ter sido por volta de 65, acho eu.

Cilla via o rosto de Dobby como um pedaço de papel pardo que

tinha sido amachucado numa bola e depois alisado sem grande cuidado. Quando sorria, as rugas aprofundavam-se como vales.

— Também nunca tinha visto ninguém como ela. Parecia um anjo. Tinha uma maneira tão doce de ser e não assumia ares de vedeta, como uma pessoa esperava de uma estrela de cinema. Até me assinou um dos álbuns dela e tudo, quando consegui reunir coragem para lhe pedir um autógrafa. A minha mulher não me deixava tocar o disco depois disso. Tive de o encaixilhar para colocar na parede e comprar outro para ouvir. Continua lá pendurado na parede da sala.

— Fico contente por o ter encontrado; assim mantemos a tradição.

— Não fui difícil de encontrar, espero. Há muita gente, mesmo no tempo da menina Hardy, e com as posses que ela tinha, que teria simplesmente colocado gesso cartonado. — Virou os olhos de um castanho profundo para Cilla. — A maior parte das pessoas agora faz isso em vez de preservar o estuque.

— Não vou conseguir salvar tudo, senhor Dobby. Algumas coisas terão de mudar e outras têm simplesmente de sair. Mas pretendo salvar tudo aquilo que for possível. — Passou um dedo pela fenda comprida da parede da sala de estar. — Acho que a casa merece esse tipo de respeito da minha parte.

— Respeito. — Dobby acenou com a cabeça, obviamente agradado. — É uma bela maneira de encarar a questão. É bom termos novamente um McGowan nesta casa e ainda por cima que vem da família, menina Hardy. O meu neto e eu vamos fazer um bom trabalho para si.

— Tenho a certeza que sim.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão no mesmo sítio em que Cilla imaginava que o pai dele cumprimentara o seu bisavô. E onde Janet Hardy autografara um álbum que ficaria exposto numa parede.

Passou algumas horas fora da propriedade com um marceneiro local. O respeito era importante, mas os armários da velha cozinha tinham de sair. Planeava lixar alguns deles, voltar a pintá-los e colocá-los a uso na zona que serviria de sala de entrada do jardim e lavandaria que tinha projetado.

Quando voltou a casa, encontrou a garrafa aberta de *cabernet* com uma divertida rolha com a cabeça de um extraterrestre que brilhava no escuro e um saca-rolhas em cima das tábuas temporárias junto à porta da entrada.

Por baixo tinha um bilhete que dizia:

*Desculpa não te ter devolvido isto antes, mas o Spock acorren-
tou-me à secretária. Recentemente fugido, vi que não estavas em*

casa. Alguém podia ser egoísta e beber o resto do vinho sozinha, ou então convidava o vizinho da frente para se juntar a ela numa destas noites.

Ford.

Divertida, pensou em fazer exatamente o que ele sugeria — numa destas noites. Olhando para trás, sentiu uma pontada de desilusão por ele não estar no alpendre — varandim, corrigiu. E a pontada avisou-a de que devia ser cuidadosa na partilha de garrafas de vinho com homens bonitos que viviam do outro lado da estrada.

Pensar nisto, pensar nele, fê-la lembrar-se do estúdio dele — o espaço, a luz. Não seria bom ter um espaço assim, com aquela luz, para fazer um escritório? Se fosse para a frente com os seus planos de continuar a restaurar a casa, a melhorá-la, ia precisar de um escritório eficiente e atraente.

O quarto do segundo piso que destinara para o efeito servia perfeitamente. Mas ao imaginar o estúdio de Ford enquanto pousava o vinho na bancada da cozinha (marcada para ser demolida no dia seguinte), achou que o escritório que projetara para si ia ser pequeno, acanhado e pouco adequado.

Podia sempre derrubar a parede que dividia o segundo e o terceiro quarto, pensou. Mas isso não lhe ia dar a luz e o espaço que agora imaginava.

Enquanto cirandava pelo primeiro piso, redistribuiu, projetou e pensou. Podia ser feito, considerou, mas não queria o escritório instalado no piso principal. Não queria viver no local de trabalho, por assim dizer. Não a longo prazo. Além de que, se não tivesse visto o estúdio de Ford, teria ficado mais do que satisfeita com o quarto transformado.

Mais tarde, se o negócio prosperasse realmente, podia sempre acrescentar uma parte no lado sul, depois...

— Espera lá.

Subiu as escadas a correr, atravessou o corredor e foi até à porta do sótão. Quando a abriu, a porta rangeu em protesto, mas a lâmpada despida no cimo da escada íngreme e estreita piscou quando Cilla ligou o interruptor.

Limpar o sótão. Instalar candeeiros novos.

Subiu a escada e puxou o fio da primeira de três lâmpadas.

— Oh, sim. É *mesmo* isto.

Era uma divisão comprida, com o teto inclinado, desarrumada e cheia de pó e teias de aranha. E, aos olhos de Cilla, cheia de potencial. Embora até àquele momento estivesse muito em baixo na lista de prio-

ridades de zonas a limpar e reparar, no interior da sua cabeça também existia uma lâmpada acesa.

O espaço era enorme, o teto de traves expostas tinha altura suficiente para ela estar de pé e ainda sobrava um bom bocado de espaço até o telhado começar a descer. De momento havia apenas duas janelas miseráveis, uma em cada extremidade, mas isso podia mudar. Ia mudar.

Caixas, arcas, uma cómoda chamuscada, mobília velha, velhos candeeiros de pé com abajures amarelados, tudo estava coberto por uma camada de pó. Fantasmas sombrios. Enfiados numa estante, livros, provavelmente cheios de traças e velhos álbuns, certamente tortos depois de décadas de verões escaldantes.

Já tinha ido ali antes, olhara rapidamente e estremeecera; depois colocara o sótão nas coisas a fazer “Um Dia”.

Mas agora.

Separar as tralhas, pensou, escrevendo rapidamente. Separar o trigo do joio. Limpar tudo. Arranjar a escada e a entrada de acordo com os requisitos atuais. Alargar as janelas. Queria uma entrada a partir do exterior — o que significava construir uma escada do lado de fora — talvez com uma porta estilo átrio. Precisava de isolar, lixar e selar as traves e deixá-las expostas. Era preciso eletrificar, colocar aquecimento e ar condicionado — canalização também, porque havia espaço de sobra para instalar uma casa de banho. Talvez umas claraboias.

Ai, ai. Tinha acabado de acrescentar uma *pipa* de massa ao orçamento.

Mas não seria divertido?

Sentada no chão de pernas cruzadas, passou uma hora a registar alegremente várias opções e ideias.

Quantas das coisas que estavam ali em cima tinham pertencido ao bisavô? Teria ele, ou a filha ou o filho, usado aquele jarro e o lavatório de porcelana branca para se refrescarem? Ou ter-se-iam sentado e embalado um bebé choroso na cadeira de baloiço desengonçada?

Quem leu aqueles livros, quem ouviu a música, quem levou ali para cima as caixas onde encontrou um emaranhado de luzes de Natal com lâmpadas gordas e de cores antiquadas?

Deitar fora, doar ou guardar, matutou. Ia ter de começar a fazer montes. Mais caixas revelaram mais enfeites de Natal, pedaços de tecido que alguém guardou talvez com a ideia de fazer alguma coisa com eles. Encontrou três torradeiras com os fios esfiapados, possivelmente roídos pelos ratos, candeeiros de porcelana partida, chávenas de chá lascadas. As pessoas guardavam as coisas mais estranhas.

Apercebeu-se da existência de ratos ao descobrir quatro ratoeiras,

felizmente inabitadas. Curiosa, e uma vez que já estava toda suja, agachou-se para pegar em alguns dos livros. Talvez os conseguisse salvar.

Questionou-se quem teria lido Zane Grey. Quem gostava de Frank Yerby e Mary Stewart? Colocou-os num monte e foi buscar mais. Steinbeck, Edgar Rice Burroughs, Dashiell Hammett e Laura Ingalls Wilder.

Começou por pegar num exemplar de *O Grande Gatsby* e os dedos afundaram-se na lateral. Temendo que as páginas se tivessem simplesmente desintegrado, abriu-o com todo o cuidado. No interior, as páginas tinham sido recortadas de forma a deixar apenas uma moldura e dentro dela estava um maço de cartas atadas com uma fita vermelha desbotada.

— Trudy Hamilton — leu Cilla. — Oh, meu Deus.

Ficou sentada com o livro aberto no colo, mãos juntas como se estivesse a rezar e os dedos a comprimir os lábios. Eram cartas enviadas à avó, para um nome que Janet não usava desde a infância.

O endereço no envelope era de uma caixa postal em Malibu. E o selo...

Com cuidado, Cilla pegou no maço de cartas e virou-o para a luz.

— Front Royal, Virgínia, janeiro de 1972. — Um ano e meio antes de ela morrer, pensou Cilla.

Eram cartas de amor. O que mais podiam ser, atadas com uma fita e escondidas no sótão? Um segredo de uma mulher que não tinha tido oportunidade de ter muitos segredos, sempre sob o microscópio da fama e certamente escondido pelas suas próprias mãos até, como *Gatsby*, ter morrido tragicamente cedo de mais.

Estás a romantizar tudo, disse Cilla para consigo. *Podem perfeitamente ser cartas normais de um velho amigo ou de um familiar distante.*

Mas não eram. Sabia que não eram. Voltou a colocá-las no livro, fechou-o e levou-o consigo para baixo.

Tomou um duche primeiro, sabendo que não se atrevia a mexer no tesouro que encontrara no sótão enquanto estivesse coberta de poeira.

Esfregou-se, vestiu umas calças de flanela e uma camisola e com o cabelo apanhado atrás da cabeça serviu-se de um copo do vinho de Ford. Sob a luz fluorescente — bem, aquela lâmpada tinha mesmo de ir —, bebeu o vinho e olhou para o livro.

As cartas agora pertenciam-lhe, Cilla não tinha nenhuma dúvida disso. Oh, a mãe ia discordar, fortemente. Ia começar a chorar pela sua perda, pelo direito que tinha a qualquer coisa que fosse de Janet. Depois vendia-as, leiloava-as, como tinham feito ao longo dos anos com tantas coisas que haviam pertencido a Janet.

Para ficarem para a posteridade, dizia Dilly. Para o público a poder adorar. Mas era tudo uma treta tão grande, pensava Cilla. Era pelo di-

nheiro e pelo reflexo do brilho da fama, pela reportagem na revista *People*, com fotografias de Dilly a segurar no maço de cartas, olhos a brilhar com lágrimas, com imagens dela e de Janet.

Mas ela acreditava nas próprias invenções, pensou Cilla. Era uma das melhores capacidades de Dilly, tão inata como a habilidade de invocar aquelas lágrimas para lhe encherem os olhos no momento exato.

O que devia fazer com as cartas? Escondê-las novamente, devolvê-las ao remetente? Emoldurá-las como um disco autografado e pendurá-las na parede da sala?

— Primeiro tenho de as ler.

Cilla expirou, colocou o vinho de lado, depois arrastou um banco até ao balcão. Com muito cuidado, desatou a fita desbotada, depois tirou a primeira carta do envelope. O papel murmurou enquanto o desdobrava. Uma caligrafia escura e perceptível enchia duas páginas.

Minha Querida,

O meu coração bate mais depressa por saber que tenho o direito de te chamar assim. Minha querida. O que fiz na minha vida para ganhar um presente tão precioso como este? Sonho contigo todas as noites, com o som da tua voz, com o cheiro da tua pele, com o sabor da tua boca. Estremeço por dentro quando recordo a absoluta glória que é fazer amor contigo.

Acordo todas as manhãs com medo que tenha sido apenas um sonho. Terei imaginado que estivemos sentados em frente à lareira naquela noite fria e límpida, a conversar como nunca antes tínhamos conversado?

Apenas amigos, sabia o que sentia por ti, o que queria contigo e o que nunca aconteceria. Como podia alguma vez uma mulher como tu querer alguém como eu? Mas depois, depois, o que aconteceu? Caíste nos meus braços? Os teus lábios procuraram os meus? Envolvemo-nos como loucos enquanto o fogo crepitava e a música tocava? Terá tudo sido um sonho, minha querida? Se foi, quero viver eternamente nos meus sonhos.

Agora que estamos tão afastados, o meu corpo sofre pelo teu. Desejo ouvir a tua voz, mas não só no rádio ou no gira-discos. Anseio pelo teu rosto, mas não nas fotografias ou no ecrã do cinema. É a ti que eu quero, a ti, que estás aí dentro. A mulher bonita, apaixonada e real que tive nos meus braços naquela noite e nas noites que conseguimos roubar depois disso.

*Vem para mim depressa, minha querida. Volta para mim e para o mundo secreto onde só existimos os dois.
Neste ano novo, envio-te todo o meu amor e desejo.*

*Sou agora e para sempre,
Só Teu.*

Ali?, questionou-se Cilla, dobrando a carta cuidadosamente. Teria sido ali naquela casa, em frente à lareira? Teria Janet encontrado o amor e a felicidade naquela casa, nos últimos dezoito meses da sua vida? Ou seria apenas mais um caso, mais um dos seus encontros breves?

Cilla contou os envelopes, reparando que estavam todos endereçados para o mesmo local e com a mesma caligrafia, embora alguns dos selos variassem. Quarenta e duas cartas, pensou, sendo que a última tinha sido colocada no correio apenas dez dias antes de Janet se suicidar ali naquela casa.

Com os dedos um pouco trémulos, abriu a última carta.
Desta vez só tinha uma página.

Isto acaba agora. As chamadas, as ameaças, esta histeria acaba agora. Acabou, Janet. A última vez foi um erro e não vai voltar a acontecer. Deves estar louca, a ligar-me para casa, a falar com a minha mulher, mas também já vi muitas vezes a doença que há em ti. Entende o que te digo: não vou deixar a minha mulher, nem a minha família. Não vou colocar em risco tudo o que construí, e o meu futuro, por ti. Dizes amar-me, mas o que sabe uma mulher como tu sobre o amor? A tua vida inteira foi construída sobre mentiras e ilusões e durante algum tempo ainda me deixei seduzir por elas, por ti. Mas isso acabou.

Se estás grávida, como dizes, não há provas de que a responsabilidade seja minha. Não voltes a ameaçar-me com exposição, ou pagarás por isso, juro-te.

Fica em Hollywood, onde as tuas mentiras são a moeda corrente. Aqui não têm o menor valor. Não és desejada.

— Grávida — murmurou Cilla e a palavra pareceu ecoar pela casa.

Trémula, empurrou o banco para ir abrir a porta das traseiras e deixar que o ar fresco lhe arrefecesse o rosto.

* * *

CULVER CITY

1941

— PARA PERCEBER — disse Janet a Cilla — tens de começar pelo princípio. Estás lá perto.

A mão que segurava a de Cilla era pequena e suave. Como em todos os sonhos com Janet, a imagem iniciava como uma fotografia, esbatida e esfiapada, que começava a ganhar cor e profundidade.

Duas longas tranças passavam por cima dos ombros do vestido de algodão como cordas de luz num prado de flores esbatidas. Aqueles olhos azuis, brilhantes, frios e cristalinos fitavam o mundo. A ilusão do mundo.

As pessoas atarefavam-se em volta de Cilla e da criança que se tornaria na sua avó, a pé ou nos carrinhos abertos que avançavam pela avenida larga. A Quinta Avenida, percebeu Cilla — ou a sua representação cinematográfica.

Naquela altura a MGM estava no auge. Tinha mais estrelas do que aquelas que o céu podia aguentar e a criança que lhe segurava a mão seria uma das mais brilhantes.

— Tenho sete anos — disse Janet. — Já faço espetáculos há três. Primeiro comecei com variedades. Queria cantar e atuar. Adorava os aplausos. É como ser abraçada por mil braços. Sonhava em ser uma estrela — continuou enquanto levava Cilla pela mão. — Uma estrela de cinema, com vestidos bonitos e luzes muito brilhantes. E todas as guloseimas da loja de doces.

Janet parou, fez um complexo e enérgico passo de sapateado, levando a que os sapatos *Mary Jane* saltassem.

— Também sei dançar. Sou capaz de aprender uma coreografia com um único ensaio. A minha voz é magia que me sai da garganta. Lembro-me sempre das minhas falas, mas mais do que isso, sei *atuar*. Sabes porquê?

— Porquê? — perguntou, embora já soubesse a resposta. Tinha lido as entrevistas, os livros, as biografias. Conhecia a criança.

— Porque acreditava no que estava a fazer. Sempre. Acreditava na história. Tornava-a real para mim para que pudesse ser real para as pessoas que viessem ver-me nos filmes e espetáculos. Tu não?

— Às vezes acreditava. Mas isso significava que, quando acabava, me magoava.

A criança acenou com a cabeça e uma tristeza de adulto toldou-lhe os olhos.

— Quando acaba, é como se estivéssemos a morrer, por isso é preciso arranjar coisas que nos façam brilhar novamente. Mas isso é para mais tarde. Ainda não sei que é assim. Agora, tudo é brilhante. — A criança abriu os braços como se quisesse abraçar o mundo. — Sou mais nova do que a Judy ou a Shirley e a câmara ama-me quase tanto quanto amo a ela. Este ano vou fazer quatro filmes, mas há um que vai fazer de mim uma verdadeira estrela. “O Pequeno Cometa” é o que me vão chamar depois do lançamento de *A Família O’Hara*.

— Vais cantar “I’ll Get By” e transformá-la numa canção de amor para a tua família. Vai tornar-se a tua canção por excelência.

— Vão tocá-la no meu funeral. Mas também ainda não sei disso. Estamos no Lote Um. Rua Brownstone. — Enquanto instruía a neta e a puxava com a pequena e suave mão, a sua voz denotava uma centelha de afetação. — Os O’Hara viviam em Nova Iorque, são uma trupe de teatro que está a passar por um mau bocado. As pessoas acharam que era apenas mais um filme sobre a Depressão, com um pouco de música. Só mais uma roda na engrenagem da fábrica de filmes. Mas ele veio mudar tudo. Vão andar à boleia do Pequeno Cometa durante muito tempo. Já sou uma viciada em drogas, mas nesta altura também ainda não sei disso. Devo-o à minha querida mãe.

— Seconal e Benzedrine. — Cilla sabia. — Ela dava-tos de noite e de dia.

— Uma rapariga tem de dormir bem de noite e acordar de manhã cheia de energia e boa disposição. — No rosto da criança brilhavam uns olhos adultos e amargurados. — Ela queria ser uma estrela, mas não tinha talento. Eu tinha, por isso ela pressionou-me incessantemente e usou-me. Nunca me abraçava, mas o público sim. Ela mudou-me o nome e mexeu uns cordelinhos. Assinou-me um contrato de sete anos com o senhor Mayer, que voltou a mudar-me o nome e quem ficou com o dinheiro todo foi ela. Dava-me comprimidos para eu poder ganhar mais dinheiro. Odiava-a... ainda não neste momento, mas em breve. Hoje em dia já não me importo — disse com um encolher de ombros que fez saltitar as tranças. — Hoje estou contente porque sei o que fazer com a canção. Sei sempre o que fazer com uma canção.

Janet gesticulou.

— Ali é a orquestra de palco. É onde toda a magia acontece. Aqui somos apenas fantasmas; fantasmas e sonhos — continuou, enquanto passava por elas um carrinho cheio de atores vestidos em trajes formais. — Mas lá dentro, é real. Enquanto a câmara está ligada, não existe mais nada.

— Não é real, Janet. É apenas um trabalho.

Os olhos azuis encheram-se de ardor.

— Talvez seja assim para ti, mas para mim foi o meu verdadeiro amor, a minha salvação.

— Foi o que te matou.

— Mas primeiro fez de mim quem sou. Eu queria isto. É isso que tens de entender para conseguires perceber o resto. Queria isto mais do que qualquer outra coisa que alguma vez quisera, ou que voltei a querer, quase até ao fim. Aqueles breves momentos em que faço a cena, canto a canção e até os olhos do realizador se enchem de lágrimas. Quando, depois de ele gritar “Corta”, toda a equipa, os atores, começam a aplaudir, *sinto* o amor que todos têm por mim. É a única coisa que quero neste mundo e o que tentarei encontrar uma e outra vez. E consegui algumas vezes. Fui feliz aqui, principalmente quando tinha sete anos.

Janet sorriu, suspirou.

— Se me deixassem, teria vivido aqui, cirandando entre Nova Iorque e a Roma Antiga, do Oeste a uma pequena cidade americana. Que outro lugar podia ser um parque de diversões melhor para uma criança? Isto era mais a minha casa do que qualquer outro lugar. E sentia-me pateticamente grata.

— Eles usaram-te até à exaustão.

— Não nesta altura, não. — Franzindo o sobrolho um tanto aborrecida, Janet desvalorizou a ideia com um aceno.— Hoje tudo é perfeito. Tenho tudo o que alguma vez quis nesta altura.

— Compraste a Quinta Pequena a milhares de quilómetros daqui. É um mundo à parte.

— Mas isso foi mais tarde, não foi? E além disso, eu regresso sempre. Precisava disto aqui. Não podia viver sem amor.

— Foi por isso que te mataste?

— Há tantas razões para justificar tanta coisa. É difícil escolher só uma. É o que queres fazer. É só o que tens de fazer.

— Mas se estavas grávida...

— Se, se, se. — A rir, Janet dançou pelo passeio, subiu os degraus de uma fachada imponente de uma casa de tijolo e voltou a descê-los. — *Se* é para amanhã, para o próximo ano. As pessoas vão brincar aos *ses* sobre a minha vida, depois de eu morrer. Serei imortal, mas não vou cá estar para apreciar a imortalidade. — Voltou a rir-se, depois deu uma volta ao candeeiro de rua, como se fosse o Gene Kelly. — A não ser quando sonhares comigo. Não pares, Cilla. És capaz de me trazer de volta, como serás capaz de o fazer com a Quinta Pequena. És a única pessoa que o pode fazer.

Afastou-se.

— Tenho de ir. Está na hora da minha cena. Está na hora de fazer magia. Na verdade, estou apenas no início. — Soprou um beijo a Cilla, depois correu pelo passeio fora.

À medida que as ilusões de Nova Iorque se desvaneciam e Cilla submergia lentamente do sonho, ouviu a voz rica e enternecedora de Janet a pairar no ar.

Vou sobreviver, enquanto te tiver a ti.

Mas não sobreviveste, pensou Cilla, enquanto olhava para a suave luz do Sol que entrava pelas janelas. *Não sobreviveste.*

Com um suspiro, saiu do saco-cama e esfregou o rosto para afastar o sono. Depois foi até à janela para olhar para as colinas e montanhas. Pensou num mundo, numa vida que ficava quase a cinco mil quilómetros de distância, a oeste.

— Se a tua casa era aí, se era daquilo que precisavas, porque vieste morrer aqui?

Teria sido por ele?, questionou-se. *Estavas grávida e os quilómetros ajudavam a esconder o facto? Ou era mentira e disseste-o apenas para que o teu amante não acabasse com a relação?*

Quem era ele? Estaria ainda vivo? Viveria ainda na Virgínia? *Como mantiveste o romance afastado do microscópio do público? E porque o fizeste?*, era uma pergunta ainda mais pertinente para Cilla.

Foi por causa dele que desligaste o telefone naquela noite e tomaste comprimidos com vodca, mais vodca com mais comprimidos até morreres? Então não foi por causa de Johnnie, matutou Cilla. *Não foi, como tanta gente pensou, por causa da culpa e desgosto de teres perdido o teu filho de 18 anos, tão mimado. Ou pelo menos, não só por isso.*

Mas uma gravidez tão perto da morte? Seria ela esmagadora ou um raio de luz que brilhava na escuridão?

Aquilo importava, pensou Cilla. Tudo importava, não apenas porque Janet Hardy era a sua avó, mas porque ela segurara a mão da criança no sonho. A menina adorável, no pico de um sucesso impossivelmente grandioso.

Importava, sim. E tinha de encontrar as respostas de alguma forma.

Mesmo que a mãe fosse uma fonte confiável de informação — coisa que Cilla não acreditava —, ainda era demasiado cedo para ligar a Dilly. De qualquer forma, os empregados iam começar a chegar dentro de meia hora. Por isso, matutou sobre tudo aquilo e deixou que as ideias cirandassem pela sua cabeça enquanto trabalhava.

Pegou no maço de cartas que lera, voltando a atá-las com a fita desbotada. Colocou-as novamente dentro do livro de Fitzgerald. Depois deixou-o em cima da mesa desdobrável que lhe servia atualmente de

secretária, juntamente com as pilhas de pastas de arquivo, revistas de casas — e do romance gráfico de Ford.

Até conseguir perceber o que devia fazer com elas, as cartas seriam o seu segredo. Tanto quanto eram o segredo de Janet.

5 .

TÃO NERVOSA COMO UM PAI que manda o primeiro filho para a escola, Cilla supervisionou os homens que carregavam os eletrodomésticos antigos da cozinha para um camião. Depois de restaurados, seriam as joias da nova cozinha. Pelo menos era esse o plano.

Num futuro mais imediato, ia ter de improvisar com o frigorífico pequeno que ficava por baixo da bancada, um bico a eletricidade e o micro-ondas, todos mais apropriados a um dormitório de faculdade do que a uma casa de verdade.

— Compre eletrodomésticos novos na Sears — disse-lhe Buddy.

— Chame-me doida — disse Cilla, embora desconfiasse que ele já o fazia. — Agora vamos lá falar sobre a instalação de uma casa de banho no sótão.

Passou a hora seguinte com ele, com o electricista e um dos carpinteiros no sótão abafado. Transmitiu-lhes a sua visão, depois ajustou-a quando as sugestões deles faziam sentido para si.

Com a banda sonora composta por martelos, brocas e serrotes, Cilla começou a difícil tarefa de separar o conteúdo do sótão e de levar as caixas para o velho celeiro. Ali, onde o cheiro fantasmagórico do feno e dos cavalos assombrava o ar, começou a guardar o lixo e os tesouros. À medida que a primavera ia surgindo à sua volta, Cilla viu as velhas janelas serem substituídas por novas e os velhos azulejos transportados para o contentor do lixo. Inspirou o aroma do serrim, do estuque, da cola de madeira e do suor.

À noite, tratava das bolhas e cortes; também lia com frequência as cartas da avó.

Numa certa noite, demasiado ansiosa para se instalar, depois de algumas equipas de trabalhadores terem saído, desceu o caminho de acesso para observar e pensar no portão de ferro. Ou pelo menos usou-o como desculpa, admitiu Cilla, quando viu Ford sentado no varandim. O aceno descontraído dele e a cauda cortada de *Spock* a abanar faziam com que fosse mais fácil, quase natural, atravessar a estrada.

— Vi que reconstruíste o teu varandim — disse-lhe ele. — Onde aprendeste a utilizar ferramentas elétricas?

— Nas várias obras. — Depois de cumprimentar o cão, virou-se para a quinta. — Daqui o meu varandim nem parece muito mau, considerando que ainda falta acabar e pintar. E as janelas também estão com bom aspeto. Vou colocar janelas maiores no sótão e instalar claraboias.

— Claraboias no sótão.

— Quando acabar as obras, já não vai ser um sótão. Vai ser o meu escritório. E a culpa é tua.

Ele sorriu, indolente.

— Ai sim?

— Inspiraste-me.

— Então acho que estamos quites, por assim dizer. — Ford ergueu a cerveja *Corona*. — Queres uma?

— Por acaso quero muito.

— Senta-te.

Enquanto Ford entrava em casa para ir buscar uma cerveja, Cilla deslizou para uma das grandes cadeiras *Adirondack* e fez uma festa na cabeça grande de *Spock*, entre as orelhas pontiagudas. Dali tinha-se uma bonita perspetiva da sua casa, pensou. Conseguia ver onde precisava de plantar árvores novas, arbustos, onde ficaria bem adicionar uma treliça no lado sul da casa, como o velho celeiro estava mesmo a pedir para ser ligado à casa através de um caminho de pedra. Ou tijolo, pensou. Talvez lousas.

— Imagino que o som viaje até aqui — disse quando Ford regressou. Aquele barulho todo devia ser aborrecido.

— Quando estou a trabalhar, não ouço grande coisa. — Entregou-lhe a cerveja e sentou-se. — A não ser que queira ouvir.

— Superpoderes de concentração?

— É uma maneira agradável de dizer que me limito a desligar aquilo que não me interessa. Como vão as coisas lá em casa?

— Vão bastante bem. Com contratempos como todos os projetos. — Bebeu um gole de cerveja, e fechou os olhos. — Meu Deus, uma cerveja gelada ao fim do dia comprido. Devia ser lei.

— Parece que ganhei o hábito de te dar álcool.

Cilla olhou para ele de relance.

— E eu ainda não retribuí.

Ele estendeu as pernas e sorriu.

— Pois, já reparei.

— Neste momento, a minha casa não está sequer em condições de receber ninguém casualmente. Nem eu. Estás a ver o portão de ferro?

— É difícil não ver.

— Devo restaurá-lo, ou substituí-lo por um novo?

— Para que precisas de um portão? Parece-me trabalho a mais sair do carro, abrir o portão, atravessar, parar o carro, fechar o portão. Mesmo que instales um portão automático, dá trabalho.

— Também pensei isso antes. Mas depois mudei de ideias. — *Spock* bateu com a cabeça várias vezes na mão dela e Cilla, percebendo o sinal, começou a coçar-lhe a cabeça. — Ele está lá por algum motivo.

— Até entendo por que motivo ela precisava dele, a tua avó. Mas desde que te mudaste para cá que não te vejo a usar o portão.

— Não tenho usado, não. — Sorriu um pouco enquanto bebericava a cerveja. — Porque dá muito trabalho. E não se adequa bem ao local, pois não? A casa de campo de construção irregular, o velho celeiro. Mas ela precisava dele. Na verdade, o portão é apenas uma ilusão. — Sabe Deus que Janet precisava das suas ilusões. — Não é muito difícil trepar por ele acima, ou pelos muros. Mas ela precisava da ilusão de segurança, de privacidade. Encontrei umas cartas antigas.

— Que ela escreveu?

Não tinha planeado dizer nada sobre as cartas. Bastariam dois goles de cerveja para lhe soltar a língua, pensou Cilla, ou apenas a presença dele? Não sabia se alguma vez tinha conhecido alguém tão genuinamente descontraído.

— Não. Que lhe escreveram a ela. Muitas delas foram escritas no último ano e meio da sua vida. Por alguém da terra; diria que a maior parte dos selos postais são daqui.

— Cartas de amor.

— Começaram por ser, sim. Apaixonadas, românticas, íntimas. — Inclinou a cabeça e observou-o enquanto bebia mais um gole de cerveja. — Porque te estou a contar isto?

— Porque não?

— Porque ainda não contei a mais ninguém. Ainda não consegui perceber o que eles eram, o que ele era, acho eu. Vou falar com o meu pai sobre isto um destes dias, ele era amigo do filho da Janet, o meu tio. E o caso amoroso parece ter começado no inverno que antecedeu a sua morte; e parece que alguns meses depois começou a desmoronar-se.

— Queres saber quem as escreveu — disse Ford, esfregando indolentemente o cão com o pé quando *Spock* se dedicou a dar-lhe cabeçadas. — Como é que ele as assinava?

— “Só Teu”, até as ter começado a assinar com variações de “vai à merda”. As coisas não acabaram bem. Ele era casado — continuou, quando *Spock*, aparentemente já com festas suficientes se enroscou debaixo da cadeira de Ford e começou a rressonar. — Não era segredo nenhum que ela tinha relacionamentos com homens casados. De casos passageiros a

ligações sérias. Apaixonava-se da mesma forma que algumas mulheres mudam de penteado. Porque na altura parecia uma boa ideia.

— Ela vivia num mundo diferente do da maioria das mulheres.

— Sempre achei que isso era uma desculpa muito útil ou uma justificação para ser descuidada, por ser egoísta.

— Talvez — disse Ford, encolhendo os ombros.— Mas não deixa de ser verdade.

— Ela ansiava por amor, físico e emocional. Era tão viciada nele como nos comprimidos que a mãe lhe começou a dar aos quatro anos. Mas acho que este era verdadeiro, para ela.

— Porque o manteve em segredo.

Cilla virou-se novamente para Ford. Ele tinha bons olhos, pensou. Não apenas pela forma como fitavam com aquele aro dourado em volta do verde salpicado. Mas pela maneira como via as coisas.

— Sim, exatamente. Ela guardou-o para si porque era importante. E talvez a morte do Johnnie tenha feito com que tudo se tornasse mais intenso e desesperado. Não sei o que ela lhe escreveu em resposta, mas pelas cartas dele, consigo sentir o desespero dela e aquela carência terrível, da mesma forma que consigo ler o entusiasmo decrescente dele, a preocupação em ser descoberto e a repulsa final que ele demonstrou. Só que ela não desistia. A última carta foi posta no correio daqui dez dias antes da morte dela.

Mudou de posição e o olhar recaiu na quinta.

— Morreu naquela casa, do outro lado da estrada. Ele disse-lhe, em palavras muito claras, muito duras, que estava tudo acabado, que o deixasse em paz. Ela deve ter entrado num avião logo depois de receber a carta. Saiu do local de gravações do seu último filme, que ficou incompleto, dizendo que estava exausta e veio para aqui. Não era uma coisa característica dela. Ela era trabalhadora, adorava o trabalho, respeitava-o, mas daquela vez abandonou-o. Só daquela vez. Devia ter esperanças de conseguir reconquistá-lo. Não achas?

— Eu não sei nada. Tu é que sabes.

— Pois sei. — Cilla apercebeu-se de que aquilo a magoava. Sentiu uma pontada no coração. — E quando percebeu que não havia esperança, matou-se. A culpa foi dela. Dela. — Depois disse, antes que Ford tivesse tempo para falar: — Quer fosse a overdose accidental que o médico-legista decidiu validar, ou o suicídio que me parece muito mais realista. Mas este homem precisa de saber que desempenhou um papel no que aconteceu naquela noite.

— Precisas dessa peça do puzzle, para poderes ver a imagem completa.

As sombras já estavam compridas, pensou Cilla. Compridas e a crescer cada vez mais. Em breve as luzes começariam a brilhar sobre as colinas e as montanhas atrás delas iam dobrar-se sobre si próprias por baixo do abrigo da escuridão.

— Eu cresci com a minha avó a fazer parte da casa, como qualquer uma das pessoas que lá vivia; a todo o lado onde ia, tudo o que fazia. A vida dela, o trabalho, o brilhantismo, as falhas, a morte. Não podia escapar-lhe. E agora, vê bem o que fiz. — Gesticulou com a garrafa em direção à quinta. — E foi uma escolha minha. Tive oportunidades que jamais teria se Janet Hardy não fosse minha avó. E também lidei com muita porcaria ao longo dos anos, porque a Janet Hardy era a minha avó. Sim, gostava de ver a imagem completa. Ou pelo menos tanto quanto me fosse possível. Não preciso de gostar dela, mas gostava de ter, talvez até precise de ter, a oportunidade de a entender.

— Parece-me razoável.

— Parece? A mim também me parece razoável, menos quando não parece e me ocorre que pode ser um tanto obsessivo.

— Ela é parte da tua história e só têm uma geração de intervalo. Posso contar-te todo o tipo de histórias sobre os meus avós, de ambos os lados. Claro, dos quatro, três deles ainda estão vivos — e desses três, dois ainda vivem aqui. Se me desses oportunidade, ia falar tanto que as orelhas te cairiam da cabeça.

— E segundo parece, estou a fazer-te o mesmo. Tenho de ir para casa. — Começou a levantar-se. — Obrigada pela cerveja.

— Estou a pensar em grelhar qualquer coisa daqui a um bocadinho. — Ford levantou-se também, virando-se casualmente de forma a encurralá-la entre o seu corpo e o parapeito do alpendre. — Comida de grelhador e de micro-ondas são as minhas especialidades culinárias. Porque não bebes mais uma cerveja e eu cozinho qualquer coisa?

Ele podia de certeza cozinhar qualquer coisa, pensou Cilla. Alto, bronzeado e encantador com uma pitada de estudioso. Era demasiado atraente para o bem dela.

— Estou a pé desde as seis da manhã e amanhã tenho um dia cheio.

— Nunca tiras uma folga? — Passou as pontas dos dedos, só as pontas dos dedos, pelo braço dela. — E isto sou eu a atirar-me a ti, oficialmente.

— Já desconfiava. Mas neste momento não tenho programado nenhum tempo de descanso.

— Então o melhor é aproveitar-me deste instante.

Cilla estava à espera de uma viagem suave, calma, a avaliar pela

maneira como a cabeça dele se inclinou sobre ela, pelo interesse ocioso dos olhos contornados de dourado. Mais tarde, quando foi capaz de pensar naquilo com clareza, decidiu que não tinha estado inteiramente errada. Foi suave, da mesma forma que um gole de um uísque excelente, sem gelo, nos escorrega suavemente pela garganta.

Mas em vez de uma viagem calma e sossegada, Cilla sentiu uma pontada forte quando os lábios dele se fecharam sobre os seus. O tipo de pontada que se dirigia diretamente para o estômago. As mãos que lhe seguravam os braços puxaram-na uma vez, rápida, insistentemente, pressionando-a contra ele. Com mais um movimento sutil, encostou-a a um poste e a boca de Cilla ficou completamente cativa.

Do 0 aos 100, pensou ela. E esqueceu-se de colocar o cinto de segurança.

Fechou as mãos sobre as ancas dele e deixou que a velocidade a levasse.

Tudo o que ele imaginara — e Ford era um homem de imaginação fértil — empalideceu. O sabor dela era mais potente, os lábios mais generosos, o corpo mais dúctil. Era como se tivesse pintado aquele primeiro beijo com as cores mais brilhantes, mais garridas da paleta.

E mesmo assim não eram suficientemente profundas.

Ela era como uma viagem de dragão, um voo através do espaço, um mergulho nas águas profundas de um mar encantado.

As mãos dele subiram dos ombros para o rosto dela, depois para o cabelo, puxando o elástico que o prendia. Ford recuou para olhar para ela com o cabelo caído, para ver os seus olhos e o rosto antes de a puxar novamente.

Mas ela colocou-lhe uma mão no peito.

— É melhor não. — Cilla expirou cuidadosamente. — Já atingi a minha quota de erros para esta década.

— Isto a mim não me pareceu um erro.

— Talvez, talvez não. Preciso de pensar.

Enquanto a observava, Ford passou as mãos pelos braços dela, até aos cotovelos e novamente para cima.

— Pois, é mesmo uma grande pena.

— Pois é. — Cilla inspirou novamente. — É mesmo. Mas...

Ao sentir um leve empurrar da parte dela, Ford recuou.

— Então, há uma coisa que preciso de saber. Posso ser persistente, posso ser paciente ou posso ser um grande chato. Quero saber em que categoria me enquadras se for à tua casa de vez em quando ou te convidar a vir aqui, com a mais completa intenção de conseguir ter-te nua.

O cão fez um ruído estranho debaixo da cadeira e Cilla viu um dos

olhos arregalados abertos. Como se também ele quisesse que ela respondesse.

— Ainda não estás nem perto da terceira categoria, mas se isso acontecer, eu aviso-te. — Deu um passo ao lado. — Vou guardar essa oferta de comida e nudez para outra altura. Amanhã tenho um alpendre, um varandim, para acabar.

— Oh, a velha desculpa do cansaço.

Ela deu uma gargalhada e desceu os degraus antes que tivesse tempo para mudar de ideias.

— Agradeço muito a *Corona*, o facto de me teres ouvido e de te teres atirado a mim.

— Podes voltar a qualquer altura para todos eles.

Ford debruçou-se no parapeito enquanto ela atravessava a estrada e devolveu o aceno que ela lhe fez quando chegou ao portão aberto. Depois curvou-se e apanhou o pequeno elástico azul que lhe tirara do cabelo.

FORD PONDEROU SE DEVIA dar-lhe algum tempo, algum espaço. Depois decidiu mandar tudo para o inferno. O último romance estava na secretária do editor e antes de mergulhar profundamente em Brid, precisava de algumas ajudas visuais. Além de que, como Cilla não parecia incomodada com a sua persistência, decidiu que seria mesmo isso.

Depois de sair da cama àquela que considerava uma hora civilizada, dez da manhã, foi ver o jardim das traseiras, onde *Spock* já andava a perseguir os seus gatos fantasmas; Ford levou o café para a rua e observou Cilla a trabalhar no varandim da frente.

Pensou conseguir algumas fotografias decentes dela em plena ação, se usasse a lente de longo alcance. Mas decidiu que isso era capaz de se aproximar demasiado do comportamento sinistro. Em vez disso, serviu-se de uma taça cheia de *Cheerios* e comeu-os de pé enquanto a observava.

O corpo era fantástico. Comprido, esguio, magro e com um porte atlético em vez de ser escanzelado e frágil. A Cass estaria em forma, decidiu, mas ocultaria instintivamente os seus... atributos. A Brid, bem, mostraria tudo o que houvesse a mostrar.

O cabelo seria daquele louro profundo, como a luz do Sol com uma presença sombreada. Ali a transição também era simples. Cass usaria habitualmente o cabelo preso; o de Brid andaria à solta, esvoaçante. Depois o rosto. Desejou poder ver o de Cilla naquele momento, mas estava tapado pela pala do boné de basebol que usava quando trabalhava. Não

tinha qualquer problema em invocá-lo mentalmente, a forma, os ângulos, os tons. Seria um rosto que Cass procuraria disfarçar, tornado mais calmo e intelectual com os óculos e pela falta de maquilhagem.

Uma beleza refreada, como o cabelo.

Mas para a Brid, a beleza seria luminosa, audaciosa. Não só seria libertada, mas uma beleza selvagem.

Estava na hora de começar.

Uma vez dentro de casa, voltou a arrumar o saco e pendurou a máquina fotográfica em volta do pescoço. Pensou em levar-lhe um presente e enfiou uma maçã no saco.

O som da pistola de pregos dela perfurava o ar como tiros abafados. E fez Ford pensar em batalhas. Brid jamais usaria uma arma — era demasiado rude, demasiado vulgar. Mas como ia defender-se? Com uma espada e um martelo, a desviar as balas como as pulseiras mágicas da Super-Mulher? Talvez.

À medida que se aproximava, ouvia-se música country do rádio de um dos trabalhadores. Porque tinha de ser sempre música country?, questionou-se. Seria alguma lei da construção civil?

A música country (incluindo versões selecionadas de outros artistas) devia estar sempre a passar nos rádios portáteis em todos os locais de construção.

Ford ouviu o ruído de uma serra, a lamúria do que podia ser um berbequim e vários sons de marteladas que vinham de dentro de casa. Juntando-os todos, somando o belo aspeto do contentor, uma casa de banho móvel e as carrinhas de caixa aberta, Ford deu por si a sentir-se muito grato por ter comprado a casa já pronta a habitar.

Além de que duvidava seriamente que qualquer trabalhador que pudesse ter contratado tivesse um traseiro como aquele que atualmente se aninhava numas calças *Levi's* justas, virado mesmo para ele.

Podia ter resistido, mas porque o faria? Por isso levantou a máquina fotográfica, enquadrou Cilla e tirou-lhe uma fotografia enquanto se aproximava.

— Sabes por que motivo nas oficinas dos mecânicos há sempre aqueles calendários com fotografias de mulheres com pouca roupa e ferramentas elétricas na mão? — perguntou-lhe.

Cilla olhou por cima do ombro e apreciou Ford através dos óculos de proteção.

— Para os homens poderem imaginar que as suas pilas são berbequins?

— Não, para podermos imaginar as mulheres a imaginarem-se assim.

— Aceito a correção. — Disparou os dois últimos pregos, depois virou-se para se sentar. — Onde está o teu fiel amigo?

— O *Spock*? Está ocupado, mas manda-te cumprimentos. Onde aprendeste a disparar uma pistola dessas?

— Fui aprendendo enquanto trabalhava. Se quiseres experimentar, tenho mais tábuas para cortar e pregar.

— Quando pego em ferramentas, acontecem coisas trágicas e terríveis. Por isso não pego, e salvo muitas vidas. — Levou a mão ao saco. — Trouxe-te um presente.

— Trouxeste-me uma maçã?

— Vai ajudar-te a maneres-te forte. — Atirou-lhe a maçã e ergueu o sobrolho quando ela a apanhou sem dificuldade, só com uma mão. — Tive um pressentimento.

Cilla observou a maçã, depois deu uma dentada.

— Sobre o quê?

— Que conseguias apanhar o que te aparece à frente. Importas-te que tire algumas fotografias enquanto estás a trabalhar? Quero começar a fazer esboços mais elaborados.

— Então sempre vais para a frente com a ideia da deusa guerreira.

— Brid. Claro que vou. Se a máquina fotográfica te incomodar enquanto trabalhas, posso esperar que faças uma pausa.

— Passei mais de metade da minha vida em frente às câmaras. — Cilla levantou-se. — Elas não me incomodam.

Deitou o carço da maçã no contentor antes de se dirigir ao monte de madeira. Enquanto escolhia, media e colocava as madeiras na serra elétrica, Ford ia tirando fotografias. Observou os olhos dela enquanto a lâmina guinchava e cortava a madeira. Duvidava que a máquina fosse capaz de captar a sua concentração.

Mas captava a forma do bíceps dela, os músculos tonificados quando Cilla pegou nas tábuas e as transportou para acabar o chão do alpendre.

— Imagino que enquanto vivias na Califórnia, fosses mulher de ir frequentemente ao ginásio.

Cilla colocou a tábua nas marcações que já tinha feito, inserindo espaçadores para definir a distância entre elas.

— Gosto de um bom ginásio.

— Deixa-me dizer-te que o exercício físico funcionou bem para ti.

— Se não o fizer, tenho tendência para ficar escanzelada. Os trabalhos de renovação ajudam a tonificar — continuou, disparando o primeiro prego. — Mas sinto falta da disciplina de um bom ginásio. Conheces algum bom aqui perto?

— Por acaso até conheço. Fazemos o seguinte, aparece lá em casa quando acabares o trabalho. Levo-te ao ginásio e depois jantamos.

— Talvez.

— Tu não és uma mulher reservada. Talvez significa o quê?

— Que depende da hora a que acabar o trabalho.

— O ginásio está aberto 24 horas por dia.

— A sério? — Olhou para ele de relance, depois foi pregando a tábua com a pistola. — Isso é muito conveniente. Vou ajustar o meu talvez para provavelmente.

— Muito bem. Quanto ao jantar, és vegetariana, frutariana, ou qualquer outro tipo de ariana que imponha restrições ao cardápio?

A rir, Cilla apoiou-se nos calcanhares.

— Sim, sou “comidariana”. Ou seja, como praticamente tudo o que me puseses à frente.

— É bom saber. Importas-te que dê uma vista de olhos lá dentro, quero ver o que tanto martelam e serram? Além disso, também tenho a oportunidade de picar o Matt com o que me vier à cabeça.

— Força. Eu fazia-te uma visita guiada, mas a minha patroa é uma cabra no que diz respeito a pausas que não estão planeadas.

— O meu é um abusado. — Ford subiu as escadas, depois cheirou-a. — É a primeira vez que me apercebo de que o serrim tem um cheiro sensual.

Entrou em casa e disse:

— Chiça!

Estava à espera de uma certa quantidade de caos, atividade e sujidade. Mas não tinha esperado encontrar aquilo que lhe parecia ser uma espécie de onda de destruição maníaca. Tinha de haver um objetivo por detrás de tudo aquilo, pensou, já que Cilla lhe parecia uma pessoa bastante sã, mas naquele momento não conseguia vê-lo.

As ferramentas estavam espalhadas pelo chão de uma forma que deixava a alma de Ford desanimada. Como conseguia alguém encontrar alguma coisa ali? Cabos torcidos e enrolados. Lâmpadas despidas a baloiçar dos tetos. Partes de paredes desaparecidas onde, por uma qualquer razão que lhe escapava, alguém tinha feito buracos. As tábuas largas do chão intercalavam-se com panos manchados e cartões.

Desconcertado e ligeiramente horrorizado, cirandou pela casa, observando o mesmo tipo de bombardeamento louco em todas as divisões.

Encontrou Matt numa delas, cabelos louros encaracolados por baixo de um boné vermelho de basebol, cinto de ferramentas à cintura, fita métrica a postos. Dirigiu um sorriso descontraído a Ford e cumprimentou-o.

— Olá.
— Foste tu quem fez esta confusão toda?
— Partes dela. A patroa tem muitas ideias. E boas. Ali está uma mulher que sabe o que está a fazer.

— Se tu o dizes. Como está a Josie?

— Está boa. Temos uma fotografia da Criatura.

Ford sabia que a Criatura era o bebé que ainda não tinha nascido. O filho de dois anos tinha sido o Barriguitas.

Aceitou a imagem da ecografia que Matt tirou do bolso, observou-a, virou-a e a forma começou finalmente a fazer sentido. Pernas, braços, o corpo, a cabeça.

— É exatamente igual ao outro. Um anão extraterrestre vindo do Planeta Útero.

— Uma. Acabámos de descobrir que é uma rapariga.

— A sério? — Ford olhou para cima, viu o sorriso amplo do amigo e deu por si a sorrir também. — Um de cada espécie. Boa.

— Ela só vai namorar quando fizer 30 anos. — Matt pegou novamente na fotografia, olhou para ela com carinho e voltou a colocá-la no bolso. — Então, contamos contigo na noite de póquer, na casa do Bri?

Ford pensou que preferia chumbar um dente do que ir jogar póquer. Mas ele, Matt e Brian eram amigos desde crianças.

— Se não tiver outro remédio.

— Ótimo. Estou a precisar de dinheiro. Segura aí a ponta da fita, por favor.

— Sabes que não devias fazer isso.

— Pois — disse Matt, colocando ele mesmo a fita métrica. — Se lhe tocas, ainda é capaz de me explodir na mão. Podia perder um dedo. Já fizeste uma visita à casa?

— Estava a começar.

— Dá uma vista de olhos. Vai ficar um diabo de uma casa.

— A mim já me parece um inferno.

Sem conseguir resistir, voltou para trás e subiu ao primeiro andar. As coisas não melhoravam ali. O que antes fora uma casa de banho, era agora uma divisão vazia de paredes despidas e canalizações a descoberto, com buracos abertos no chão e no teto. Dois quartos ainda não tinham portas, as janelas ainda tinham os autocolantes do fabricante e o chão estava coberto com alcatifa esburacada.

Mas quando abriu a porta do quarto seguinte, o espanto deu lugar à indignação. Onde tinha ela a cabeça? Um colchão de ar, um saco-cama, caixas de cartão e uma velha mesa desdobrável?

— Retiro o sã — murmurou ele, regressando ao piso de baixo.

Encontrou-a em frente ao chão novo do varandim a beber água de uma garrafa. A temperatura quente e o trabalho provocaram-lhe uma linha escura de suor no meio da t-shirt branca que usava por cima das calças de ganga. O facto de achar uma mulher transpirada e possivelmente instável tão atraente só o aborrecia mais.

— Tu és doida ou só idiota? — perguntou-lhe Ford.

Cilla baixou a garrafa lentamente. E também lentamente, inclinou a cabeça até os olhos azuis gélidos fitarem diretamente os dele.

— Como?

— Quem é que vive nestas condições? — perguntou, espetando o polegar para a casa, enquanto descia até junto dela. — A casa está esventrada, tens um bico elétrico na cozinha, dormes no chão e tens a roupa em caixas de cartão. Que diabo se passa contigo?

— Vou responder a uma pergunta de cada vez. Vivo nestas condições porque estou a meio de uma enorme renovação, motivo pelo qual a casa está confusa embora não esteja propriamente esventrada. Tenho um bico elétrico na cozinha porque mandei reparar os eletrodomésticos. Durmo num colchão de ar e não no chão, porque ainda não decidi o tipo de cama que quero. E não se passa nada de errado comigo.

— Vai lá acima buscar o que precisas. Ficas no meu quarto de hóspedes.

— Há muito tempo que deixei de acatar ordens. Da minha mãe, dos meus agentes, gestores, realizadores, produtores e de todas as pessoas que achavam que podiam decidir o que era melhor para mim, o que eu devia querer e o que devia fazer. Receio que tenhas vindo um pouco tarde de mais.

— Estás a viver como um sem-abrigo.

— Estou a viver da forma que escolhi.

Ford viu o brilho da fúria nos olhos azuis, mas mesmo assim insistiu.

— Tens um quarto ali em frente com uma cama ótima e com lençóis.

— Oh, se tem lençóis de verdade... não. Vai-te embora, Ford. A minha pausa acabou.

— A cabra da tua patroa vai ter de te dar mais uns minutos. Consegues ver esta maldita casa da minha; podes atravessar a estrada todas as manhãs e chegar aqui em menos de 90 segundos, depois de teres dormido uma boa noite de sono numa cama de verdade e usado uma casa de banho que não se parece com um cenário de guerra, além de ter o tamanho de uma caixa de fósforos.

Por algum motivo, a fúria óbvia dele apagou a fúria que começava a acender-se em Cilla. Divertida, deu uma enorme gargalhada.

— A casa de banho é horrível, admito que sim. Mas isso não me convence a sair daqui. Tenho a impressão de que tu és bastante mais aborrecido do que eu.

— Eu não sou aborrecido. — A fúria aproximava-se agora do insulto. — Homens velhos com casacos de malha são aborrecidos. Querer dormir numa cama e mijar numa sanita que foi feita algures na segunda metade do século passado não faz de mim uma pessoa aborrecida. E tens a mão a sangrar.

Cilla olhou para baixo.

— Devo tê-la arranhado. — Limpou descuidadamente o corte às calças de ganga.

Ford fitou-a.

— Que diabo se passa *comigo*? — questionou-se e agarrou-a.

Levantou-a no ar. Queria aqueles olhos gélidos ao nível dos seus, queria aquela boca saborosa e maravilhosa alinhada com a sua. Não pensou em mais nada antes de a beijar com vigor.

Ela estava transpirada, coberta de serrim e provavelmente não tinha os parafusos todos na cabeça. E nunca, nunca quisera nada na sua vida com aquela intensidade.

Ford ignorou o salto de choque de Cilla. O raio de desejo que o trespassou afastou qualquer intenção de delicadeza. Queria-a e tomou-a. Era tão simples quanto isso.

A garrafa de água escorregou da mão de Cilla e caiu no chão. Pela primeira vez desde que se lembrava, tinha sido apanhada completamente de surpresa. Não tinha antecipado aquele gesto dele e nem mesmo a intensidade do beijo que tinham dado na noite anterior a preparou para a pontada que aquele lhe provocou.

Era cru, vigoroso e entrou em si com tamanha rapidez que lhe deixou os músculos a tremer e as terminações nervosas a pulsar. Por um louco instante, quis ser engolida pelo beijo ganancioso dele, quis que a atirasse para cima do ombro e a levasse para uma gruta escura qualquer.

Quando a voltou a afastar, a cabeça de Cilla estava literalmente à roda.

— Aborrecido, o caraças.

Enquanto fitava Ford, ouviu Buddy, o canalizador, chamar o seu nome atrás de si.

— Eu não queria interromper — disse — mas é capaz de querer dar uma vista de olhos ao que estou a arranjar na casa de banho. Quando tiver um minuto.

Cilla levantou uma mão e agitou-a vagamente no ar sem olhar para trás.

— Tu és um homem perigoso, Ford.

— Obrigado.

— Não sei como deixei escapar isto. Normalmente sou muito boa a identificar homens perigosos.

— Acho que disfarço bem, uma vez que também o deixei escapar durante toda a minha vida. O quarto de hóspedes tem fechadura. Posso dar-te a minha palavra em como não arrombo a porta a não ser que a casa esteja a arder. E mesmo que estivesse, uma vez que nunca arrombei nenhuma porta, terias bastante tempo para te defenderes.

— Se e quando dormir na tua casa, não será no quarto de hóspedes. Mas por agora fico aqui. És um homem perigoso, Ford — repetiu, antes de ele conseguir dizer o que quer que fosse. — E eu sou uma mulher determinada. Não só gosto de viver aqui, como preciso de o fazer. De contrário, ficaria alojada no motel mais próximo. Agora, tenho de ir lá dentro. Vou instalar um lavatório em cima da bancada, com os canos expostos e apliques nas paredes. Como acontece contigo, o Buddy também não entende a minha forma de pensar.

Ele olhou por cima do ombro dela para a casa e abanou a cabeça.

— Neste momento, acho que ninguém entende a tua forma de pensar, só tu.

— Já estou habituada.

— Quando acabares, aparece lá em casa e vamos ver o ginásio. — Pegou no saco e na máquina fotográfica. Depois apanhou a garrafa. — Tens os sapatos molhados — disse-lhe e foi para casa.

Cilla olhou para os pés. Estavam completamente molhados. Foi a chapinhar até casa, para falar com Buddy.

6.

CILLA PASSOU A MAIOR PARTE DA TARDE a ver casas de banho. E a escolher lavatórios. Debateu-se entre as vantagens dos azulejos de travertino e do granito, da pedra calcária e da cerâmica. Nas últimas aventuras de recuperação de casas, os orçamentos tinham sido o mais importante. Aprendeu a manter-se fiel ao orçamento, a escolher os artigos com melhor relação qualidade/preço e a ter em atenção o bairro e a casa em questão. Demasiado por baixo ou demasiado por cima e os lucros seriam sugados como o pó num aspirador.

Mas daquela vez as coisas eram diferentes. Embora o orçamento não pudesse ser ignorado, estava a fazer escolhas para a sua casa, não para uma casa que seria para vender. Se pretendia viver na Quinta Pe-

quena, se queria construir ali a sua vida e uma carreira, teria de conviver com essas escolhas durante muito tempo.

Quando tropeçou no negócio imobiliário, descobriu que tinha um bom olho para o potencial das casas, para as cores, texturas, para o equilíbrio. E descobriu que era exigente. Uma ligeira diferença no tom, na forma ou no tamanho dos mosaicos da casa de banho fazia *toda* a diferença. Podia passar horas a decidir qual seria o melhor puxador para as gavetas.

E descobriu que trabalhar assim, e encontrar o puxador *certo* para as gavetas a fazia absurdamente feliz.

Quando regressou para a agora vazia zona de construção da casa, sorriu com as tábuas novas do varandim. Tinha sido *ela* a fazer aquilo, tal como iria fazer os parapeitos, as estacas e depois os pintaria de branco. Provavelmente branco, corrigiu. Talvez bege. Possivelmente marfim.

O som dos pés a bater nas tábuas novas era como música para os seus ouvidos.

Levou as amostras que tinha trazido consigo para a casa de banho e passou algum tempo a dispô-las, observando. E a deliciar-se com a sua visão. Calorosa, encantadora, simples. Exatamente como uma casa de banho de hóspedes devia ser.

As torneiras cor de bronze escovado que já tinha comprado, e à volta das quais todo o design fora elaborado, iriam ser maravilhosamente complementadas pelos tons subtis dos mosaicos e pelo lavatório antiquado.

Quando aquilo estivesse concluído, Buddy ia engolir as suas palavras.

Deixou as amostras onde estavam — queria voltar a observá-las com atenção de manhã, com luz natural — e só lhe faltou ir a dançar para o chuveiro, para tirar o dia de trabalho do corpo.

Cantou, deixando que a voz ecoasse e ribombasse nos azulejos estalados da sua casa de banho e que em breve seriam demolidos. Não havia playback de estúdio ou música ao vivo que alguma vez lhe tivesse soado tão bem.

QUANDO FORD ABRIU A PORTA, Cilla estendeu a viajada garrafa de *cabernet*. Ele pegou nela e calculou que estava talvez a meio.

— Sua alcoólica.

— Eu sei. É um problema que eu tenho. Que tal se bebermos um copo antes de irmos ver o ginásio?

— Claro.

Ford reparou que ela tinha o cabelo solto, caído, muito direito, alguns centímetros abaixo dos ombros. O cheiro dela trouxe-lhe uma memória viva e sensorial do jasmim noturno que brotava no exterior da casa da avó, na Geórgia.

— Estás com bom aspeto.

— Sinto-me bem. Comprei três casas de banho hoje.

— Bem, isso merece realmente um copo.

— Escolhi os mosaicos da casa de banho — continuou Cilla seguindo-o até à cozinha, — puxadores de armários, candeeiros e uma banheira. Uma banheira clássica mesmo muito bonita, cheia de estilo com pés em forma de garra. Hoje é um grande dia e estou a pensar em fazer a casa de banho do quarto principal em estilo Deco.

— Deco?

— Hoje vi um lavatório fabuloso e pensei, sim, é isto mesmo. Podia usar montes de cromados e vidros azuis na casa de banho. Mosaicos brancos e pretos, ou talvez pretos e prateados. Um pouco de metálico. Uma coisa viva, retro. Sensual. Uma pessoa sentir-se-ia tentada a usar um roupão de seda com penas de marabu.

— Eu sinto-me sempre assim. E também sempre me questioneei o que é um marabu e por que motivo tem penas?

— Não sei, mas sou capaz de comprar um roupão desses só para o ter pendurado como decoração na casa de banho. Vai ficar fantástica.

— E isto tudo porque viste um lavatório? — Ford entregou-lhe um copo de vinho.

— Normalmente é assim que funciona comigo. Vejo uma peça e ela traz-me inspiração, para poder ver como o espaço à sua volta pode ficar. Enfim. — Cilla levantou o copo num brinde. — Tive um dia bom. E tu?

Ela estava resplandecente, pensou Ford. Uma viagem ao Home Depot, ou lá onde ela tinha ido e brilhava como a luz do Sol.

— Bem, não comprei casas de banho, mas não me posso queixar. Já tenho uma boa ideia para o livro, a história está alinhavada e consegui colocar uma boa parte no papel. — Observou-a enquanto bebia vinho. — Acho que afinal entendo a cena do lavatório. Vi-te e trouxe-me inspiração. Depois tudo se passa à tua volta.

— Posso ler?

— Claro. Assim que limar algumas arestas.

— Isso é terrivelmente normal e pouco temperamental. A maior parte dos autores que conheço encaixam-se em duas categorias. Aqueles que nos imploram para lermos cada palavra à medida que as escrevem e aqueles que nos arrancam os olhos com um garfo de peixe se nos atre-

vermos a olhar nem que seja de relance para uma página de trabalho inacabado.

— Aposto que a maior parte dos autores que conheces estão em Hollywood.

Cilla meditou por um instante.

— Um ponto para ti — concedeu. — Quando ainda atuava, as páginas dos guiões podiam vir disparadas na nossa direção enquanto estávamos a gravar a própria cena. Na verdade até gostava que fosse assim. Era mais espontâneo, mantinha os níveis de energia no máximo. Mas costumava pensar, quão difícil poderá ser? Basta colocar uma ideia em palavras e registá-las em papel. Descobri como é difícil quando comecei a escrever um guião.

— Escreveste um guião?

— Comecei a escrever. Sobre uma mulher que cresceu no meio da indústria, a visão de quem está lá dentro; a subida ao estrelato, a queda, a competição, os triunfos e as humilhações. Escreve sobre aquilo que conheces, pensei. E se conhecia aquele meio... Só escrevi cerca de dez páginas.

— Porque paraste?

— Porque me esqueci de considerar um fator muito importante: não sei escrever. — Deu uma gargalhada e atirou o cabelo para trás. — Ler um milhão de guiões não significa que sejamos capazes de escrever um. Mesmo que seja mau. E uma vez que do milhão de guiões que li, 900 mil eram maus, conseguia identificar um mau guião a léguas. Para ser atriz tinha de acreditar... não fazer acreditar, acreditar de verdade. Era a Regra Número Um de Janet Hardy. Achei que com a escrita se passava a mesma coisa. E não sabia escrever de forma a poder acreditar. Tu sabes.

— Como sabes?

— Percebi quando começaste a contar-me sobre esta tua nova ideia, sobre a personagem nova. E transparece no teu trabalho, as palavras e a arte.

Ford apontou para ela.

— Leste o livro.

— Li. Confesso que a minha intenção era simplesmente folheá-lo, ter uma ideia geral para não falhar se e quando me fizesses perguntas sobre ele. Mas depois deixei-me envolver. O teu Seeker tem falhas, é negro e humano. Mesmo quando está em modo de super-herói, a humanidade, as feridas que tem transparecem. Acho que é esse o objetivo.

— Achas bem. Acabaste de ganhar mais um copo.

— É melhor não — disse Cilla, colocando a mão por cima do copo

quando ele pegou na garrafa de vinho. — Talvez mais tarde, durante o jantar. Depois de me mostrares o ginásio. Disseste que ficava perto.

— Sim, fica. Anda dar uma vista de olhos.

Ford gesticulou e abriu um painel plano de madeira de cerejeira que Cilla já tinha admirado. Ia dar à cave, pensou e uma vez que adorava visitar casas, começou a descer atrás dele.

— Mais uma vez, que escadas bonitas — comentou. — Quem construiu este lugar sabia mesmo... oh, uau!

Atingida pela admiração e bastante inveja, Cilla parou no fundo das escadas. A encosta da colina via-se do piso de baixo das traseiras da casa através de portas e janelas de vidro; para lá delas, um pequeno pátio de lousa, onde o cão dormia deitado de costas, todo esticado, com as patas para cima.

Mas do lado de dentro, em cima de colchões de esponja colocados sobre o chão de carvalho estavam as máquinas. Cilla cirandou, em silêncio, observando a elíptica, o banco de pesos, a prateleira de discos, a bicicleta estática, a máquina de remo.

Eram máquinas a valer, pensou.

Uma das paredes estava coberta por um gigantesco ecrã plano. Reparou que os componentes estavam encastrados e que o frigorífico de portas de vidro continha garrafas de água. No canto, onde a madeira se encontrava com a lousa, estava um jacuzzi preto lacado.

— É o trabalho do Matt?

— Sim. A maior parte.

— Estou cada vez mais contente com o meu instinto para o contratar. Não precisas de sair daqui nunca.

— Era mais ou menos essa a ideia. Gosto de hibernar durante longos períodos de tempo. O espaço foi concebido para ser uma sala de estar para a família, mas como a minha família não vive aqui, pensei, porque tenho de me dirigir a um ginásio se posso trazer um ginásio até mim? E, olha, não tenho de pagar mensalidade. Claro que assim não tenho oportunidade de admirar os corpos femininos suados e tonificados, mas é preciso fazer alguns sacrifícios na vida.

— Eu tenho uma cave em casa — matutou Cilla. — Uma cave realmente subterrânea, mas é grande. Tinha pensado em arranjá-la um dia, mas mais para servir de espaço de arrumações e utilidades. Agora, com a iluminação certa...

— Até lá, podes usar esta à vontade.

A franzir o sobrolho, Cilla virou-se para ele.

— Porquê?

— Porque não?

— Não fuja à pergunta. Porquê?
— Não estava a fugir. — Ela era uma estranha combinação de cautela e franqueza, pensou Ford. — Mas se precisas que seja mais específico, só uso esta sala durante algumas horas por semana. Por isso estás à vontade para a usar algumas horas também. Chamemos-lhe hospitalidade sulista.

— Quando costumas treinar?

— Não tenho horários determinados, na verdade. Na maior parte das vezes venho aqui quando me dá vontade. Embora tente fazer com que me dê vontade cinco ou seis dias por semana; de contrário começo a parecer-me com o Skeletor.

— Com quem?

— Tu sabes, o Skeletor. Dos Mestres do Universo? O arqui-inimigo do He-Man. Pronto, não sabes. Eu arranjo-te um livro. De qualquer maneira o nome não se adequa, porque não obstante o nome, o Skeletor tem um corpo muito tonificado. Enfim, podes entrar por esta porta, quando te der vontade. Nem sequer me vou aperceber de que estás aqui, e se tiver sorte, se a minha vontade coincidir com a tua, sempre vou poder olhar para o corpo tonificado e transpirado de uma mulher.

Cilla semicerrou os olhos.

— Tira a camisa.

— Pensei que nunca mais pedias.

— Deixa ficara as calças. Só a camisa, Ford. Quero verificar os teus abdominais.

— Tu és uma mulher estranha, Cilla. — Mas tirou a camisa.

Ela espetou-lhe um dedo na barriga.

— Muito bem. Só queria certificar-me de que usas realmente este espaço e que a vontade que te dá é um efeito benéfico em vez do objetivo em si.

— Tenho objetivos no que te diz respeito.

— Pois, parece que sim e tudo bem. Mas gostava mesmo de aceitar a tua oferta e de o fazer sem obrigações ou expectativas. Agradeço a hospitalidade, Ford, a sério que sim. Além de que tens o aval do Matt e eu gosto dele.

— É bom que tenha o aval do Matt, pago-lhe 500 por ano por ele.

— Ele adora-te. Percebi quando o interroguei subtil e inteligentemente sobre ti.

Ford sentiu uma pontada rápida de felicidade.

— Andaste a interrogar o Matt sobre mim?

— Subtilmente — repetiu Cilla. — E com inteligência. Ele é um rapaz simpático, por isso... — Voltou a observar a sala e o equipamento

e Ford quase sentia a ânsia dela. — Que tal se fizermos um acordo? Eu aceito de boa vontade a oferta para usar o teu equipamento e se tiveres alguma coisa cá em casa que precise de ser arranjado ou tratado, eu cuido do assunto.

— Vais ser o meu faz-tudo?

— Sou um faz-tudo bastante jeitoso.

— Vais usar o cinto das ferramentas e uma saia mesmo muito curta?

— O cinto de ferramentas, sim. A saia, não.

— Chiça.

— Se não puder arranjar alguma coisa, mando um dos rapazes que possa. Talvez um deles queira usar uma saia mesmo muito curta.

— Há que ter esperança.

— Combinado?

— Combinado.

— Ótimo. — Cilla voltou a observar a sala com um sorriso. — Vou aproveitar amanhã logo pela manhã. Porque não me deixas oferecer-te o jantar para selar o nosso acordo?

— Aceito que me pagues o jantar noutro dia, mas hoje já tenho o menu planeado Chez Sawyer.

— Vais cozinhar.

— A minha especialidade. — Pegou-lhe no braço e virou-a para as escadas. — Só tenho uma que não envolve micro-ondas. Trata-se de atirar com alguns bifés para a grelha, espetar uns pimentos com um pauzinho e cozer uma mão-cheia de batatas. Como gostas do bife?

— Tão mal passado que quase o ouça a fazer Muuu.

— Cilla, és cá das minhas. E andas a ver se me atinges o coração.

NÃO ANDAVA. Na verdade não tentava atingir nada a não ser os seus objetivos e a satisfação de os concluir. Mas tinha de admitir que Ford era uma tentação. Espicava-lhe a mente, deixava-a à vontade e mantinha-a alerta. Cilla achava que era uma habilidade inteligente. Gostava da companhia dele, mais do que achava sensato, principalmente porque planeara passar mais tempo sozinha.

E ele ficava com muito bom aspeto à frente de um grelhador fumarento.

Comeram no varandim das traseiras, com um bem alimentado *Spock* a ressonar por baixo da mesa. Cilla achou a refeição simples realmente deliciosa.

— Bolas, isto aqui é lindo. Tão pacífico.

— Não tens vontade de ir para as discotecas ou para uma investida rápida por Rodeo Drive?

— Já tive a minha quota-parte de ambos, há muito tempo. Na altura parecia divertido, mas se não for realmente a nossa onda, a diversão acaba depressa. Não era a minha. E tu? Viveste em Nova Iorque durante algum tempo, não viveste? Não tens vontade de regressar à Big Apple?

— Era excitante e gosto de lá regressar de vez em quando, para absorver aquela energia. O que se passa é que achava que tinha de viver lá, considerando o que queria fazer da vida. Mas passado algum tempo percebi que trabalhava mais quando vinha cá abaixo visitar os meus pais durante alguns dias, quando me encontrava com os meus amigos, do que no mesmo período de tempo que passava na cidade. Acabei por perceber que há demasiadas pessoas a pensar ao mesmo tempo em Nova Iorque, a qualquer hora do dia ou da noite. E aqui penso melhor.

— Isso é engraçado — disse ela.

— O quê?

— Em certa altura, numa entrevista, um jornalista perguntou à minha avó por que motivo tinha comprado uma pequena quinta da Virgínia. E ela respondeu que aqui conseguia ouvir os seus próprios pensamentos, que quando estava em L.A. eles tinham tendência para se misturarem com os pensamentos das outras pessoas.

— Sei exatamente o que ela queria dizer. Leste muitas entrevistas dela?

— Li, reli, ouvi, assisti. Não me recordo de uma altura em que ela não me tenha fascinado. Aquela luz brilhante, o ícone trágico, de onde eu venho. Nunca consegui escapar-lhe, por isso precisava de a conhecer. Quando era criança, guardava ressentimentos dela. Ao ser comparada com ela, sempre me senti inferior.

— As comparações são concebidas para fazer com que alguém se sinta inferior.

— São mesmo. Quando tinha doze ou treze anos, elas irritavam-me francamente. Por isso comecei a estudá-la, com grande determinação, à procura do truque, do segredo. O que encontrei foi uma mulher que era estupenda e naturalmente talentosa. Qualquer pessoa seria inferior quando comparada com ela. Quando percebi isso, deixei de guardar ressentimentos. Era como ficar ressentida com um diamante porque ele brilha.

— Cresci a ouvir falar dela, porque ela já tinha a quinta. E morreu aqui. A minha mãe ouvia muito os discos dela. Foi a algumas festas na quinta — acrescentou. — A minha mãe.

— A sério?

— O seu momento de fama foi ter andado aos beijos com o filho de Janet Hardy, ou seja, com o teu tio. É um bocadinho estranho, não é? Nós os dois aqui sentados assim, e há tantos anos a minha mãe e o teu tio andaram aos beijos nas sombras do outro lado da estrada. É capaz de se tornar ainda um pouco mais estranho quando te disser que a minha mãe fez o mesmo com o teu pai.

— Oh, meu Deus. — Com uma gargalhada repentina, Cilla pegou no copo de vinho e bebeu um gole rápido. — Não estás a inventar isso, pois não?

— É a pura da verdade. Claro que tudo isto aconteceu antes de assentar com o meu pai e o teu ter ido para Hollywood atrás da tua mãe. Agora que penso nisso, são assuntos complicados.

— Nem me digas nada.

— Fiquei cheio de vergonha quando ela me contou. O que me encheu de alegria quando acabei na sala do teu pai, no liceu. Naquela altura, a ideia de que a minha mãe tinha andado aos beijos com o senhor McGowan quase me deixou traumatizado para a vida. — Os seus olhos iluminaram-se com humor. — Agora, gosto do sincronismo que o filho da minha mãe ande aos beijos com a filha do senhor McGowan.

Era um círculo, pensou Cilla. Tinha pensado em círculos quando se decidira a reconstruir a quinta da avó. Agora, ali estava mais um círculo relacionado com ela.

— Eles deviam ser tão novos — disse com suavidade. — O Johnnie só tinha 18 anos quando morreu. Deve ter sido horrível para a Janet, para os pais dos outros dois rapazes: um morto, o outro paralisado. Ela nunca o ultrapassou. Dá para ver em cada um dos filmes, em cada uma das fotografias que tirou depois dessa noite; ela nunca mais foi a mesma.

— Quando comecei a conduzir, a minha mãe costumava usar esse acidente como uma espécie de bicho-papão. De vez em quando víamos o Jimmy Hennessy na cidade, na cadeira de rodas; ela nunca perdia a oportunidade de me lembrar do que podia acontecer se fosse imprudente o suficiente para beber ou ficar pedrado e depois me sentar atrás de um volante, ou no carro de alguém que tivesse bebido ou fumado.

Ford abanou a cabeça, acabando o bife rapidamente.

— Ainda hoje não consigo ir a um bar e beber uma única cerveja sem me sentir culpado por ter de vir a conduzir para casa. As mães conseguem mesmo lixar-nos a cabeça.

— Ele ainda vive aqui? Esse rapaz... bem, agora já não é um rapaz... que sobreviveu ao acidente?

— Morreu no ano passado. Ou há dois anos. Não tenho a certeza.

— Não ouvi falar do assunto.

— Ele viveu a vida toda em casa. Os pais cuidavam dele. Era duro.
— Sim. O pai dele culpou a Janet. Culpou-a por ter trazido para cá a imortalidade de Hollywood, por deixar que o filho dela andasse por aqui à solta, por lhe comprar um carro veloz.

— Estavam mais dois rapazes no carro. E ninguém os obrigou a entrar lá — salientou Ford. — Ninguém lhes enfiou a cerveja à força pelas gargantas abaixo, nem injetou erva no sistema deles. Eram novos e estúpidos, os três. E pagaram um preço terrível por isso.

— E a Janet pagou-lhes. Segundo a minha mãe, e a raiva que tem relativamente a isto diz-me que é verdade, a Janet pagou a ambas as famílias dos rapazes uma quantia considerável de dinheiro. O valor nunca foi revelado, nem à minha mãe. Mas mais uma vez, segundo as escrituras de Dilly, Janet só manteve a quinta como uma espécie de monumento a Johnnie e protegeu-a num fundo fiduciário durante décadas depois da sua morte pelos mesmos motivos. Mas eu não acredito.

— Em que acreditas?

— Acredito que Janet manteve a quinta porque era feliz aqui. Porque conseguia ouvir os seus próprios pensamentos, mesmo quando eles eram negros e temíveis. — Suspirou e recostou-se. — Serve-me outro copo de vinho, serves, Ford? Será o terceiro, que é o meu limite absoluto.

— O que acontece depois do terceiro?

— Há anos que não bebo mais de três copos de vinho, mas se as histórias forem verdadeiras, passo de um estado descontraído, talvez suave e agradavelmente embriagado, para suficientemente bêbada para beber ainda mais dois ou três. Depois fico realmente bêbada, salto-te em cima e acordo amanhã de manhã com uma grande ressaca e apenas uma recordação difusa do nosso encontro.

— Nesse caso, depois deste não bebes mais. — Serviu-lhe o vinho.
— Quando nos encontrarmos, as tuas recordações serão cristalinas.

— Ainda não me decidi quanto a isso, sabes?

— Não faz mal, eu já decidi tudo. — Apoiou o queixo no punho e olhou para ela. — Não consigo afastar-me dos teus olhos, Cilla. Eles puxam por mim.

— São os olhos da Janet Hardy.

— Não. São os olhos de Cilla McGowan.

Ela sorriu, e bebeu o último copo de vinho.

— Ia arranjar uma desculpa, sabes, ou nem sequer me ia dar ao trabalho de arranjar uma, para não vir aqui esta noite.

— A sério?

— A sério. Porque tu foste muito mandão a respeito da forma como vivo.

- Vou definir “mandão” como “sensato”. E vieste porquê?
- Porque comprar as casas de banho me deixou muito bem-disposta. A sério — disse quando ele reprimiu uma gargalhada. — Encontrei aquilo que gosto de fazer, Ford. Depois de procurar durante muito tempo.
- Encontrei o que queres fazer nas casas de banho.
- Era a vez dela de se rir.
- Encontrei o que quero fazer nas coisas que estão estragadas, negligenciadas ou talvez apenas um pouco cansadas e a que posso devolver o brilho. Que posso melhorar. Fazer isso faz de mim uma pessoa melhor. Por isso, como estava realmente bem-disposta, vim até aqui. E estou contente por ter vindo.
- Eu também.

NA MANHÃ SEGUINTE, não o viu, nem ao *Spock* quando entrou no ginásio de Ford. Cilla ligou o iPod e começou a treinar. Permitiu-se uma boa hora e, a certa altura, o cão foi até ao pátio de trás e alçou a perna uma série de vezes. Mas quando Cilla saiu, com um olhar desejoso ao jacuzzi, continuava a não ter sinais de Ford, e também não o ouviu.

Não tinha tempo para jatos ou mimos, disse para si própria. Mas quando *Spock* foi ter com ela, obviamente satisfeito por a ver, passou uns bons dez minutos a fazer-lhe festas enquanto ele gorgolejava e grunhia no que aparentava ser uma espécie qualquer de comunicação. O treino, o cão tolinho e o dia que tinha pela frente deixaram-na com uma disposição fantástica enquanto corria até ao outro lado da estrada. Tomou um duche para limpar o suor do treino, bebeu café e comeu um iogurte de mirtilos. Quando colocou o cinto de ferramentas, as equipas de homens já estavam a chegar.

Tomava-lhe sempre algum tempo todas as manhãs, mas Cilla gostava de fazer aquilo. Conversar, avaliar e arranjar soluções em conjunto para os problemas.

— Vou ampliar a casa de banho, Buddy — disse Cilla e, como esperava, o canalizador emitiu um suspiro profundo. — Aquela que estou a usar agora, não a que já está arranjada.

— Bem, pelo menos já é alguma coisa.

— Já falei com o Matt. Vamos lá acima e mostro-lhe o que vamos fazer.

Ele gaguejou e hesitou, mas isso também já era de esperar. Na verdade, até estava ansiosa pelo momento.

— Agora que vamos pôr o escritório lá em cima e não neste quarto,

vou usar este espaço para fazer uma suite. Vamos derrubar esta parede — começou por dizer.

Ele ouviu, fez esboços e abanou a cabeça.

— Vai ficar caro.

— Sim, eu sei. Mais tarde faço um plano mais detalhado, mas a ideia é esta. — Abriu o bloco de notas e mostrou-lhe o esboço que fizera com Matt. — Vamos manter a banheira de pés antiga, vamos arranjá-la e colocá-la aqui. Portanto, canos e esgoto. Lavatórios duplos aqui, e estou a pensar encastrados.

— Acho que vai pôr uma laje de granito ou coisa parecida.

— Não, zinco.

— Como diz?

— Um tampo de zinco. E aqui quero uma cabine de chuveiro. Sim — disse antes que ele tivesse oportunidade de falar. — São ideias de Hollywood. Blocos de vidro aqui, para formar um recanto para a sanita. Quando estiver tudo feito, vai respeitar a arquitetura, fazer uma home-nagem à natureza retro da casa e, Buddy, vai ficar um espetáculo.

— A patroa manda.

Ela sorriu amplamente.

— Ah, pois é.

A patroa foi para a rua, para construir o parapeito e as estacas sob o Sol de abril.

Quando o pai estacionou, Cilla já tinha feito as laterais e suado um pouco.

— Olha que bonito — comentou ele.

— Está encaminhado.

Ele acenou em direção à casa e à cacofonia própria da construção.

— Parece que lá dentro as coisas também estão encaminhadas.

— A primeira fase de demolição já está. Mudei algumas coisas, por isso mais tarde vamos ter um pouco mais de demolição no segundo andar. Mas o inspetor vem cá amanhã. — Levantou a mão e cruzou os dedos. — Para aprovar o grosso da canalização e instalação elétrica. Depois é sempre a aviar.

— Na cidade não se fala noutra coisa.

— Imagino que não. — Fez sinal para a estrada. — O trânsito por aqui aumentou. As pessoas abrandam, até param para olhar. Recebi um telefonema do jornal local para dar uma entrevista. Por enquanto não quero fotografias. A maior parte das pessoas não consegue visualizar como vai ficar nesta fase de construção, por isso dei uma entrevista rápida pelo telefone.

— Quando é publicada?

— No domingo. Na secção de Lifestyle. A Janet Hardy ainda desperta interesse. — Cilla puxou o boné para trás para passar as costas da mão pela testa. — Tu conheceste-a, pai. Achas que ela aprovaria?

— Acho que ela amava este local. E que ficaria muito contente por também o amares e por estares a deixar a tua marca nele. Cilla, foste tu que construístes este parapeito?

— Sim.

— Não fazia ideia de que sabias fazer isto. Sempre achei que tinhas as ideias e que depois contratavas pessoas para as concretizarem.

— Bem, isso também acontece. Na maior parte das vezes, acho. Mas gosto do trabalho. Principalmente deste tipo. Vou tirar a licença de empreiteiro e tudo.

— Tu... Ora, quem diria?

— Vou começar um negócio. Esta casa? É o falatório da cidade, mas a longo prazo vai dar-me lucro. Acho que as pessoas vão querer contratar a mulher que reconstruiu a Quinta Pequena de Janet Hardy, principalmente se for a sua neta. E passado algum tempo? Acho que me vão contratar porque sabem que sou boa naquilo que faço.

— Estás mesmo com intenção de ficar.

Então ele não tinha acreditado nela. Porque o faria?

— Sim, estou. Gosto do cheiro deste lugar. Gosto da sensação. Estás com pressa?

— Não.

— Queres dar uma voltinha pelo jardim, fazer de meu conselheiro paisagístico?

Ele sorriu lentamente.

— Gostava muito.

— Deixa-me ir buscar o meu bloco de notas.

Ao caminhar com ele, ao ouvi-lo e vê-lo a gesticular para determinada área, a descrever os arbustos e combinações que sugeria, Cilla aprendeu mais sobre o pai.

A maneira atenta como a ouvia, a maneira como respondia e as pausas que fazia enquanto pensava. A descontração que tinha, o tempo que se concedia.

Parou à beira do lago e sorriu.

— Nadei aqui algumas vezes. Vais ter de controlar os canaviais e os nenúfares.

— Já está na lista. O Brian disse que talvez pudéssemos colocar alguns lírios amarelos.

— Seria uma boa escolha. Podes plantar um salgueiro daquele lado. Ia ficar muito bonito, a cair sobre a água.

Cilla escreveu no bloco.

— Pensei em colocar algures um banco de pedra, para ter um lugar onde me sentar. — Ao lembrar-se, olhou para o pai. — Então foi aqui que beijaste a mãe do Ford Sawyer?

O pai ficou de boca aberta com surpresa e, para gáudio de Cilla, o rosto corou ligeiramente. Deu uma risada e recomeçou a andar.

— Onde foste tu ouvir essa história?

— Tenho cá as minhas fontes.

— E eu tenho as minhas. Ouvi dizer que beijaste o filho da Penny Sawyer no alpendre da frente.

— Foi o Buddy.

— Não diretamente, mas deve ter sido ele o emissor.

— É um pouco estranho.

— Um pouco — concordou Gavin.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Julgo que posso confessar que beijei a Penny Quint, era o nome dela na altura, mais do que um par de vezes, sendo que algumas delas foram aqui, sim. Namorámos durante alguns meses, quando andávamos no liceu. Antes de ela me despedaçar o coração.

Gavin sorriu quando o disse e Cilla retribuiu.

— O liceu é um inferno.

— Pode ser, sim. Por acaso, o desgosto teve lugar aqui também. E ali atrás perto do lago. A Penny e eu tivemos uma discussão, sabe Deus sobre o quê, e acabámos tudo. Admito que na altura posso ter estado indeciso sobre se havia de a reconquistar ou tentar a minha sorte com a tua mãe.

— Malandro.

— A maior parte dos rapazes de dezoito anos são malandros. Depois vi a Penny a beijar o Johnnie, junto ao lago. — Suspirou, ao lembrar-se. — Foi um murro no estômago. A minha namorada, pelo menos ainda pensava nela como sendo mais ou menos a minha namorada, e um dos meus amigos. Aquilo quebrava o código.

— Os amigos não andam com as ex-namoradas — disse Cilla. — Continua em vigor.

— O Johnnie e eu discutimos por isso e tudo. Ali mesmo. Depois a Penny disse-me o que lhe ia na cabeça. Mais ou menos nessa altura, apareceu a tua mãe. Ela sempre se sentiu atraída para o drama. Fui-me embora com ela, para acalmar o coração e o ego. Foi a última vez que falei com o Johnnie. As últimas palavras que dissemos um ao outro foram palavras zangadas. Sempre me arrependi disso.

Já não havia sorriso e, em vez dele, Cilla viu uma mágoa antiga.

— Ele morreu dois dias depois. Assim como outro amigo meu e o Jimmy Hennessy ficou paralisado. Eu devia ter ido com eles naquela noite.

— Não sabia disso. — Alguma coisa se contorceu dentro de Cilla. — Nunca ninguém me disse.

— Devia ter ido naquele carro, mas a Penny beijou o Johnnie, eu e ele discutimos e eu não quis ir.

— Deus do Céu. — Um arrepio percorreu a espinha de Cilla. — Devo um enorme agradecimento à mãe do Ford.

— No outono seguinte fui para a faculdade, conforme previsto; depois, ao fim de um par de anos, desisti e fui para Hollywood. Arranjei um contrato. Acho que, pelo menos em parte, foi porque eu era mais uma lembrança do irmão e da mãe que a tua mãe voltou a olhar para mim. Quando as coisas se tornaram sérias, ela ainda era muito nova. Éramos os dois. Ficámos noivos em segredo, acabámos publicamente. Depois recomeçámos e acabámos, durante anos. Até que fugimos para casar. Tivemos-te menos de um ano depois. — Colocou o braço por cima dos ombros de Cilla. — Fizemos o melhor que sabíamos. Sei que não foi muito bom, mas era o melhor que sabíamos.

— É difícil, sabendo que muito do que aconteceu, do que foi feito, estava enraizado em morte, no pior dos pontos, e em erros, no melhor.

— Tu nunca foste um erro.

Cilla não respondeu. Como podia fazê-lo? Tinham-lhe chamado isso mesmo tantas vezes.

— Ainda estavas na faculdade quando a Janet morreu?

— Sim, tinha acabado o primeiro ano.

— Ouviste alguma coisa sobre um homem, alguém daqui, com quem ela estava envolvida?

— A especulação era constante, os mexericos sobre Janet e vários homens não paravam de surgir. Não me recordo de nada fora do normal, ou de boatos que envolvessem alguém da terra. Porquê?

— Porque encontrei umas cartas, pai. Encontrei cartas que lhe foram escritas por um amante. Os selos do correio são daqui, pelo menos a maior parte deles. Ela escondeu-as. A última, que é bastante azeda, escrita depois de ele acabar com o romance, foi colocada no correio apenas dez dias antes da sua morte.

Tinham regressado a casa e estavam agora junto ao varandim das traseiras.

— Acho que ela veio até aqui para o ver, para o confrontar. Ela era miseravelmente infeliz, mesmo que apenas metade dos relatos da época sejam verdadeiros. E acho que estava apaixonada por aquele homem,

um homem casado com quem ela teve um caso amoroso tórrido e tumultuoso, durante mais de um ano antes de ter arrefecido.

— Achas que ele era daqui? Como se chama?

— Ele nunca assinava com o nome. Ela... — Cilla olhou para cima, apercebendo-se de como estavam próximos de uma janela aberta. Pegou no braço do pai e afastaram-se um pouco. — Ela disse ao homem que estava grávida.

— Grávida? Cilla, mas fizeram-lhe uma autópsia.

— Pode ter sido ocultado. Podia nem ser verdade, mas se fosse, se não fosse uma mentira para tentar trazê-lo de volta, podia ter sido ocultado. Ele ameaçou-a. Na última carta, disse-lhe que se ela tentasse expor a relação entre ambos, ia pagar por isso.

— Não queres acreditar que ela se matou — disse Gavin.

— Suicídio ou não, ela está morta. O que eu quero é a verdade. Ela merece isso e eu também. Há décadas que as pessoas falam de assassinato e conspiração. Talvez tenham razão.

— Ela era dependente de drogas, querida. Uma dependente que não conseguiu deixar de sofrer com a morte do filho. Uma mulher infeliz que brilhava em frente às câmaras, no palco, mas que nunca conseguiu encontrar realmente a felicidade longe deles. E quando o Johnnie morreu, ela deixou-se afundar na dor e tentou abafá-la com comprimidos e álcool.

— Ela arranjou um amante. E regressou aqui. O Johnnie beijou a tua namorada e, como resultado disso, sobreviveste. Os pequenos instantes mudam as vidas. E também as tiram. Quero descobrir que momento, qual foi o acontecimento que lhe tirou a vida a ela. Mesmo que o tenha feito pela sua própria mão.

7.

L A S V E G A S

1 9 5 4

JANET TINHA O VESTIDO RODADO, sem mangas, em frente do corpo enquanto girava diante da parede de espelhos.

— O que achas? — perguntou a Cilla. — O cor-de-rosa é mais elegante, mas quero mesmo vestir o branco. Todas as raparigas deviam poder vestir-se de branco no dia do seu casamento.

— Vais ficar linda. Vais ficar linda, jovem e incrivelmente feliz.

— Eu sou. Sou todas essas coisas. Tenho dezanove anos. Sou uma

grande estrela de cinema. O meu disco está no número um em todo o país. Estou apaixonada. — Continuou a rodopiar, uma e outra vez, com o cabelo salpicado de louro a esvoaçar em ondas brilhantes.

Mesmo em sonhos, a alegria pura dela sentia-se no ar, a dançar por cima da pele de Cilla.

— Estou loucamente apaixonada pelo homem mais maravilhoso, mais bonito do mundo. Sou rica, bonita e, neste momento, o mundo pertence-me.

— Vai pertencer-te durante muito tempo — disse-lhe Cilla. Mas não durante tempo suficiente. Nunca havia tempo suficiente.

— Devias usar o cabelo apanhado.

Janet atirou o vestido para cima da cama onde o vestido de brocados cor-de-rosa já estava posto de parte.

— Pareço mais velha com o cabelo apanhado. O estúdio nunca quer que o use apanhado. Eles ainda não querem que eu seja uma mulher crescida, uma mulher de verdade. Querem sempre que seja aquela rapariguinha simpática, que seja sempre a virgem.

A rir, começou a pentear o cabelo liso num torcido francês.

— Já não sou virgem desde os quinze anos. — Janet cruzou o olhar com o de Cilla através do espelho. Juntamente com a alegria via-se uma onda de diversão e uma fina centelha de desdém. — Achas que o público se preocupa se eu faço sexo?

— Algumas pessoas, sim. Algumas preocupam-se com isso. Mas a vida é tua.

— Podes crer que sim. E a carreira é minha. Quero papéis de adulta e vou arranjá-los. O Frankie vai ajudar-me. Depois de casarmos, ele vai gerir a minha carreira. Vai tratar de tudo.

— Pois vai — murmurou Cilla.

— Oh, sei bem no que estás a pensar. — De pé com o roupão de seda branco, Janet continuava a colocar ganchos no cabelo. — Daqui a um ano vou meter os papéis para o divórcio. Depois segue-se uma breve reconciliação, durante a qual engravidado do meu segundo filho. Neste momento estou grávida, mas ainda não sei. O Johnnie já está dentro de mim. Só tem uma semana ou duas, mas já existe. Tudo vai mudar hoje.

— Vais fugir para casar em Las Vegas, com o Frankie Bennett, que é quase dez anos mais velho do que tu.

— Vegas foi uma ideia minha. — Janet pegou numa lata de laca que estava na cómoda e começou a vaporizar nuvens sufocantes. — Queria enfiar-lhes o casamento pela goela abaixo, acho eu. Janet Hardy, com os papéis que desempenhou nem sequer saberia que Vegas existia. Mas

aqui estou, na penthouse do Flamingo, a vestir-me para o meu casamento. E ninguém sabe, só eu e o Frankie.

Cilla caminhou até à janela e olhou para a rua.

Lá em baixo uma piscina brilhava, os jardins luxuriantes contornavam-na, ondulantes. Para lá deles, os edifícios eram pequenos e um pouco de mau gosto. As cores estavam esbatidas, as formas difusas, como se fossem fotografias velhas que Cilla tinha de juntar para compor a paisagem do sonho.

— Isto agora não é nada como vai ser um dia. Vegas, quero dizer.

— O quê?

— Vais casar com o Bennett e o estúdio vai dar voltas e mais voltas para tentar contrariar os estragos. Mas na verdade, não vai haver estragos, porque vocês ficam tão bem juntos que é quase suficiente... a ilusão de duas pessoas lindas apaixonadas. Vais ter o teu primeiro papel de adulta com Sarah Constantine em *A Canção do Coração*. Vais ser nomeada para um Óscar.

— Depois do Johnnie. Tenho o Johnnie antes de *A Canção do Coração*. Até a senhora Eisenhower me vai enviar um presente para o bebé. Reduzo o consumo de comprimidos. — Deu uma palmadinha na garrafa que tinha na cómoda, antes de se virar para pegar no vestido. — Ainda consigo fazê-lo, diminuir os comprimidos e a bebida. É mais fácil quando estou feliz, como agora.

— E se soubesses o que ia acontecer? Se soubesses que Frankie Bennett ia enganar-te com várias mulheres, que ia jogar uma grande parte do teu dinheiro e esbanjar ainda mais? Se soubesses que ele te ia partir o coração e que daqui a menos de um ano tentarias matar-te pela primeira vez, irias para a frente com o casamento?

Janet entrou no vestido.

— Se não o fizesse, onde estarias tu? — Virou-se. — Aperta-me o vestido, apertas?

— Mais tarde disseste que a tua mãe te ofereceu ao estúdio enquanto virgem e que eles despedaçaram toda a tua inocência, pedaço por pedaço. E que Frankie Bennett pegou nesses pedaços e os desfez como se fossem confetti.

— O estúdio fez de mim uma estrela. — Colocou as pérolas nas orelhas. — Eu não me afastei. Desejava o que eles me davam e ofereci-lhes a minha inocência em troca. Queria o Frankie e dei-lhe o que restava.

Segurou uma fiada dupla de pérolas e Cilla, entendendo o que ela queria, pegou nelas e colocou-lhas ao pescoço.

— Nos próximos dez anos vou fazer trabalhos fantásticos. Os meus melhores. E vou fazer trabalhos também bastante bons nos dez anos se-

guintes. Bem, quase dez — disse com uma gargalhada. — Mas quem está a contar, não é? Talvez precise de estar no meio da agitação para atingir o meu potencial. Quem sabe? Quem quer saber?

— Eu quero.

Com um sorriso suave, Janet virou-se e deu um beijo no rosto de Cilla.

— Eu procurei pelo amor durante toda a minha vida e entreguei-o com demasiada frequência, com demasiada intensidade. Talvez se não tivesse procurado tanto, alguém me tivesse dado amor também. O cinto vermelho! — Afastou-se a dançar para ir buscar um cinto vermelho largo que estava junto das roupas caídas na cama. — É só um toque de vermelho, é a cor favorita do Frankie. Ele adora ver-me de vermelho.

Colocou o cinto, que parecia uma faixa de sangue, e calçou sapatos a condizer.

— Que tal estou?

— Perfeita.

— Quem me dera que viesses, mas só lá vou estar eu e o Frankie, e aquele juiz da paz velho e engraçado, com a mulher que toca espineta. O Frankie vai dar a informação à imprensa sem me dizer nada, e é assim que aquela fotografia dos dois a sair da capela pirosa vai parar às páginas da *Photoplay*. Depois é que são elas. — Deu uma gargalhada. — Que aventura.

Janet riu-se incessantemente, até Cilla ouvir o eco das suas gargalhadas enquanto acordava.

COMO QUERIA DEIXAR que os pensamentos se afastassem do barulho e das distrações, Cilla passou a maior parte dos dois dias seguintes a fazer uma triagem às dezenas de caixas e baús que tinha levado para o celeiro.

Cilla conseguira determinar logo na primeira passagem que a mãe já tinha revistado e pilhado tudo o que achara digno de algum valor. Mas Dilly deixara escapar alguns tesouros. Acontecia-lhe com frequência, na opinião de Cilla; por ter sempre tanta pressa em pegar no objeto mais brilhante, deixava escapar os pequenos diamantes em bruto.

Como aquela velha fotografia escondida entre as páginas de um livro. Uma Janet já muito grávida, deitada numa espreguiçadeira junto ao lago, a posar para a câmara com um brilhantemente bonito Rock Hudson. Ou o guião de *Com Violetas* — que valera a Janet a segunda nomeação para um Óscar — enterrado num baú cheio de cobertores velhos. Encontrou uma pequena caixa de música em forma de piano de cauda

que tocava o “Für Elise”. Lá dentro, um bilhete dizia: *De Johnnie, Dia da Mãe, 1961*, na caligrafia revirada de Janet.

No fim daquela tarde chuvosa, tinha um monte de coisas para colocar no lixo e um pequeno conjunto de caixas para guardar.

Quando levou um carrinho de mão cheio de coisas, percebeu que a chuva se tinha transformado num sol frágil e que o jardim da frente da sua casa estava cheio de gente. Ford e o paisagista estavam na relva molhada a rirem-se um do outro, ao lado de um homem com cabelo prateado cor de aço, vestido com um corta-vento fino. A aproximar-se deles, vindo de uma carrinha de caixa aberta vermelha, encontrava-se o homem da empresa de telhados que Cilla contratara. Atrás dele vinha um rapaz com cerca de dez anos e um cão grande branco.

Depois de fazer algumas poses e de espreitar por entre as pernas de Ford, *Spock* foi em bicos de pés — se é que a expressão se podia adequar a cães — até ao cão branco; cheirou-o e a seguir deitou-se e mostrou-lhe a barriga, numa atitude submissa.

— Boa-tarde. — Cleaver, da Telhados e Calhas Cleaver, cumprimentou-a com um aceno de cabeça. — Tive de verificar um trabalho ali no fundo da rua e aproveitei para parar a caminho de casa, para lhe dizer que se o tempo estiver bom, começamos amanhã de manhã.

— Isso é ótimo.

— Estes são os meus netos, Jake e Lester. — Piscou o olho a Cilla. — Eles não mordem.

— Folgo em saber.

— Avô. — O rapaz revirou os olhos. — O *Lester* é o meu cão.

Quando Cilla se agachou para cumprimentar o cão, *Spock* meteu-se entre ambos para reclamar a mão dela. Era bastante claro: *Não, não, festas a mim primeiro*.

Cleaver acenou ao trio de homens que se encaminhava para eles.

— Tommy, meu grande filho da... — Cleaver olhou de relance para o neto e sorriu. — Mãe. Não penses que consegues convencer a menina com falinhas mansas para ela te vender a casa. Tenho o telhado para arranjar.

— Como estás, Hank? Não estou aqui para comprar. Vim só ver o meu rapaz.

— Cilla, este é o meu pai — disse Brian, o paisagista, segurando o ombro do pai. — Tom Morrow.

— Olhe que ele é manhoso, menina McGowan. — Hank avisou-a com um novo piscar de olhos. — Tenha cuidado com ele. Antes que dê por ela, já a convenceu a vender-lhe a propriedade, para a transformar numa dúzia de casas.

— Neste espaço? Não dava para mais de seis. — Tom ofereceu-lhe um sorriso e a mão. — Bem-vinda à Virgínia.

— Obrigada. É empreiteiro?

— Trato do desenvolvimento de propriedades, residências e comerciais. Tem aqui um projeto e tanto. Ouvi dizer que contratou boa gente para trabalhar aqui, excluindo os presentes, claro — disse com um sorriso malandro dirigido a Hank.

— Antes de estes dois se pegarem, tenho uns esboços dos jardins que queria deixar contigo para dares uma vista de olhos. Queres ajuda com esse carrinho de mão?

Cilla abanou a cabeça.

— Eu trato disto. Estava só a dar uma vista de olhos às coisas que trouxe do sótão, que estão agora guardadas no celeiro. É trabalho para dias de chuva, acho eu.

Brian pegou numa torradeira velha do carrinho de mão.

— As pessoas guardam as coisas mais estranhas.

— Pois guardam.

— Nós limpámos o nosso sótão quando a minha mãe morreu — disse Hank. — Encontrámos uma caixa cheia de pratos partidos e uma dúzia delas cheias de papéis. Recibos de mercearias com trinta anos, e sabe Deus mais o quê. Mas tem de ter cuidado quando estiver a escolher as coisas, menina McGowan. Misturadas nos papéis, encontrámos as cartas que o meu pai lhe escreveu quando esteve na Coreia. Tinha os boletins de notas de todos nós, somos seis irmãos, até ao liceu. Nunca deitava nada fora, abençoada, mas também lá tinha coisas importantes.

— Vou fazer a triagem com toda a calma. Até agora tenho encontrado uma mistura interessante de ambos os lados da família.

— Pois é, esta quinta costumava ser do McGowan. — Tom olhou para a propriedade. — Lembro-me quando a sua avó a comprou ao velho McGowan, por volta de 1960. O meu pai andava de olho na terra, com a esperança de a desenvolver. Depois de Janet Hardy a comprar, andou macambúzio durante um mês; depois convenceu-se de que ela não havia de cá ficar mais de meio ano e que nessa altura a podia comprar por tuta e meia. Ela provou que ele estava bem enganado. É um lugar bonito — acrescentou Tom, depois espetou o dedo no filho. — Certifica-te de que o deixas ainda mais bonito. Tenho de ir andando. Boa sorte, menina McGowan. Se precisar de alguma recomendação de pessoal, é só ligar-me.

— Obrigada.

— É melhor ir andando também. — Hank puxou a aba do chapéu. — Vou levar os meus netos para casa, para jantarem.

— Avô...

— Ainda vão ficar vinte minutos na conversa — disse Brian quando o pai e Hank se encaminharam para a carrinha vermelha. — Mas eu tenho mesmo de ir. — Entregou um grande envelope castanho a Cilla. — Depois diz-me o que achaste e que mudanças queres fazer.

— Digo, sim, obrigada.

Depois de Brian deitar a torradeira para o contentor, apontou o dedo a Ford.

— Até logo, Rembrandt.

Com uma pequena gargalhada, Ford acenou-lhe.

— Vemo-nos por aí, Picasso.

— Rembrandt?

— É uma história curta. Espera aí. Cristo. — Depois de Cilla lhe entregar o envelope e começar a empurrar o carrinho de mão em direção à rampa do contentor, Ford afastou-a para o lado. — Exercita os músculos à vontade, mas não quando eu estou aqui com uma série de papéis na mão e há outros homens por perto.

Voltou a entregar-lhe o envelope, depois empurrou o carrinho de mão para o contentor.

— O Brian e eu sabíamos desenhar bem; já não sei porquê nem como, acabámos por entrar num desafio para ver quem desenhava mais partes sexuais e posições. Fomos apanhados a passar os desenhos para um lado e para o outro na sala de estudo. E ganhámos um passe de três dias.

— Um passe para onde?

Ele olhou para baixo enquanto despejava o carrinho de mão.

— Para a suspensão. Presumo que não tenhas andado numa escola normal.

— Tive professores particulares. Que idade tinhas?

— Talvez uns catorze anos. No caminho para casa, até fiquei com as orelhas a arder, depois de a minha mãe me ter ido buscar. E fiquei de castigo durante duas semanas. Duas semanas. Foi a minha primeira e última mancha negra na escola. Foi muito duro. Humm.

— Aposto que eles ainda têm os desenhos — disse Cilla quando ele voltou a descer com o carrinho. — E as gerações futuras vão encontrá-los no sótão.

— Achas que sim? Bem, os desenhos mostravam um talento verdadeiramente promissor e uma imaginação muito saudável. Queres ir dar uma volta?

— Uma volta?

— Podíamos ir jantar a qualquer lado, ir ao cinema.

— O que está em exibição?
— Não faço ideia. Estava a pensar no filme como um veículo para pipocas e para o teu peçoço.
— Parece-me bem — decidiu Cilla. — Podes guardar o carrinho de mão no celeiro, enquanto eu vou tomar banho.

COM A INSTALAÇÃO ELÉTRICA nova aprovada, Cilla observou Dobby e o neto a colocarem novo estuque nas paredes da sala de estar. A arte apresentava-se de muitas formas, pensou, e tinha encontrado ali um par de artistas. Não seria um trabalho rápido, mas, bolas, seria um trabalho bom.

— Também faz trabalhos mais elaborados? — perguntou a Dobby.
— Medalhões, sancas?

— Aqui e acolá. Não são trabalhos muito requisitados hoje em dia. Já se vendem as coisas pré-feitas e mais baratas, por isso a maior parte das pessoas opta por comprar.

— Eu não sou como a maior parte das pessoas. Trabalhos elaborados são capazes de não ficar bem nesta zona. — Com as mãos nas ancas, fez um círculo na sala desarrumada e cheia de panos. — Mas simples e bonito é capaz de ficar. E podia funcionar bem no quarto principal, na sala de jantar. Nada floreado — disse, pensando em voz alta. — Nada de querubins alados ou cachos de uvas. Mas talvez um padrão. Alguma coisa celta... seria uma homenagem a ambas as famílias, McGowan e Moloney.

— Moloney?

— Como? Desculpe. — Distraída, olhou novamente para Dobby. — Maloney era o nome de solteira da minha avó, mas a mãe *dela* mudou-o para Hamilton logo após Janet ter nascido. Depois o estúdio mudou-o para Hardy. De Gertrude Moloney, para Trudy Hamilton para Janet Hardy. Quando era miúda, chamavam-lhe Trudy — acrescentou, pensando nas cartas.

— Ai sim? — Dobby abanou a cabeça, mergulhando a pá de estuque. — Trudy é um nome bonito, antigo.

— E não era suficientemente brilhante para Hollywood, pelo menos na altura em que ela lá chegou. Em certa ocasião, disse numa entrevista que depois de começarem a chamar-lhe Janet, já ninguém lhe chamava Trudy. Nem mesmo a família. Mas às vezes, a própria punha-se em frente ao espelho para dizer olá a Trudy, só para se lembrar de quem era. Enfim, se eu encontrar alguns desenhos, depois podemos conversar sobre colocá-los lá em cima.

— Podemos, sim senhora.

— Vou fazer alguma pesquisa. Talvez pudéssemos... desculpe — disse quando o telemóvel começou a tocar no bolso. Cilla pegou nele e abafou um suspiro quando viu o número da mãe no ecrã. — Desculpe — repetiu, depois saiu para atender a chamada.

— Olá, mãe.

— Achaste que eu não ia ouvir falar disto? Achaste que eu não ia ler?

Cilla encostou-se à coluna do varandim e olhou para a casa bonita de Ford, do outro lado da estrada.

— Estou bem, obrigada. E tu, como estás?

— Não tens o direito de me criticar, de me julgar. De me *culpar*.

— Em que sentido?

— Poupa-me ao teu sarcasmo, Cilla. Sabes exatamente do que estou a falar.

— Não sei mesmo. — O que estaria Ford a fazer?, questionou-se Cilla. A escrever? A desenhar? Estaria a transformá-la numa deusa guerreira? Alguém que enfrentaria o mal em vez de calcular até onde podia esticar o orçamento para incluir medalhões de gesso, ou como lidar à distância com um ataque de mau génio da mãe.

— O artigo no jornal. Sobre ti, sobre a quinta. Sobre mim. Viram-no na AP.

— Ai sim? E isso incomoda-te? Sempre é publicidade.

— “O objetivo da menina McGowan é restaurar e respeitar a sua herança entretanto negligenciada. Falando por cima dos ruídos ocupados de martelos e serrotes, disse-nos: — A minha avó sempre se referiu à Quinta Pequena com grande afeto e dizia que se sentiu atraída por ela desde o primeiro instante. O facto de ter comprado a casa e a propriedade ao meu bisavô paterno, só faz com que a minha ligação ao local seja ainda maior...”

— Eu sei o que disse, mãe.

— “O meu objetivo, pode dizer-se a minha missão, é fazer um tributo ao legado de Janet, às raízes que tenho aqui, não apenas restaurando a casa e a terra, mas fazendo com que elas brilhem. E de certa forma isso respeita a sua integridade e a comunidade”.

— Parece um bocadinho pomposo — comentou Cilla. — Mas é a verdade.

— “Mas não se fica por aqui, a casa era o cenário ideal para os famosos e ilustres que visitavam Janet Hardy nos seus tempos áureos. Um cenário bucólico para os seus filhos, que agora se resume a tinta descascada, madeira apodrecida e jardins selvagens, depois de uma geração

de negligência e desinteresse, enquanto a filha de Janet Hardy, Bedelia Hardy, tentava seguir os mesmos passos brilhantes da mãe”. Como podes ter deixado que imprimissem uma coisa destas?

— Sabes tão bem quanto eu que não consigo controlar a imprensa.

— Não quero que dê mais entrevistas.

— E devias saber também que não consegues controlar aquilo que eu faço ou deixo de fazer. Já não. Rentabiliza isto, mãe. Sabes como o fazer. Foi a dor que te afastou do local, e etc., os tempos felizes que aqui passaste foram ensombrados, abafados até pela morte da tua mãe. Vai valer-te alguma compaixão e mais publicidade.

A longa pausa disse a Cilla que a mãe estava a examinar todos os ângulos da questão.

— Como posso pensar nesse lugar como outra coisa que não um túmulo?

— Estás a ver? É por aí.

— Para ti é fácil falar, contigo é diferente. Tu nunca a conhecestes. Para ti, ela é apenas uma imagem, um excerto de um filme, uma fotografia. Mas para mim ela era de carne e osso. Era a minha mãe.

— Está bem.

— Seria melhor para todos se fizesses passar as tuas entrevistas por mim e pelo Mario. E acho que qualquer jornalista que quisesse fazer um trabalho legítimo ter-se-ia dado ao trabalho de me contactar para me pedir um comentário ou citação. Da próxima vez, certifica-te de que o fazem.

— Levantaste-te cedo — disse Cilla, para fugir à questão.

— Tenho ensaios, provas de guarda-roupa. Já estou cansada e nem sequer comecei.

— És valente. Queria perguntar-te uma coisa. Durante o último ano, mais mês menos mês, antes de a Janet morrer, sabes com quem estava envolvida?

— Romanticamente? Naquelas primeiras semanas depois da morte do Johnnie, ela mal conseguia sair da cama. Ou então andava a subir pelas paredes a exigir a presença de pessoas e a dar festas. Num minuto agarrava-se a mim e no minuto seguinte enxotava-me. Aquilo marcou-me, Cilla. Perdi o meu irmão e a minha mãe muito perto um do outro. E na verdade, perdi-os a ambos na noite em que o Johnnie morreu.

Como acreditava que aquilo era profunda e dolorosamente verdade, o tom de voz de Cilla suavizou-se um pouco.

— Eu sei. Nem consigo imaginar como deve ter sido terrível.

— Ninguém consegue. Estava sozinha. Tinha dezasseis anos mal feitos e não tinha mais ninguém. Ela deixou-me, Cilla. Escolheu dei-

xar-me. Nessa mesma casa que estás tão determinada em transformar num altar.

— Não é isso que estou a fazer. Com quem andava ela, mãe? Tinha algum romance secreto, com um homem casado? Um caso que correu mal.

— Ela tinha muitos casos. Porque não teria? Era linda, transbordava de vida e precisava de amor.

— Mas teve algum caso específico durante este período de tempo?

— Não sei. — A voz de Dilly engoliu as palavras. — Tento não pensar muito nesse tempo. Foi um inferno para mim. E porque te preocupas tu com isso? Porque queres trazer novamente à superfície esse tipo de coisas? *Odeio* as teorias e as especulações.

Vai com cuidado, pensou Cilla.

— Estou apenas curiosa. Ouço as pessoas a falar e ela passou aqui muito tempo naquele último ano, ano e meio. Que eu saiba, não estava envolvida com ninguém em L.A. Não era muito característico dela estar muito tempo sem um homem.

— Os homens não lhe resistiam. Porque resistiriam? Depois deixavam-na sempre ficar mal. Faziam promessas que não cumpriam. Enganavam-na, roubavam-na e Deus sabe que não suportam quando a mulher é mais bem-sucedida do que eles.

— Então, como vão as coisas entre ti e o Núme... o Mario?

— Ele é a exceção que confirma a regra. Encontrei finalmente o tipo de homem de que preciso. A minha mãe não. Ela nunca encontrou um homem que fosse digno dela.

— E nunca deixou de procurar — incentivou Cilla. — É como te digo, estou curiosa. Se te ocorrer alguma coisa, diz-me. É melhor deixar-te ir para o teu ensaio.

— Oh, eles que esperem! O Mario teve a melhor ideia de sempre. É fenomenal e uma oportunidade tão boa para ti. Eu e tu vamos fazer um dueto no espetáculo, no segundo ato. Uma rapsódia das canções da minha mãe com excertos e imagens dos filmes dela num ecrã atrás de nós. Vamos acabar com “*Vou Sobreviver*”, em trio, colocando-a no palco conosco, como a Céline Dion fez com o Elvis Presley. Ele disse que vai falar com a HBO, Cilla, para transmitirem o espetáculo.

— Mãe...

— Tens de vir para cá na semana que vem, para os ensaios, provas de guarda-roupa e coreografia. Ainda estamos a trabalhar na composição, mas o número terá quatro minutos. Quatro espetaculares minutos, Cilla. Queremos dar-te uma boa oportunidade de regressares.

Cilla fechou os olhos e ponderou se serrava a língua e a deixava voar. Depois decidiu-se algures por um meio-termo.

— Agradeço muito, mãe, a sério que sim. Mas não quero regressar, geográfica ou profissionalmente. Não quero atuar mais. Quero construir.

— E vais estar a construir. — O entusiasmo borbulhava do outro lado do continente. — A tua carreira e a ajudar na minha. As três mulheres Hardy. Cilla, é um acontecimento.

O meu nome é McGowan, pensou Cilla.

— Acho que é melhor teres a atenção concentrada em ti. E o dueto com a Janet? Pode vir a ser adorável, absolutamente devastador.

— São quatro minutos, Cilla. Podes dispensar-me a porra de quatro minutos por noite durante algumas semanas. E vai virar a tua vida do avesso. O Mario diz...

— Eu acabei de virar a minha vida do avesso e gosto muito de como ela está agora. Tenho de ir. Tenho trabalho a fazer.

— Não te...

Cilla fechou o telemóvel e colocou-o deliberadamente no bolso de trás. Ouviu alguém a pigarrear atrás de si e, quando se virou, viu Matt junto à porta.

— Os homens acabaram de colocar a argamassa dos mosaicos na casa de banho lá de cima. Pensei que talvez quisesses dar uma vista de olhos.

— Quero, sim. Então amanhã já podemos instalar as loiças novas.

— Julgo que sim.

— Deixa-me ir buscar o meu martelo. Podemos começar já a derrubar aquela parede lá em cima. Está a apetecer-me demolir qualquer coisa.

HAVIA POUCA COISA, pensou Cilla, que lhe desse mais satisfação do que destruir completamente uma parede. Aliviava a frustração, provocava um aumento rápido e louco de alegria e cumpria todo o tipo de fantasias negras. Na verdade, era — a vários níveis — tão terapêutico como bom sexo.

E uma vez que naquele momento não andava a fazer sexo — do bom ou do outro —, derrubar paredes cumpria o seu propósito. Podia fazer sexo, pensou enquanto saía a passos largos de casa, deixando um rasto de pó atrás de si. Ford e a sua boca mágica tinham deixado isso bastante claro.

Mas Cilla estava numa espécie de moratória — fazia parte do programa dá-uma-volta-à-tua-vida, presumia. Mundo novo, vida nova, estilo novo. E ali tinha encontrado a verdadeira Cilla McGowan.

Gostava dela.

Tinha a casa para recuperar, a licença de empreiteiro para tirar e

um negócio que queria estabelecer. Além disso, tinha um mistério de família para revelar. Envolver-se sexualmente com o borracho do vizinho não era a coisa mais inteligente que podia fazer.

Claro que, quando Cilla saiu de casa a pensar em sexo, ele tinha de estar no varandim da sua casa. E aquele formigueiro insistente que sentia fez com que Cilla se questionasse se seria mesmo, completa e absolutamente necessário privar-se de sexo. Eram ambos adultos, desimpedidos, interessados um no outro; por isso, por que motivo não podia ir até casa dele e sugerir que passassem uma noite juntos? A fazer qualquer coisa mais *enérgica* do que partilhar uma cerveja?

Com simplicidade. Sem danças, pretensões, ou ilusões. Não era isso que a verdadeira Cilla queria? Enquanto pensava, inclinou a cabeça para o lado. E o pó do estuque caiu-lhe da pala do boné.

— Talvez devesse tomar um duche primeiro.

— És fraca e lamentável — resmungou Cilla entre dentes e, divertida consigo própria, começou a contornar a casa até à parte de trás, onde estava a equipa de paisagistas. Ouviu o rugido profundo de um motor potente e olhou para trás. Uma *Harley* preta, esguia e veloz como uma bala, passou lá ao fundo na estrada e pareceu fazer ricochete no portão aberto. Mesmo enquanto a mota fazia voar a gravilha, Cilla correu na sua direção, a rir. O motorista saltou da mota, aterrou nas botas de combate gastas e apanhou Cilla a meio de um salto.

— Olá, boneca.

Balançou-a num círculo rápido e beijou-a entusiasticamente.